



**CORPOS QUE NÃO IMPORTAM:  
MULHERES TRAVESTIS  
NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**CORPOS QUE NÃO IMPORTAM:  
mulheres travestis nos livros didáticos de Geografia**

Tyrone Andrade de Mello

Porto Alegre/RS – 2021

Tyrone Andrade de Mello

**CORPOS QUE NÃO IMPORTAM:**  
mulheres travestis nos livros didáticos de Geografia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivaine Maria Tonini

Linha de pesquisa Ensino de Geografia

Porto Alegre/RS – 2021

### CIP - Catalogação na Publicação

Mello, tyrone Andrade de  
Corpos que não importam: mulheres travestis nos  
livros didáticos de geografia / tyrone Andrade de  
Mello. -- 2021.  
100 f.  
Orientadora: Ivaine Maria Tonini.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa  
de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS,  
2021.

1. Gênero. 2. mulheres travestis. 3. livro  
didático. 4. imagens. 5. práticas pedagógicas. I.  
Tonini, Ivaine Maria, orient. II. Título.

Tyrone Andrade de Mello

**CORPOS QUE NÃO IMPORTAM:**  
mulheres travestis nos livros didáticos de Geografia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em : 09 de novembro de 2021.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivaine Maria Tonini (UFRGS) – Orientadora

---

Prof. Dr. Nestor André Kaercher (UFRGS)

---

Prof. Dr. Carlos André Gayer Moreira (IFFAR)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Débora Schardosin Ferreira (UERJ)

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Joseli Maria Silva (UEPO)

Dedico este estudo às mulheres travestis: Alina, Nicolle, Sayonara, Sara, Cilene, Nat Maat, Alexya, Alice, Amara, Atena, Brenda, Bruna, Duda, Érika, Fê, Júlia, Laerte, Linn, Jup, Kylie, Megg, Natasha, Pepita, pelo aprendizado e amizade. Mesmo o contato tendo sido online, as vozes delas reverberaram minha escrita.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de aqui registrar meus agradecimentos:

À minha mãe, Jane Maria de Andrade, e a meu pai, Eutichiano Davi Neto, pois me ajudaram como puderam e me apoiaram, embora não compreendessem nada do que eu fazia.

À comunidade escolar da Escola Estadual de Ensino Fundamental Osório Duque Estrada, onde fiz minhas experiências com atividades pedagógicas referentes a travestis. A todos os meus alunos e alunas da minha escola, em especial das turmas 71 e 72, que foram excelentes ao realizarem as atividades propostas no meu trabalho.

Às professoras Tania Marques e Márcia Helena Pilon, pela revisão de português dos textos de qualificação e dissertação, de maneira voluntária.

À minha orientadora Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini, pelo acolhimento, aprendizado e por ter se lançado junto comigo nesta e noutras tantas aventuras acadêmicas, como na orientação do Trabalho de Conclusão de Graduação em Geografia e participações em eventos e publicações de artigos.

Aos colegas do grupo de orientação Davi Teles Dietrich Lessa, Ludmila Losada da Fonseca, Joaquim Rauber, Talita Rondam Herechuk, Tais de Medeiros Silva, Cláudia Melatti, Juliana Carvalho Cardoso e Gabriel Siqueira Correa, agradeço o companherismo, o compartilhar de textos, os debates nas sessões de estudos de sábados de manhã.

À secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia, agradeço pelo sempre pronto atendimento às minhas demandas solicitadas.

À professora Joseli Maria Silva, por sua gentileza em auxiliar na pesquisa por meio da indicação de livros, artigos e links de sites, permitindo que desenvolvesse esta pesquisa.

Aos professores da banca de qualificação, Profa. Dra. Débora Schardosin Ferreira, Prof. Dr. Nestor André Kaercher e Profa. Dra. Cristianne Maria Famer Rocha, pois suas dicas serviram como guia para a finalização deste estudo.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, que se interessaram por meu projeto de estudo ao auxiliarem com muitos encaminhamentos.

Você quer que eles te vejam  
Como veem qualquer outra garota  
Eles só veem um “viado”  
(AGAINST ME!, 2014).



## RESUMO

A intenção central desta pesquisa foi construir visibilidade de gênero travesti numa prática educativa transgressora dos conteúdos do ensino de Geografia nos livros didáticos de Geografia do 7º Ano. Todo o trabalho foi feito mediante uma análise bibliográfica para respaldo e embasamento teórico acerca dos livros didáticos e questões relacionadas a gênero e sexualidade, considerando-se também a participação de alunos envolvidos na pesquisa. O trabalho teve contribuição de pessoas travestis, em contato on-line, para a compreensão de identidade de gênero e sua existência espacial. Já os relatos dos alunos produzidos nas e pelas imagens de mulheres cis serviram para espacializar a história de lugares negados ou “dentro do armário”, tendo em vista que o significado de ser homem ou de ser mulher depende de um contexto que é oferecido pelo espaço e é relacional. Essas construções estão submetidas a leis e regulações em que cada época e sociedade estabelece o que pode ser permitido e o que pode ser transgressor. Ao tomarmos conhecimento do mundo pelas imagens, vemos como a educação do olhar é importante na geografia escolar. Portanto, neste estudo, analiso os relatos das atividades propostas sem julgamentos e, sim, como momento de opinar sobre o tema e montar mosaico de imagens de mulheres em diferentes escalas espaciais e temporais, numa tentativa de estimular a imaginação e a escrita, bem como o espírito crítico. Através dos relatos das atividades, é possível combater estereótipos, preconceitos e discriminações presentes nos conteúdos dos livros didáticos. Trata-se de dar voz às mulheres travestis silenciadas nas páginas dos livros.

Palavras-chave: Gênero, Mulheres travestis, Livro Didático, Imagens, Práticas Pedagógicas.

## ABSTRACT

The main intention of this research was to build visibility of the transvestite gender in an educational practice that transgresses the contents of teaching Geography in the 7th Grade Geography textbooks. All work done through a bibliographic analysis to support and theoretically support textbooks and issues related to gender and sexuality. Also considering the participation of students involved in the research. The work was contributed by transvestite people in contact online as an understanding of gender identity and their spatial existence. The students' reports produced in and by the images of cis women served to spatialize the history of denied places or inside the closet, considering that the meaning of being a man or being a woman depends on a context that is offered by the space and is relational . These constructions are subject to laws and regulations where each time and society establishes what can be allowed and what can be transgressive. When we get to know the world through images, we see how the education of the look is important in school geography. Therefore, in this study, I analyze the reports of the proposed activities without judgments, but rather a moment to express an opinion on the theme and assemble a mosaic of images of women in different spatial and temporal scales in an attempt to stimulate imagination and writing, as well as a critical spirit. Through the reports of the activities, it is possible to combat stereotypes, prejudices and discrimination in the contents of textbooks. It is about giving voice to transvestite women silenced in the pages of books.

Keywords: Gender, Transvestite Women, Textbook, Images, Pedagogical Practices.

## LISTA DE FIGURAS

|           |   |    |
|-----------|---|----|
| Figura 1  | Gráfico usado na pesquisa.....  | 44 |
| Figura 2  | Imagem de resultado de busca usado na pesquisa.....                   | 44 |
| Figura 3  | Mapa on-line usado na pesquisa.....                                   | 46 |
| Figura 4  | Possibilidade de fazer denúncias no processo do pnld.....             | 49 |
| Figura 5  | Guia de livros didáticos de 2020.....                                 | 50 |
| Figura 6  | Modelo de ficha de análise do LD.....                                 | 50 |
| Figura 7  | Ausência de referência de atlas lgbtqi.....                           | 50 |
| Figura 8  | A pergunta do aluno “é um homem?.....                                 | 58 |
| Figura 9  | A pergunta do aluno “qual a identidade de gênero da professora?”..... | 58 |
| Figura 10 | A pergunta do aluno “na foto tem jogadora trans?”.....                | 59 |
| Figura 11 | Imagem de mulher no livro didático.....                               | 64 |
| Figura 12 | Imagem de mulher travesti na internet.....                            | 65 |
| Figura 13 | Pesquisar sobre as travestis.....                                     | 73 |
| Figura 14 | Três pesquisadoras mulheres travestis.....                            | 77 |
| Figura 15 | Um cartografia das mulheres no plural 1.....                          | 79 |
| Figura 16 | Um cartografia das mulheres no plural 2.....                          | 80 |
| Figura 17 | Um cartografia das mulheres no plural 3.....                          | 80 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|           |   |    |
|-----------|---|----|
| Gráfico 1 | Acesso dos alunos à plataforma de ensino.....         | 33 |
| Gráfico 2 | Distribuição das imagens de mulheres nos livros ..... | 66 |

## LISTA DE TABELA

|          |  |    |
|----------|--|----|
| Tabela 1 | Os alunos que participaram da pesquisa.....                                      | 35 |
| Tabela 2 | Rendimentos médio mensal por faixa etária, cor/raça e sexo (em reais) -2016..... | 42 |

## LISTA DE QUADROS

|          |  |    |
|----------|--|----|
| Quadro 1 | Estudos de gênero e sexualidade.....                                   | 19 |
| Quadro 2 | Mulheres travestis referência no Brasil.....                           | 25 |
| Quadro 3 | Trajetórias do movimento trans brasileiro 1950 a 2021.....             | 28 |
| Quadro 4 | Material analítico da pesquisa.....                                    | 37 |
| Quadro 5 | Distribuição de mulheres na linguagem visual nos livros didáticos..... | 65 |
| Quadro 6 | Conteúdos desenvolvidos nas atividades.....                            | 72 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| ENCONTROS COM O TEMA .....  | 15 |
| 1. POR QUE GÊNERO TRAVESTI? POR QUE NA GEOGRAFIA? .....                         | 24 |
| 2. A DESCOBERTA DA DÚVIDA .....   | 33 |
| 2.1. Da prática à aventura .....  | 39 |
| 2.2. Percurso didático .....  | 42 |
| 3. TRANSGREDINDO O LIVRO DIDÁTICO .....   | 50 |
| 3.1. Apresentando o livro didático .....  | 50 |
| 3.2. Desfazendo as imagens .....  | 58 |
| 3.3. Livro didático invertido .....   | 63 |
| 4. COMEÇAR A TRANSGREDIR .....  | 74 |
| 5. CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS: AS SILENCIADAS FAZEM AQUI O<br>SEU LUGAR ..... | 87 |
| REFERÊNCIAS .....   | 90 |
| APÊNDICES .....   | 98 |

## ENCONTROS COM O TEMA

Eles só veem um viado.

Início com esse excerto da letra de música da banda Against Me! para começar minha escrita com esse sentimento que marca a pessoa no seu processo de subjetivação ao ouvir um dito desses. Esse verso é da primeira faixa da música intitulada *Transgender Dysphoria Blues* (2014), que fala do desconforto de não se sentir parte do mundo, ao redor e do próprio corpo, depois que a vocalista Laura Jane Grace tornar pública sua identidade de gênero.

Também vou contar um pouco da minha infância para fazer uma analogia ao sentimento de desconforto trazido pelo verso acima. Nasci no bairro Sarandi e cresci aos cuidados da minha avó no conjunto residencial Passo d'Areia, Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (I.A.P.I), no município de Porto Alegre, enquanto minha mãe estava no seu trabalho. Quando completei 10 anos, começou uma nova etapa da vida da minha mãe em outro casamento. Sou o segundo dos cinco irmãos e irmãs: André, Alessandro, Juliana, Viviane e Benicio, que nasceu em 2017. Em 1985 me mudei da zona norte para a zona sul do município, onde residi até 1994, quando me mudei novamente para outro bairro, continuando na zona sul.

Dos 10 anos em diante comecei a manifestar a expressão de gênero quando, com minha irmã mais velha, brincava de casinha, com telefones, pratos e talheres e bonecas. Nos atuais encontros de família, minha irmã lembra dessa época, pois brincávamos bastante juntos. Eram brincadeiras leves, sem conotação de gênero. Mas na escola onde eu estudava, embora não se discutisse gênero, havia preconceito explícito nas brincadeiras de recreio: brincar de casinha era “coisa de menina”, enquanto jogar bola era “brinquedo de menino”, muito reforçado pela indústria de brinquedos. Diante disso, havia para mim uma separação nítida dos locais em que poderia me entreter com determinados brinquedos.

Para exemplificar, trago relato de Fernanda Riquelme, ao mostrar como era o tratamento recebido por realizar brincadeiras consideradas transgressoras. Ela conta a sua história de menina delicada desde os sete anos, em artigo *A vida da travesti é glamour, mas também é violência em todo lugar*. A família a colocou num seminário por apresentar esse comportamento afeminado, mas ela gostava de brincar com coisas de meninas e assim ela foi crescendo.

Para além da minha infância, ao atuar como professor de Geografia, percebo essa discriminação até no olhar, na forma como sou observado pelos alunos e pela comunidade



escolar. Visam o meu vestuário, o meu comportamento, o meu jeito de falar e de andar. Enfim, tudo o que compõe a minha corporalidade. Alguns alunos chegaram a perguntar-me se nunca questionei a minha sexualidade. Por tudo isso, o meu interesse pelo tema do gênero foi se tornando mais instigante.

De aluno de escola pública, brigão, concluinte da Educação Básica na época denominada Supletivo, atualmente Educação de Jovens e Adultos, até chegar à graduação de Geografia, a expressão de gênero que manifestei foi passageira, pelo menos assim acredito. Somente no final do curso de graduação passei a me interessar por questões de gênero.

Essa minha história de vida de marcas de gênero fez-me pensar meu próprio corpo e sobre como sou observado pelos alunos e pela comunidade escolar em que a travestilidade era essa sensação, sentimento. No entanto, fui-me apropriando das leituras, e entender o que é ser travesti não era o que pensava com tal comportamento.

Já havia pesquisado esse tema no meu Trabalho de Conclusão de Graduação (TCG), o que me motivou a dar continuidade a uma nova investigação no mestrado. A temática de gênero e sexualidade apareceu para mim como leituras acadêmicas e possibilitou um alargamento do meu pensamento sobre essas questões. No TCG em Geografia – *Gênero no Livro Didático de Geografia no Ensino Médio* – eu tinha um período pequeno de seis meses para desenvolver esse trabalho final. Assim, aproveitei para realizar a pesquisa na questão de gênero no livro didático que os alunos estavam estudando, quando cursei a disciplina de *Estágio Supervisionado para Ensino Médio*, concomitante à realização do TCG. Então aprovado para o Mestrado, dei continuidade às leituras já realizadas na temática de gênero, alargando para a questão da sexualidade também.

Com essa perspectiva, comecei já no primeiro semestre do Mestrado a dirigir a temática inicial proposta de pesquisa no Mestrado para as mulheres travestis, meu foco de estudo nas disciplinas cursadas, principalmente do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Em *Itinerários e alternativas autobiográficas e formação docente*, com os professores Roselane Costella e Nelson Rego, entrei em contato com uma professora travesti para a realização de uma entrevista; em *Geografia Escolar: corpo, espacialidade e insurreição*, com a professora Ana Giordani, que me auxiliou no direcionamento da minha pesquisa, e em *Percursos Investigativos no Ensino de Geografia*, com a professora Ivaine Maria Tonini, que me possibilitou construir a síntese do meu projeto de pesquisa. As disciplinas de outros programas de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul também foram importantes. Cito *Introdução aos Estudos Culturais*, com as professoras Cristianne Famer e Maria Lúcia Wortmann, que me forneceu a ideia do tensionamento do objeto de estudo, e a

*Sociohistória e Gênero: contribuições para análise em pesquisa acadêmica*, com a professora Marta Júlia Marques Lopes, que incentivou a discussão de gênero com um foco mais aproximado da minha temática de estudo.

Também muito importante, *Território, Autonomia e Decolonialidade* me fez estabelecer conexão de quanto de distanciamento ainda dos corpos travestis se encontram na sociedade e quanto ainda se aproximam da colonialidade, para pensar sobre os caminhos possíveis para uma interculturalidade e prática decolonial na Educação Básica. Em outra disciplina, *Desfazimento de imagens: conexões entre Educação e Geografia*, ministrada pelas professoras Ivaine, Élide e Denise, ao ler as indicações de textos e sobre eles refletir, questionei: é possível encontrar as travestis no livro didático de Geografia? Oliveira Jr. (2020) explica que as imagens não funcionam sozinhas, mas em tropas. Quando olhamos uma imagem da pilota de avião (Apêndice A), imagem presente no PNLD 2014<sup>1</sup>, por exemplo, ela não vem sozinha, aparecem outras imagens do tipo “piadas” sobre estereótipo feminino, por exemplo, que mulher não sabe dirigir. E quando pensamos na ausência de uma mulher travesti na cabine de avião não dando sequência àquela do livro didático, ocorre uma rasura no pensamento, intrigando-nos sobre por que uma mulher travesti não está no mercado de trabalho.

Das disciplinas concentradas, ministradas pela professora Cristianne Famer, as leituras dos livros de Michel Foucault – *Em Defesa da Sociedade e Segurança, Território e População, História da Sexualidade I - A Vontade de Saber, História da Sexualidade II - O Uso dos Prazeres, História da Sexualidade III - O Cuidado de Si, História da Sexualidade IV - As Confissões da Carne e os Anormais* – contribuíram para que a pesquisa refletisse sobre o pensamento desse filósofo, alargando minhas ideias sobre educação e transexualidade.

Além das disciplinas cursadas, as discussões que estruturam minha pesquisa também nasceram de participações em congressos, seja como ouvinte das palestras, seja como comunicador de trabalho. No *IX Fala Professor*, em Belo Horizonte, em 2019, colaborei participando do grupo de estudos *Gênero e diversidade na escola*. No mesmo ano, estive presente ao *XIII Encontro Nacional de Geógrafos*, em São Paulo, por meio do grupo de trabalho *Geografia e diversidade: gêneros, sexualidades, etnicidades e racialidades*. Este último foi coordenado pela professora Joseli Maria Silva. A troca de ideias foi uma experiência muito enriquecedora, uma vez que a área da Geografia tem pouca tradição no que diz respeito à temática em estudo.

---

<sup>1</sup> Nos PNLD 2017 e 2020 foi retirada da obra investigada *Por dentro da Geografia* tal imagem potente, revelando estereótipos masculinos.

A Geografia, enquanto campo disciplinar, possibilita contribuir para combater a transfobia e, para isso, é preciso uma leitura mais atenta dos conteúdos das páginas dos livros didáticos a serem investigados, a fim de provocar resistências.

Problematizar o livro didático de Geografia, enquanto dispositivo de espacialização das travestis, implica produzir uma análise que me movimente por textos e debates, trazidos pela bagagem que pude adquirir e compreender em congressos e grupos de estudo. Todos foram importantes para entender a dimensão social e espacial de grupos sociais que têm sua existência espacial negada. Também alguns textos que contribuíram para minha escrita estão na obra *Geografias Malditas* (2013), organizada por Joseli Maria Silva. São eles: *Interseccionalidade e mobilidade transnacional em Brasil e Espanha nas redes de prostituição*; *O corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para análise no Brasil*; e *Identidades e cidadania em construção: historização do T nas políticas de antiviolência LGBT no Brasil*. Também na obra *Geografias Subversivas* (2009), organizada por Joseli Maria Silva, Marcio José Ornat e Alides Baptista Chimin Junior, outros três artigos foram somados à minha formação: *Geografias feministas, sexualidades e corporalidade: desafios a práticas investigativas da ciência*; *Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica* e *A perspectiva feminista na geografia feminista*.

Esses artigos, além de apoiarem a minha formação, também me oportunizaram conhecer geógrafos anglo-saxões da América do Norte, os quais são balizadores da produção acadêmica do *Grupo de Estudos Territoriais*, da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Com a professora Ivaine Maria Tonini, na UFRGS, novos autores foram a mim apresentados, gerando em mim um pensamento carregado de interrogações.

A partir dessas leituras, passei a conhecer também novos conceitos, como os de Linda MCDowell (corpo e espaço), de Gillian Rose (espaço paradoxal e relacional) e de Gill Valentine (interseccionalidade e espaço). Todos me fizeram ter um outro olhar sobre a espacialidade das mulheres travestis nos livros didáticos a serem investigados.

Na perspectiva do ensino de Geografia, a obra de Magdalena Moreno<sup>2</sup> *Geografía y Educación Sexual Integral – aportes para la enseñanza de los espacios contemporáneos*, 2021 traz ferramentas concretas para os professores de Geografia poderem problematizar gênero e sexualidade na Educação Básica. As geografias de gênero e sexualidades estudam as problemáticas espaciais e territoriais considerando a estrutura sexo-gênero que se organiza na

---

<sup>2</sup> Professora do Ensino Médio e Superior de Geografia Universidade de Buenos Aires (UBA), especialista docente no nível superior em Educação Sexual Integral (ISPJVG) e doutoranda em Geografia (UBA).

sociedade, examinando as formas como e onde os processos sociais constroem, reproduzem e transformam o espaço e também se modificam em função da organização da sociedade em gêneros.

Nesse sentido, Milton Santos me auxilia na compreensão do espaço geográfico: “A interpretação de um espaço ou de sua evolução só é possível simultaneamente estas três categorias analíticas – forma, estrutura, função – porque a relação não é só funcional como estrutural” (SANTOS, 2012, p.55). Assim, a paisagem de uma rua à noite, onde ficam as travestis, tem a função de prostituição, onde circulam clientes no local. Tal paisagem apresenta uma territorialidade, pois durante a noite a rua é utilizada pelas travestis e, durante o dia, é um local de trabalho das pessoas. Esses corpos tornam-se transgressores das normas de gênero da sociedade heteronormativa, cujas forma, estrutura e função são organizadas para a dita normalidade da espacialidade a expulsá-las do resto da cidade, em consequência buscam a prostituição para sobreviver.

O estudo da geógrafa Cláudia Maliskewski Escouto *A Geografia já saiu do armário? Diálogos sobre Gênero, sexualidades e escola* (2019) já traz a importância de pensar a diversidade que produz o espaço e me auxilia:

Pensar o espaço é pensar sobre a existência. É mais do que isso, é pensar na possibilidade de diversas formas de existência. Pois o espaço geográfico é nosso chão. Dessa forma, ao pensar a seu respeito, ao geografar, é preciso ampliar e olhar, ver além das aparências, enxergar não apenas as vivências que nossos olhos se acostumaram a ver e por isso as consideramos como “normais” ou únicas possíveis (p.46)

Todas essas relações que explica a autora e são referendadas por Milton Santos, levam-me à questão: como as mulheres travestis ainda estão apagadas nos livros didáticos de Geografia?

Todas essas contribuições me qualificaram no entendimento da categoria de análise para compreender os fenômenos espaciais na perspectiva de gênero. As discussões e leituras me qualificaram ainda mais para participar no *II Colóquio. Internacional Foucault sobre teorias queer, feminismo, decolonialidade* da Universidade Estadual do Pará. Também contribuíram para alargar a escala de análise de minha participação no *Conversemos sobre geógrafas feministas en América Latina*, evento on-line, envolvendo México, Colômbia, Equador, Peru, Argentina, Brasil e Chile.

Além disso, este estudo recebeu influência do projeto *Igualdade de gênero*, executado na escola em que leciono, contribuindo para a discussão da temática em questão com os

alunos. Tal projeto foi apresentado na *Mostra de Iniciação Científica* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2019.

Para realizar um estudo de mestrado, fiz uma pesquisa sobre o tema proposto, a fim de estabelecer um panorama do que foi já abordado sobre mulheres travestis. Assim como está sinalizado no Quadro 1, organizei algumas produções em que já existem pesquisas sobre isso na Geografia e em outras áreas de conhecimento, como Psicologia, Educação, Ciências Sociais, Administração Pública, Gestão, Ciência Biológica e da Saúde. Tal relação de estudos fui procurando desde 2018, quando estava fazendo o TCG em Geografia. Para isso usei o Mendelyn<sup>3</sup> para fazer a busca da enorme quantidade de textos que fui lendo e guardando no computador durante a vida acadêmica.

Desta maneira, organizei o Quadro 1 com os estudos encontrados, alguns dos quais tendo como foco as mulheres travestis:

**Quadro 1** - Estudos de Gênero e Sexualidade

| TÍTULOS  | ANO  |
|--|------|
| A travesti e o gênero: o corpo “ todo feito ” de ambigüidades, especificidades e curiosidades  | 2006 |
| Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista   | 2008 |
| Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes  | 2009 |
| Desdiagnosticando o gênero   | 2009 |
| Educação e diversidade sexual  | 2011 |
| Em casa, na pista ou na escola é tanto babado: espaços de sociabilidade de jovens travestis.   | 2013 |
| A pedagogia do salto alto: histórias de professoras transexuais e travestis na educação brasileira   | 2013 |
| As relações entre espaço, violência e a vivência travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná – Brasil  | 2013 |
| Gênero e diversidade na escola: práticas transversais, polifônicas, compartilhadas, inquietas  | 2014 |
| Travestis e transexuais privadas de liberdade: a (des)construção de um sujeito de direitos   | 2015 |
| A construção de corpos travestis: trajetórias que falam de binarismos e subversões no espaço escolar   | 2015 |
| Simbólica de hierarquias e territorialidades na prática da prostituição  | 2016 |
| Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais | 2016 |
| Gênero e diversidade sexual: percursos e reflexão na construção de um observatório LGBT  | 2016 |
| Gays, lésbicas e travestis em foco diálogos sobre sociabilidade e acesso à educação e saúde  | 2016 |
| Gênero e diversidade sexual: o que a geografia tem a ver com isso?   | 2016 |
| Caras que desfazem gêneros   | 2016 |

<sup>3</sup> Programa conhecido principalmente por seu gerenciador de referências, usado para gerenciar, compartilhar e criar referências bibliográficas para artigos acadêmicos. Esse programa organiza todos os textos que estão guardados no computador.

|   |      |
|---|------|
| A inserção de pessoas transexuais e travestis no mercado de trabalho  | 2016 |
| Três realidades de pesquisa que relacionam corpo e espaço   | 2017 |
| O acesso à cidadania por travestis e transexuais no Brasil: um panorama de atuação do estado no enfrentamento das exclusões                               | 2018 |
| Por uma epistemologia das resistências: apresentando saberes travestis, transexuais e demais pessoas trans  | 2018 |
| Direitos de travestis e transexuais no Brasil: mapeamento normativo e análise crítica   | 2018 |
| Travestis   | 2019 |
| Binsex: uma proposta de bingo como recurso didático em abordagem crítica da educação sexual   | 2019 |
| Contágios, fronteiras e encontros: articulando analíticas da cisgeneridade por entre tramas etnográficas em investigações sobre prisão                    | 2019 |
| A estranha liberdade de odiar: uma análise do processo de ação civil pública contra a resolução 01 / 2018 do Conselho Federal de Psicologia               | 2019 |
| “Viadinho, bicha louca”: travestis e o esquecimento do outro.   | 2019 |
| Professoras travestis e transexuais em Rondônia: trajetória, desafios e perspectivas  | 2020 |
| Margens da quarentena: uma assembleia inesperada  | 2020 |
| Manifestações textuais (insubmissas) travesti   | 2020 |
| “A saúde não discute corpos trans”: história oral de transexuais e travestis“   | 2020 |
| “A senhora fala, fala o que é travesti, e eu ainda não entendi”: as discussões sobre a transgeneridade e a invisibilidade travesti em uma escola no campo | 2021 |

Fonte: Dados organizados pelo autor, 2021.

A maioria desses trabalhos não são voltados ao ensino de Geografia, mas são abordagens que importam demais ao trazer para a academia discussões de uma temática tão silenciada na sociedade.

Dois trabalhos recentes que encontrei, aos quais dou destaque por abordarem questões curriculares do ensino da Geografia, são na Linha de Pesquisa Ensino e Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São eles: *A Geografia já saiu do armário? Diálogos sobre gênero, sexualidades e escola* (2019), de Cláudia Maliszewski Escouto, e *Geografias Queer & currículo por uma educação geográfica fora do armário!* (2020), de Carlos André Gayer Moreira. Esses podem ser considerados como marco inaugural da temática no POSGEA<sup>4</sup>.

O foco deste trabalho está direcionado à escola básica, por entender que é o local onde convivem os mais diversos tipos de pensamento, onde a prática discriminatória é muito comum. Isso ocorre porque a sociedade é constituída por uma diversidade de culturas, crenças, etnias, estilos de vida etc. A escola, por ser a representação de um microuniverso social, reproduz todas as relações sociais, inclusive as práticas preconceituosas em suas salas de aulas, pátios, corredores, banheiros, enfim, em todos os espaços por onde circulam alunos,

<sup>4</sup> Outras leituras fundamentais nessa perspectiva: Lúcia Facco, *A escola como questionadora de um currículo homofóbico* (2011); Guacira Lopes Louro, *Pedagogias de gênero e sexualidade* (2000); Tomaz Tadeu, *Documentos de identidade: uma construção à teoria do currículo* (2016); Fernando Seffner, *Sempre atrás de um buraco tem um olho! Racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na educação básica* (2020) e *O lugar político das mulheres: feminismos, possibilidades e contribuições da geografia* (2021).

funcionários e professores. Assim, o meu trabalho se propõe a trazer para as discussões as questões de gêneros no plural.

Por atuar como professor de Geografia, eu não tenho como escapar do livro didático. Ele está presente em todas as fases da docência, então ele foi escolhido como objeto desencadeador da empiria deste estudo. Compreendo o livro didático para além de um recurso pedagógico para a docência, pois ele é como um artefato cultural, carregado de discursos que subjetivam professores e alunos. Em uma leitura inicial do material, ficam claras as disputas políticas que existem em torno do conteúdo ali inscrito, e são nas páginas dele que se observa o que está sendo permitido ensinar e aprender sobre gênero e sexualidade.

No estudo de Tonini (2002) já traz a importância da leitura mais ampliada do livro didático:

Essa minha investida teórica fez com que eu percebesse que um mesmo objeto de análise – livro didático – poderia ser examinado por ângulos diversos, dependendo da teoria que serve de lente para uma determinada leitura. Passei a perceber o livro didático não somente como um “depósito” de conteúdos, como um lugar em que os autores e autoras registravam os conhecimentos geográficos, mas também, e principalmente, como um lugar de produção de significados, como um artefato cultural na qual as verdades são fabricadas e postas em circulação (p.32).

Esse entendimento me leva a pesquisar sobre tais questões, direcionando uma análise para as mulheres travestis, com a intencionalidade de contribuir para combater a transfobia nas escolas. Sendo assim, tentarei dar visibilidade a esses corpos tão negados nos livros didáticos.

É essa a justificativa que tanto me motiva a buscar entendimento sobre o apagamento das mulheres travestis nos currículos da escola. Para isso estabeleço como foco central deste estudo: construir a visibilidade de gênero travestis no ensino de geografia, através de uma prática educativa transgressora. Para atingir esse objetivo central, é preciso registrar os seguintes objetivos específicos:

- Detectar a presença de gênero feminino nos livros didáticos de geografia;
- Produzir práticas educativas para além da dualidade de gênero (masculino/feminino);
- Criar dialogicamente conteúdos geográficos para além da percepção heteronormativa de gênero.

Esta dissertação apresenta os capítulos seguintes: No primeiro capítulo, apresento os motivos de estudar a identidade travesti na geografia, o qual está denominado: *Por que gênero travesti? Por que na geografia?* Aqui são trazidas as mulheres travestis ativistas, as quais são referências no Brasil por exemplos de superação e significado da palavra travesti

carregado de latinidade. No segundo capítulo, *A descoberta da dúvida* escrevo a metodologia de bricolagem num contexto pandêmico onde exponho as dificuldades de docenciar no ensino remoto, a quaitades de alunos se comprometeram em lançarem nessa descoberta e os percursos didáticos dos conteúdos geográficos propostos. No terceiro capítulo, *Transgredindo o Livro didático* apresento brevemente alguns aspectos históricos da criação do Programa do Livro Didático para depois iniciar a escrita sobre o potencial uso das imagens para além de um recurso pedagógico. Em um momento ainda mais precário nas salas de aula, trazer imagens para problematizar o currículo de geografia tornou-se um grande aliado. No quarto capítulo intitulado *Começar a transgredir* aqui apresento as atividades transgressoras. Por último, no capítulo *As silenciadas fazem aqui o seu lugar*, apresento minhas considerações (quase) finais um conjunto de reflexões sobre a presença-ausência das mulheres travestis no livro didático de geografia.



## 1. POR QUE GÊNERO TRAVESTI? POR QUE NA GEOGRAFIA?

Um corpo dissidente como o meu, que procura romper com a condição de alguém que não aceita mais se calar, procurando deixar o lugar subalterno para me constituir como pessoa pensante e crítica das minhas ações, faz-se ato político. [...] meu lugar de enunciação foi sempre dominado por outros que nos classificaram como anormais, nos assujeitaram como alguém inferior, nos humilharam, nos transformaram em apenas um corpo a ser estudado ou simplesmente nos mataram. Os oprimidos podem e devem falar por si mesmos (buscando instrumentalizar-se para serem ouvidos). Eu, como mulher travesti, não permito que meu discurso seja invalidado ou menor. Sou uma pesquisadora do asfalto, da luta de viver a cada dia com a possibilidade de uma morte iminente (diante da letal ação do estado sobre alguns corpos) (GONÇALVES JR., 2018, p. 16).

Início este capítulo com a fala de uma mulher travesti *na e da* educação, como ela gosta de se apresentar, mostrando a importância de sua resistência para uma sociedade transfóbica. Ela é professora, assim como outras que mencionarei no trabalho. Todas têm uma profissão e estão inseridas no mercado de trabalho: vendedora, gamers, faxineira, cabeleireira, funcionária pública, secretária, doméstica, advogada, analista e desenvolvedora de sistema, caminhoneira, vocalista de banda de rock e motogirl. Há muito tempo é assim: travestis são marginalizadas e carregam muito estigma e sofrimento. A sociedade desconhece essas mulheres, elas não estão mais apenas na prostituição, mas ainda carregam o estigma por onde transitam, como mostrarei no Capítulo 3.

Ao tentar me movimentar nas imagens do livro didático de Geografia, entre as idas e vindas das páginas, constato os impasses no momento da análise em que eu possa dizer algo mais que simplesmente da binaridade do gênero, ou seja, do masculino e do feminino<sup>5</sup>. Por isso quero registrar minha empatia e sensibilidade para com as mulheres travestis que encontrei no caminho desta pesquisa. Sendo homem cis branco<sup>6</sup>, não tenho propriedade para falar das travestis. No entanto, penso que, como contribuição ao combate à transfobia, posso com a docência amplificar as vozes das pessoas com identidades travestis.

Assim menciono que foi o encontro com as mulheres travestis de diversas cidades do Brasil e distintas atuações, que contribuíram muito para meu trabalho (Quadro 2), onde

---

<sup>5</sup> Os textos que me auxiliaram nas análises deste trabalho são de Didi-Hirman: *Ensaiair a ver entre a imagem e o conceito* (2019); *As imagens não são apenas coisas para representar* (2019), foram fundamentais para educar o olhar no uso das imagens.

<sup>6</sup> Embora meu jeito de falar, comportamento e sexualidade, muitos pensam que sou gay.

aprendi que somente elas têm propriedade para falar em suas identidade de gênero, por trazerem em seus corpos as marcas da transfobia<sup>7</sup>.

Durante o II Colóquio Internacional Foucault, promovido pela Universidade Estadual do Pará, na Mesa sobre *Transexualidade e Foucault* foram abordadas questões de teorias *queer*, feminismo, decolonialidade. Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior, em sua fala, auxilia-me a compreender a transfobia no cotidiano:

Senhor fulano de tal é deste definido acerto eu digo que passe a constar que seu nome é Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior devendo fazer constar no acento que a mudança de nome se deu de decisão judicial. Até aqui está ótimo. Nenhuma observação sobre a origem desse ato deverá constar nas certidões de registro devendo ser mantido o sexo masculino. Então ele diz você pode ser Sara mas ser mulher não vai ser não (Org, autor, 2020).

Esse relato que ela fez se refere ao comentário do juiz sobre o documento a ser entregue à Sara. Isso mostra como um representante do Judiciário, instância de um dos três poderes, manifesta-se de forma nefasta. Versos da música de Against Me! reverberam essa indignação:

Você quer que eles percebam  
A barra irregular do seu vestido de verão  
Você quer que eles te vejam  
Como veem qualquer outra garota  
Eles só veem um “viado”  
Prendem a respiração para não pegar a “doença”  
(AGAINST ME! 2014)

A estrofe da música é atualíssima para os dias de hoje no Brasil. A banda Against Me! (2014), formada nos Estados Unidos, reflete a dor das pessoas no reconhecimento de sua identidade de gênero.

E a Geografia entra aqui como ciência social para contribuir ao estudar a diversidade e a complexidade das relações sociais, portanto o fenômeno transfobia é também objeto de estudo da Geografia. Procurei pensar e levar a cabo propostas diferentes de práticas de ensino. Fazer com que as mulheres travestis apareçam nos livros didáticos ou ao menos problematizar sobre que mulheres falamos é ambição deste estudo. Fortalecendo esse ponto de vista, chamo atenção ao gênero travesti que serve de tema deste capítulo. Assim, as imagens, gráficos e mapas devem ser lidos e questionados na composição da estrutura da sociedade.

---

<sup>7</sup> A transfobia é qualquer violência física, verbal, invalidação da identidade e da existência espacial contra os corpos travestis.

Nestor André Kaercher (2007) nos auxilia a como trabalhar com temas ausentes na geografia escolar:

A docência implica também seu par dialético: aprender com os outros e despir-se do que se aprendeu para reinventar na profissão, “raspar a tinta” com que nos pintaram para pensar nossa existência e refazer outras pinturas. A docência implica autoria, e ela requer sentimentos, emoções; é preciso “desencaixotar” emoções, ser – o que não é nada fácil – “eu mesmo”. Implica também um ato de cidadania: dizer sua palavra (p.16).

O autor, citando Fernando Pessoa em “raspar a tinta”, nos chama atenção para reinventar na profissão, no olhar cuidadoso para as mulheres travestis e para mostrar a diversidade nos livros didáticos. Nós professores precisamos nos despir do que aprendemos sobre gênero binário, o que se reproduz nas imagens, para geografar outras mulheres. Isso depende de nós, da nossa sensibilidade com as minorias que quase nada são representadas nos livros didáticos de Geografia.

No Quadro 2, trago algumas mulheres travestis referências no Brasil, as quais me auxiliaram a conhecer, entender e refletir sobre a vida de mulheres travestis, sem elas ficaria difícil a escrita do meu trabalho. Conheci-as no twitter, nas lives; elas são ativistas, e não tive contato direto com todas. Conversei apenas com cinco delas. Nossas conversas foram sobre meu estudo. Com uma delas, em função da sua participação como convidada para lives porque tem um quadro num programa na TV 247, realizei perguntas.

Desa forma, Alina, produtora de conteúdo, fez-me compreender identidade de gênero, orientação sexual, travesti e transexual. Sara, por sua vez, contribuiu para a compreensão ontológica de ser travesti no Brasil. Assim, cada uma aqui citada contribuiu para pensar sobre a temática deste trabalho.

É importante o contato com as mulheres travestis para romper a binaridade que estabelece a sociedade, assim como os alunos também o fazem. No Capítulo 3 exemplifico esse contato entre Nicolle Machado e os meus alunos.

Quadro 2: Mulheres Travestis Referências no Brasil

| NOME   | IDADE | NATURAL           | OCUPAÇÃO             |
|--------|-------|-------------------|----------------------|
| Alexya | 40    | Mairiporã-SP      | Clériga              |
| Alice  | 26    | Indiatuba-SP      | Rapper               |
| Alina  | 21    | São Paulo-SP      | Criadora de conteúdo |
| Amara  | 36    | Campinas-SP       | Professora           |
| Atena  | 30    | Porto Alegre-RS   | Escritora            |
| Brenda | 30    | Botocó-PE         | Cantora              |
| Bruna  | 42    | Niterói-RJ        | Forças armadas       |
| Cilene | 50    | Santa Maria-RS    | Assessora            |
| Duda   | 40    | Belo Horizonte-MG | Vereadora            |
| Érika  | 28    | São Paulo-SP      | Vereadora            |

|               |    |                   |                         |
|---------------|----|-------------------|-------------------------|
| Fê            | 26 | Porto Alegre-RS   | Diretora                |
| Júlia Bueno   | -- | São Paulo-SP      | Psicóloga               |
| Jup do Bairro | 28 | São Paulo-SP      | Rapper                  |
| Kylie         | -- | Botucatu-SP       | Jornalista              |
| Laerte        | 70 | São Paulo-SP      | Cartunista              |
| Linn          | 30 | São Paulo-SP      | Atriz                   |
| Lucci         | 28 | Brasília-DF       | Assessora               |
| Megg          | 46 | Curitiba-PR       | Professora              |
| Nat Maat      | -- | Guarujá-SP        | Rapper                  |
| Natasha       | 33 | Porto Alegre-RS   | Vereadora               |
| Pepita        | 38 | Rio de Janeiro-RJ | Cantora                 |
| Sara          | -- | Rio de Janeiro-RJ | Doutoranda              |
| Sayonara      | 47 | Uberlândia-MG     | Professora de geografia |

Fonte: Dados organizados pelo autor, 2021.

Organizei este Quadro 2 com os nomes verdadeiros, por serem elas ativistas com estas denominações. Devido ao tempo, não foi possível entrar em contato com cada uma delas. Esse quadro inicia pelo primeiro nome em ordem alfabética, inclui outros dados como idade, cidade/estado e ocupação, para mostrar o quanto diversas são em todas as dimensões. Diante disso, a homogeneização dos estereótipos como criminosos e afeminados que falharam em ser homem pode ser tensionada. Elas são mulheres, sem ou com útero, e a sociedade deve reconhecer isso. Não reconhecer o gênero travesti é rejeitar o próprio direito de elas existirem. As vozes delas me qualificaram para minha escrita.

Também são mulheres travestis de uma faixa etária entre 21 e 70 anos, que se aproximam nesta questão de sofrer a transfobia, mesmo tendo empregos formais, em que algumas delas têm maior reconhecimento econômico e são profissionais liberais. Também muitas delas superaram a média de 35 anos, que é a expectativa de vida no Brasil das travestis.

Outra construção transfóbica vem da língua portuguesa: a palavra travesti é um substantivo masculino, o que obriga o falante a usar artigos, pronomes e adjetivos na forma masculina, invalidando a identidade travesti. Também esse termo é compreendido em diferentes contextos espaciais. No Brasil, a palavra travesti vem da militância e é uma identidade feminina, política e latino-americana: a) a travesti por ser uma identidade feminina pelo fato da utilização do pronome feminino e se encontrar dentro da feminilidade e na binaridade; b) politicamente algumas mulheres se reconhecem como tranvestis contra a transfobia estrutural e c) a sua latinidade, a palavra travesti só existe dentro dessa região. Na América do Norte, Europa, Ásia, África e Oceania, em geral, elas são chamadas de *transgender*. Embora tenham gêneros diversos, elas podem ser lidas como tal. Na América

espanhola, elas são chamadas de *transexuais* e na Índia, de *kinnas* ou *kijras*, por exemplo. Desta maneira, elas rompem os gêneros binários (masculino ou feminino).

Independente de a travesti se reconhecer enquanto mulher, ela não é um homem. Bem antes de ela estar presente, já existiam corpos que resistiam à binaridade. As travestis fizeram e fazem linha de frente às conquistas de direitos. Assim, abordar, problematizar as mulheres travestis nos livros didáticos de Geografia é um direito principalmente na Geografia que fala nas e pelas pessoas que ocupam um determinado espaço.

Há séculos pessoas transgridem as normas de corpo e comportamento e os lugares da cidade cisnormativa. Se algumas sociedades significavam essa transgressão de forma positiva, criando um espaço de existência e valor para esses corpos, esse não é o caso da maioria das sociedades ocidentais.

No Quadro 3, mostro as trajetórias dos movimentos realizados pelas trans brasileiras que, durante o período democrático brasileiro do pós-Segunda Guerra Mundial (1945) e especialmente no fim dos 1950 e começo dos 1960, *crossdressers*<sup>8</sup> emergiram dos bailes de *drag queen*<sup>9</sup> para fazer performances em produções teatrais *mainstream*, que atraíam uma alta audiência. Naquele tempo, essas pessoas eram chamadas de travestis, no sentido de travestidas.<sup>10</sup>

No começo dos anos 1960, muitas formas de identidades diferentes se manifestaram mais visivelmente, e a identidade travesti era tida como apenas uma série de múltiplas identidades trans. No final da ditadura, em meados de 1980, a identidade travesti, antigamente algo positivo, foi associada à prostituição e ao crime e elas foram frequentemente vistas como marginais. Na década seguinte, quando a histeria gerada pela AIDS (sigla em inglês para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) viveu seu auge, e com o aumento da homofobia e da transfobia, a identidade travesti era não apenas associada à prostituição, crime e droga, mas também à AIDS.

Porém não se trata só de falar de travestilidade, transfeminismo, transexualismo e como isso chega a todos, mas de compreender um mundo maior, perceber que essa estruturação na

---

<sup>8</sup> Gênero *crossdresser* se refere ocasionalmente a quem se veste com características de gênero diferente do seu sexo biológico.

<sup>9</sup> Este gênero se diferencia de *drag king* do gênero feminino, *drag queen* portanto se refere ao gênero masculino que se veste com roupas características do gênero diferente do seu sexo biológico considerando a performances artísticas.

<sup>10</sup> No movimento LGBT ocorreu uma eclosão no final do século XX da sexualidade e é inegável o papel do ativismo trans pressionando a sociedade pela visibilidade, a diferença é enorme o que aconteceu nos anos 60/70. Esta discussão foi debatido na live *Exposições Madalena Schwartz: as metamorfoses* (2021). Também prof. Dr. Ernani Chaves (UFPA) na mesa 1 *Foucauld e a questão gay* contextualiza a eclosão das sexualidades travestis, *crossdresser*, *drag queen*. E o livro: *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil* (2008).

espacialidade, em qualquer lugar da cidade, tem reconhecimento quando exatamente ignora alguns corpos de circular.

Dessa maneira é necessário mostrar a problemática, estudar e interseccionalizar os referenciais teóricos e metodológicos. Então alguns atravessamentos que são marcados pelos aspectos de raça, de classe, por território, por vezes de região, profissão, são importantes estar na análise de algum estudo da espacialidade.

No Quadro 3, estão as principais conquistas a respeito das pessoas lésbicas, gays bissexuais e travestis, principalmente a última comunidade:

Quadro 3: Trajetórias do movimento trans brasileiro 1950 A 2021

| <b>DÉCADA</b> | <b>MARCOS HISTÓRICOS</b>  |
|---------------|---|
| 1950          | Os gays organizavam os shows para as travestis (Drag queen)   |
| 1960          | As travestis eram reconhecidas como transformistas.   |
| 1970          | Com a ditadura as travestis foram perseguidas e presas em razão da aparência feminina.  |
| 1980          | Elas foram proibidas de se apresentarem em show, televisão, teatros <sup>11</sup>   |
| 1990          | Elas se auto-organizaram no contexto dos direitos civis. <sup>12</sup>  |
| 2001          | Mudança de sexo é autorizada pelo Conselho de Medicina.<br>O governo de São Paulo promulga a lei 10.948 que penaliza práticas discriminatórias em razão da orientação sexual e identidade de gênero.  |
| 2002          | O processo de redesignação sexual a chamada mudança de sexo do fenótipo masculino para o feminino é autorizada pelo Conselho Federal de Medicina.   |
| 2008          | Passa a ser oferecido pelo SUS a redesignação de sexo.  |
| 2010          | STF reconhece a união homo afetivo  |
| 2013          | Alemanha aprovou o terceiro gênero.   |
| 2014          | Índia aprovou o terceiro gênero.  |
| 2018          | Primeira discussão sobre cota trans na graduação e pós-graduação na UFRJ pelo GE-SER, liderado pelo Prof. Dr. Sérgio Baptista da Silva<br>STF decide que transexuais e transgêneros podem mudar seus nomes de registro civil sem necessidade de cirurgia. |
| 2019          | STF decide criminalizar a LGBTFobia equiparando ao crime de racismo.  |
| 2020          | STF decide que pessoas trans podem mudar seu nome.<br>Inaugurada na capital do RS a Delegacia de Polícia de Combate à Intolerância vinculada ao Departamento Estadual de Proteção aos Grupos Vulneráveis.   |
| 2021          | STF decide que pessoas transexuais e travestis têm o direito de alterar nome e sexo no registro civil sem a necessidade de realização de resignação social ou apresentar laudo médico.  |

Fonte: Dados organizados pelo autor, 2021.

Observa-se que o movimento das identidades trans no Brasil apresenta avanços nos direitos sociais, mas precisa avançar mais por ainda existirem fortes ações de intolerância, preconceito e transfobia. Para exemplificar isso, Ma Pantaleão, criadora de conteúdo, virou

<sup>11</sup> Dados do trabalho de Jan Simon Hutta e Carsten Bulzer em texto no livro Geografias Malditas (2013).

<sup>12</sup> Idem.

motivo de piada em uma live de *gamers*. Buxexa<sup>13</sup> comentou um emoji na foto dela satirizando: “ruiva de três pernas”<sup>14</sup>.

Assim como o Buxexa, pessoas cis como ele atacam cotidianamente as mulheres travestis. Nesse sentido, Preciado, no seu livro *Testo Yonqui: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*<sup>15</sup>, 2008, sobre a feminilidade diz:

Surge así, en medio de la guerra fría, una nueva distinción ontológico-sexual entre los hombres y mujeres «cis», aquellos que conservan el género que les fue asignado en el momento del nacimiento, y los hombres y las mujeres «trans» o «tecno», aquellos que apelarán a las tecnologías hormonales, quirúrgicas y/o legales para modificar esa asignación. Esta distinción entre cis-hombre/cis-mujer y trans-hombre/trans-mujer aparece en realidad a finales del siglo XX en las comunidades transexuales de Estados Unidos e Inglaterra, más sexotecnificadas y más organizadas políticamente que en otros países de Europa o de Oriente, para denominar respectivamente a aquellas personas que se identifican con el sexo que les ha sido asignado en el nacimiento (cis) y aquellos que contestan esa asignación y desean modificarla con la ayuda de procedimientos técnicos, prostéticos, performativos y/o legales (trans) (PRECIADO, 2008, p11).

Preciado (2008) coloca a questão do cissexismo, que é uma palavra usada para condensar duas ideias colonizadoras, em que uma opera a norma governamental e a outra exclui, que impõe o gênero hegemônico, ou seja, se não estamos alinhados ao sexo, gênero, desejo e práticas sexuais, então somos jogados em qualquer lugar.

Não só aparecia essa distinção cis/trans, como também a complexidade de falar sobre travestis. As pesquisadoras travestis Sara Wagner York, Megg Rayara e Bruna Benevides, em *Manifestações textuais (in)submissas) travesti*, 2021., citam Amara Moira, que ensina:

No que concerne ao debate das identidades de gênero, no entanto, “cis” surge apenas setenta anos após o termo que lhe faz oposição, “trans”, este na década de vinte, aquele quase que na virada para o século XXI, e é compreensível a demora. [...] Por obra da violência transfóbica, que tem suas bases bem fincadas no sexismo, aquelas pessoas que ousassem afrontar essa lei seriam mortas ou teriam que voltar de imediato para o armário,

<sup>13</sup> O streamer Pedro Henrique, o Buxexa nascido e criado em Santa Cruz do Capibaribe no agreste pernambucano com 23 anos ele é o criador do jogo *Free Fire* lançado em 2017. Buxexa com as letras “u” e “x” é o nome no seu jogo. Ele era estudante de Engenharia prestes a se formar quando largou a faculdade para investir no *Free fire*,

<sup>14</sup> Buxexa faz comentário transfóbico em live e acaba desligado do *Fluxo*. Disponível: <https://www.theenemy.com.br/esports/buxexa-faz-comentario-transfobico-em-live-e-acaba-desligado-do-fluxo> Acesso em: 12 jun. 2021.

<sup>15</sup> Na definição de Paul Preciado farmacopornografia se refere às mudanças nas tecnologias que produzem a subjetividade, sobretudo a sexual e de pessoas racializadas a partir da década de 1950. O corpo da mulher é construído pelo regime farmacopornográfico como a reprodução útero, células reprodutivas, vagina, placenta, mamas produtoras de leite.É portanto medicamentos e produção de imagens e a farmacopornografia produz a biopolítica da subjetividade e ele traz a história dos hormônios que não pode ser chamados de masculino e feminino trazendo exemplos a história da pílula anticoncepcional de corpos de mulheres portorriquenha demarcados e usados em campo de teste para produção da tecnologia da pílula anticoncepcional. In: \_\_\_\_\_. *La era farmacopornográfica*, 2020, p.46.

dando a impressão falsa de que inexistiam ou de que desexistiram. Foi necessário o surgimento e fortalecimento do movimento feminista e, com ele, a transformação radical dos sentidos que a palavra “mulher” denota para, aos poucos, pessoas criadas para ser homem conseguirem começar a fazer legítima sua reivindicação de existir enquanto mulher e, hoje, pessoas criadas para ser mulher começarem a conseguir fazer com que seja razoável, aceitável a sua reivindicação de existir enquanto homem (o fato de só hoje a ideia de homem trans estar se tornando conhecida, inteligível diz muito sobre o que nossa sociedade reserva às pessoas criadas para ser mulher), que não a predita por seu genital. A verdade é que (estamos) numa sociedade profundamente cissexista (GONÇALVES JR., p.6).

Preciado (2008) traz o momento onde aparecem os termos “cis” e “trans”. O ativismo das travestis, em 1992, dá o delineamento da trajetória tanto como subjetividade do corpo quanto como identidade política, na qual, no regime farmacopornografia, as mudanças nas tecnologias produzem a subjetividade, principalmente a sexual.

Tal ativismo é fundamental para romper a ordem binária de organização do sexo, do gênero e o desejo. Outro avanço são programas de talk show com apresentação de travestis<sup>16</sup>. Apesar de estar restrito à TV por assinatura (e com a pandemia o poder aquisitivo da população caiu acentuadamente), é positivo ver contratação de pessoas trans e cis.

Aldo Gonçalves de Oliveira (2019) me auxilia nesse entendimento ao tratar dessas questões no ensino da Geografia:

Como desdobramento dos procedimentos de “desconstrução de hierarquias” e de contestação de “oposições binárias” nos livros didáticos de Geografia do ensino fundamental, a investigação de Tonini (2002) acionou as questões de gênero, geração e etnia na interface entre os estudos culturais e as práticas de saber e relações de poder na perspectiva de Michel Foucault. Ao analisar as variáveis visuais de gênero, geração e etnia no livro didático, Tonini (2002) realiza uma movimentação analítica que sintetiza esse movimento de ruptura. Espacializa o livro didático, já que realiza a investigação partindo da materialização visual dos saberes, problematizando esse quadro no cenário de práticas contemporâneas de subjetivação a partir das quais o biopoder opera (p.21).

Nesse sentido, por que não abordar mulheres travestis no livro didático de geografia? Não há possibilidade de construirmos uma compreensão das relações de gênero sem a participação delas.

Cláudia Maliszewski Escouto chama atenção aos conteúdos geográficos nos livros didáticos de Geografia quanto à ausência de pessoas LGBT:

O problema em representar as populações através de médias é que elas mostram a complexidade de uma sociedade. Isso faz com que mais do que negar as múltiplas

<sup>16</sup> TransMissão Linn da Quebrada e Jup do Bairro comandam um *talk show*. Disponível: <https://globoplay.globo.com/transmissao/t/N2ZtZCTY9j/>. Acesso em: 12 abr. 2020.



identidades na contemporaneidade (HALL, 2015), a população seja apresentada de forma homogênea, o que sabemos que não condiz com a realidade. E, ao contrário dos gráficos e tabelas apresentados nos livros didáticos, a população brasileira não é formada pela homogeneidade trazidas pelas médias, mas sim composta pela diversidade. Sim, é a diversidade sexual, de raça, de classe, de expressão de gênero dentre outros tantos marcadores que compõem os mais de duzentos milhões de habitantes brasileiros. Mas, então, por que essas diversidades não são mostradas? Por que os livros didáticos não as representam? Por que a Geografia, ao falar da população, não diz/mostra como ela é de fato ao invés de mostrar números e gráficos? (2019, p.20).

Com tais interrogações que a autora faz sobre as ausências das pessoas LGBT nos livros didáticos, as mulheres travestis que fazem parte dessa sigla são as mais atingidas. Da população LGBT, são o grupo mais vulnerável, pois elas não conseguem disfarçar a sua identidade de gênero, ainda por serem mulheres também.

O que, como e quem nós ensinamos sobre gênero provoca uma discussão sobre prioridades e sobre o porquê de uma intencionalidade. O ensino de geografia sobre gênero pode ser incluído nos conteúdos geográficos para lidar com a leitura crítica de aprender e reconhecer perspectivas sobre o mundo. A forma de abordar o tema *gênero na geografia* oferece exemplos de perspectivas *queer* no currículo de geografia. Assim pontuo alguns motivos por que gênero na geografia tem que ser inserido:

- para irradiar o viés transfóbico presente na pesquisa geográfica, a fim de provocar uma discussão acerca das maneiras como vemos a presença do gênero feminino nos livros de geografia;
- para não excluir o gênero travesti da sociedade;
- para desconstruir estereótipos do gênero travesti como “criminosos”, “com AIDS”, “afeminados”, “drogados”;
- referendar mulheres travestis que superaram as dificuldades visibilizando outras dimensões onde elas estão presentes na sociedade e
- contextualizar a identidade travesti na América Latina como resistência contra as normas heteronormativas.

Enunciado o território das mulheres travestis desta pesquisa neste capítulo, a seguir passo à escrita da metodologia de bricolagem, a quantidade de alunos que se comprometeram no ensino remoto e as discussões dos conteúdos geográficos.

## 2. A DESCOBERTA DA DÚVIDA

Neste capítulo apresento a metodologia da bricolagem, mostrando os passos desenvolvidos e trazendo as duas importantes fontes que foram base do meu trabalho, que são os livros didáticos e a prática educativa desenvolvida com os alunos para além da percepção heteronormativa de gênero.

Para iniciar, registro o contexto pandêmico, momento que provocou mortes, desemprego, queda do poder aquisitivo, novos hábitos na sociedade como uso de máscaras e apresentação de passaporte para entrar em espaços públicos.

A doença foi declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, impondo medidas restritivas de circulação às pessoas. Isso afetou diretamente a escola e a educação dos alunos em todos os locais do mundo.

A imprevisibilidade e a celeridade de implementação das medidas de distanciamento social demandaram dos sistemas educacionais alternativas para o desenvolvimento de atividades escolares remotas.

Não bastasse essa situação, o Brasil tem paulatinamente agravado sua condição socioeconômica, desde sua chegada ao século XXI, com uma dívida social em amplos setores e com uma das mais impostas divisões de riquezas no mundo: 7ª posição entre os países mais desiguais e 79ª posição no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Além desses dados, a escolaridade da população é baixa, mais da metade, com 25 anos de idade, concluiu o ensino fundamental e dos jovens entre 18 e 24 anos, apenas 21% se encontram matriculados no ensino superior. Ademais, o Brasil, desde 2016, tem enfrentado uma política de austeridade econômica, em que foi instituído o congelamento de gastos com políticas sociais para os próximos 20 anos. No Rio Grande do Sul, a situação é grave, porquanto professores e funcionários de escola trabalham há sete anos com salários congelados e direitos subtraídos.<sup>17</sup>

O cenário acima se agrava por meio de reações negacionistas e fundamentalistas trazidas pelo atual governo e é seguida por muitos a ideia de que a pandemia do coronavírus é uma invenção de laboratório. Ela se instalou no momento em que estava para ser votado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB). Em meados de março de 2020 houve o fechamento das escolas. Não tinha ainda me qualificado na pós-

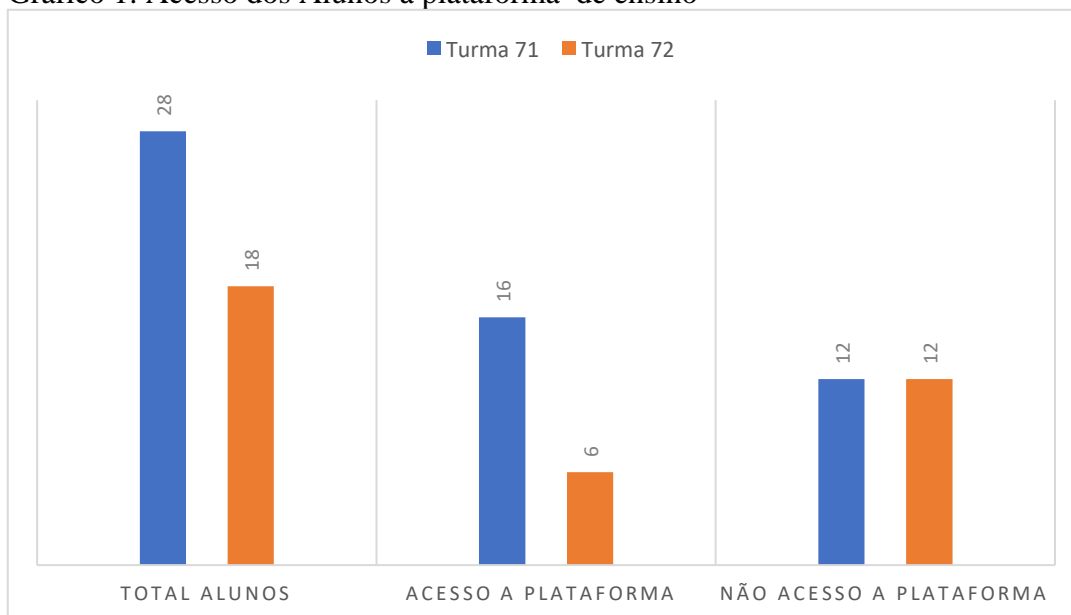
---

<sup>17</sup> Sineta. Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Rio Grande do Sul. *A educação não pode esperar mais. Reposição salarial já!* Disponível em: <https://cpers.com.br/reposicaoja-esta-no-ar-a-edicao-de-agosto-da-sineta/> Acesso em: 12 abri. 2021.

graduação. Tive que fazer a adequação do trabalho e da produção de conteúdos *on-line*. Os materiais produzidos dos livros didáticos *Por Dentro da Geografia e Expedições Geográficas* constituíram-se em textos sobre a proposta da dissertação, exercícios, atividades, filmes<sup>18</sup>.

O estado do RS investiu 8,5 milhões de reais em pacotes e em equipamentos de empresas privadas sob a justificativa de garantir o acesso dos estudantes aos conteúdos<sup>19</sup>. O acesso à *internet* pode permitir uma discussão mais alargada de acesso à informação na escola ao trazer para o debate o uso da tecnologia digital, mas serviu muito mais para expor as desigualdades de acesso no estado do Rio Grande do Sul. O trabalho proposto nesta dissertação com os meus alunos, realizado entre julho e dezembro de 2020, mostra essa desigualdade (Gráfico 1). A escola teve que oferecer outras oportunidades para que os conteúdos chegassem aos alunos, como material impresso e aulas presenciais, ou seja, tive que me transmutar em múltiplo docente para atender os alunos. São incontáveis as horas a mais dedicadas a essa exigência da nova modalidade que se instalou devido à pandemia.

Gráfico 1: Acesso dos Alunos à plataforma de ensino



Fonte: Dados organizados pelo autor, 2021.

<sup>18</sup> Com o fechamento da minha escola em função do isolamento social em 19/03/2020, para garantir vínculo com os alunos, seguindo as orientações da Secretaria de Educação, foram criados grupos para cada turma da escola, os quais teriam acesso aos conteúdos a cada 15 dias. Por iniciativa minha e para garantir o aprendizado dos alunos, criei oito turmas no *Google Sala de Aula*. A plataforma é um lugar mais apropriado do que grupos em páginas de rede social. Também criei grupos no dispositivo móvel para contato com os alunos de maneira instantânea.

<sup>19</sup> Portal da SeducRS. Disponível: <https://educacao.rs.gov.br/internet-patrocinada-esta-disponivel-para-alunos-e-professores-da-rede-estadual> Acesso em: 10 mar. 2021.

Durante o isolamento social, no ano escolar de 2020 e 2021, a minha escola, ao tentar ser de forma remota, enfatiza as diferenças socioespaciais dos alunos no acesso às aulas. Isso implica diretamente o direito à educação, o que torna a percepção da escola como lugar com tempo para disponibilidade do conhecimento ainda mais difícil. Isso foi demonstrado numa pesquisa na comunidade escolar, em que foram feitas perguntas aos alunos, dentre elas: “Como é seu acesso à internet?”, em que 44,6% responderam “bom”, enquanto 33,8% disseram “regular”, e os 21,6% somados responderam “sem acesso”, “ruim”, “bem legal”, “minha internet é boa, porém, como estamos atrasando o pagamento com certa frequência, ficamos alguns dias sem”, “só posso usar a internet depois das 17h porque minha mãe sai do trabalho”.

Outra questão: que equipamento de informática você possui? 71,2% responderam que usavam o dispositivo móvel (celular); 10,6%, um notebook e 9,1% um computador. E quando perguntado sobre o uso desses equipamentos, 69,7% disseram ser de uso exclusivo e 28,8% compartilhado. Essa pesquisa não contemplou toda a escola devido à dificuldade de acesso à plataforma. Todos esses dados evidenciam, portanto, um acesso precário on-line, cujo impacto incide diretamente no processo de construção do conhecimento escolar. Também gera um fosso de desigualdade entre os colegas da mesma turma e um esforço hercúleo para o professor atender alunos com pleno acesso, com acesso precário e os sem acessos.

Com a participação de 30 alunos *on-line*, por meio de atividades síncronas e assíncronas na plataforma, não senti prejudicado o desenvolvimento da dissertação. O ensino remoto tem sido um facilitador na busca de imagens de mulheres travestis na *internet*. No entanto, na rede estadual as dificuldades de acesso têm sido enormes, por diversas ordens.

As aulas no modelo híbrido de ensino são as interações síncronas e assíncronas, planejadas de acordo com as habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos. A matriz de referência da SEDUC para o modelo híbrido de ensino foi a base do trabalho executado ao longo de um período de tempo. A aula/período corresponde à atividade assíncrona, na qual os professores projetam o tempo médio para realização das tarefas pelos alunos de forma autônoma, respeitando o máximo de 1 hora para o cômputo de um período, enquanto os alunos e professores estiverem conectados em horário previamente agendado via *webconferência* no ambiente de aprendizagem (*Google Meet*), respeitando o máximo de 1 hora para o cômputo de um período. Essa matriz curricular engessou minha prática no ensino remoto, pois era necessário desenvolver as habilidades para ser chegar a determinadas competências sugeridas pela Secretaria de Educação. Foi um obstáculo para trabalhar com os

alunos. Outro obstáculo foram as aulas síncronas sendo monitoradas pelas famílias, sempre com um olhar moralista, como exemplificado nesta fala de um familiar:

Para ser bem sincero, não faço a menor ideia, uma vez que isso não é de meu interesse, pois estou aqui para estudar Geografia. Não consegui ver qual a conexão desse assunto, uma vez que isso deveria ser estudado em outra matéria. Mas acredito que deve ser uma barra das mais pesadas, visto que o simples fato de entrar ilegalmente em outro país já é errado. Outra coisa que não consigo entender é a relação deste filme com o que me foi solicitado a fazer. Por isso acho que vou ficar devendo essa (Org. pelo autor).

Essa fala “do aluno” mostra que sentiu desconforto na abordagem do tema proposto. Na verdade, o tal aluno era o avô monitorando o que neto estudava, ao invés de auxiliar a fazer as atividades e participar das aulas.

Os relatos dos alunos foram sistematizados por meio da análise de conteúdo a partir das categorias “assassinatos”, “emprego”, “profissões comuns”, “relatos” e “colagens”, realizada entre julho e dezembro de 2020. A Tabela 1 mostra perfil dos alunos participantes da pesquisa.

Tabela 1: Os Alunos que participaram da pesquisa

| <b>NOME<sup>20</sup></b> | <b>IDADE</b> | <b>GÊNERO</b> |
|--------------------------|--------------|---------------|
| Ana                      | 13           | Feminino      |
| Bruno                    | 13           | Masculino     |
| Branco                   | 13           | Masculino     |
| Carolina                 | 13           | Feminino      |
| Dale                     | 15           | Masculino     |
| Denise                   | 13           | Feminino      |
| Eduardo                  | 13           | Masculino     |
| Fabiana                  | 15           | Feminino      |
| Felipe                   | 15           | Masculino     |
| Fernando                 | 13           | Masculino     |
| Flávio                   | 13           | Masculino     |
| Gilmar                   | 13           | Masculino     |
| Hérus                    | 13           | Masculino     |
| Jonas                    | 12           | Masculino     |
| Josh                     | 13           | Masculino     |
| Josué                    | 12           | Masculino     |
| Júlio                    | 13           | Masculino     |
| Keila                    | 15           | Feminino      |
| Luís                     | 14           | Masculino     |
| Mad                      | 14           | Masculino     |
| Maia                     | 14           | Feminino      |
| Marcelo                  | 12           | Masculino     |
| Nelson                   | 13           | Masculino     |
| Orlando                  | 13           | Masculino     |

<sup>20</sup> Os nomes dos alunos são fictícios a fim de preservar as identidades deles.

|         |    |           |
|---------|----|-----------|
| Rafa    | 12 | Masculino |
| Sara    | 13 | Feminino  |
| Suzana  | 13 | Feminino  |
| Tammy   | 12 | Feminino  |
| Ulisses | 13 | Masculino |
| Vini    | 15 | Masculino |

Fonte: Dados elaborados pelo autor, 2020.

Por trabalhar com os conteúdos geográficos na perspectiva de gênero, fui abordando o que é gênero com os alunos, para aproximar a Geografia do dia a dia deles. Quanto à faixa de idade, também com a mesma intenção: para problematizar a pirâmide da população. Os nomes dos alunos foram substituídos por personagens trans de filmes e temporadas.

Cabe aqui explicar os motivos da escolha dos dois livros utilizados neste trabalho do 7º ano para o material empírico desta dissertação. Iniciei docência na rede estadual em 2003, onde lecionei em cinco escolas até 2010. Na Escola Estadual de Ensino Fundamental Osório Duque Estrada, só lecionei no período de 1 ano. Depois retornei em 2015 e permaneço até hoje. Na Escola Estadual de Ensino Fundamental Luiz Gama, lecionei pelo período de 2005-2010; na Escola Estadual de Ensino Fundamental Fernando Ferrari, de 2003-2006 e na Escola Estadual de Ensino Fundamental Mons Landell de Moura, só no ano de 2006, no turno noturno, e na Escola Estadual de Ensino Fundamental Três de Outubro foi no período de 2003-2009. Lecionei nessas escolas com carga horária dividida, um pouco numa e noutra para completar 40h. Na Escola Estadual de Ensino Fundamental Araújo Viana lecionei no período de 2013 a 2014 e na Escola Osório, citada acima, permaneci com as mesmas turmas, acompanhando os alunos desde o 6º até 9º ano. Isso antes não acontecia, era remanejado para outra escola da rede. Essa conquista me possibilitou conhecer melhor a escola e comunidade.

Assim, permaneço nas mesmas escolas mencionadas, afastando-me de uma delas (Escola Araújo), em 2019, quando fui aprovado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ficando apenas na Escola Osório, para me dedicar à dissertação de mestrado<sup>21</sup>. Entre 2011 e 2021 participei três vezes da escolha do livro didático de Geografia. Escolhi a coleção *Geografia Espaço e Vivência* duas vezes, em

<sup>21</sup> Terminei o Ensino Médio em 1996 num Supletivo, cursei três anos cursos pré-vestibulares. Fiquei como suplente no curso de História na Faculdade Porto-alegrense, FAPA, mas fui chamado para cursar e me formei em 2005. Ingressei na rede estadual em 2003 como professor contrato (fiz o concurso público de 2005, fui aprovado e classificado mas ninguém foram chamados exceto por via judicial), nesta época estava cursando o sexto semestre no curso de História e cursado a disciplina de Geografia com o geógrafo, professor e autor do livro didático *Construindo o espaço* do PNL 2002 e 2005, Igor Moreira. Assim com essa disciplina cursada, passar a ter interesse para geografia. Fui ser professor de Geografia em curso pré-vestibular e com metade do curso concluído fui aprovado no contrato temporário em geografia em 22º lugar.

2014 e 2017, na outra fiz escolha apenas em 2017, pois tinha entrado depois da escolha de livros.

A escolha da coleção em 2020 dos livros dessa pesquisa se deu quando pensei em estudar o livro didático adotado na minha escola desde 2015. Foi assim: cheguei à escola atual em 2015 e havia a coleção *Expedições geográficas*. Na época, eu dividia o trabalho

com uma colega, ambos com formação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, então adotamos para próximo triênio 2018-2020 *Geografia Espaço e Vivência*. Em 2018, ela saiu da escola por motivos pessoais e então conheci outra colega e dividimos as turmas. Com a Portaria nº 289/2019, foi imposta nova organização curricular, em que a Geografia perdia cinco períodos. Havia três períodos para cada ano do Ensino Fundamental, e com a mudança ficaram apenas dois períodos do 7º ao 9º Ano e um período para o 6º Ano. Houve, por isso, remanejamento do quadro de professores.

Por desmotivação, o que aconteceu infelizmente, fizemos a escolha apressadamente. Então, para o triênio 2020-2022, escolhemos, como primeira opção, *Expedições Geográficas* e como segunda opção, *Geografia Espaço & Interação*. A coleção *Geografia Espaço e vivência* foi excluída do PNLD 2017 e uma outra coleção que me chamou atenção era *Por Dentro da Geografia*. Então comecei a comparar essa coleção com a obra escolhida, e me incomodou muito a organização dos conteúdos. Assim, resolvi investigar dois livros didáticos, inicialmente, apenas na temática de gênero e, posteriormente, me interessei por mulheres travestis.

Os dois livros utilizados na pesquisa para análise da temática compõem o Quadro 4:

Quadro 4: Material analítico da pesquisa

| LIVROS SELECIONADOS     | ANO | EDITORA | ANO-PNLD |
|-------------------------|-----|---------|----------|
| Expedições Geográficas  | 7º  | MODERNA | 2014     |
| Expedições Geográficas  |     |         | 2017     |
| Expedições Geográficas  |     |         | 2020     |
| Por Dentro da Geografia |     | SARAIVA | 2014     |
| Por Dentro da Geografia |     |         | 2017     |
| Por Dentro da Geografia |     |         | 2020     |

Fonte: Dados elaborados pelo autor, 2020.

## 2.1. DA PRÁTICA À AVENTURA

As imagens dos livros didáticos muitas vezes não são analisadas e muito menos problematizadas nas práticas pedagógicas, por inúmeros motivos. Isso deixa as imagens com a função de acessórios inúteis nas páginas dos livros e, o mais grave, os alunos sem orientações para educar seus olhares para gerar significados reflexivos entre elas e seus cotidianos.

A bricolagem metodológica, como define Kincheloe, citado no texto de Vanessa Sonia Santos *Bricolagem metodológica na compreensão de performances interativas no espaço público* (2017), significa aceitar que não há metodologias universalmente aplicáveis e corretas, que métodos devem vir em resposta a situações particulares e demandas específicas, geradas pelo questionamento de pesquisa. Tal metodologia procura reexaminar interpretações aceitas, mostrar novas ideias e alterar antigos princípios e representa um desafio ativo de encontrar ou criar ferramentas capazes de conectar espacialidade e gênero<sup>22</sup>.

Ancorando-me nesse método, propus pensar de que forma as mulheres travestis são percebidas pelos alunos na apresentação das atividades elaboradas, através das quais eles poderão construir possibilidades de conhecimentos. Apesar de não haver encontrado uso da bricolagem em todos os livros didáticos de Geografia que manusei em anos de docência, tento me aventurar neste novo desafio.

Nos livros escolhidos para este trabalho, as principais atividades (Apêndices A e B) foram trabalhadas com a geografia da população e como avaliação final a construção das *cartografias das mulheres no plural*, as quais se subdividem em temas correlacionados. Não foram todas elas respondidas pela maioria dos alunos, principalmente, no final de novembro em diante, em função dos estudos de recuperação. Então selecionei algumas atividades para exemplificar a bricolagem.

Os livros didáticos investigados contemplam temas associados aos movimentos populacionais em diferentes escalas: espaciais e temporais, os quais foram selecionados para explorar assuntos como imigração, cidades, regiões brasileiras, região metropolitana, emprego, trabalho, pirâmide da população, setores ocupacionais, gênero, raça, geração, rural e

---

<sup>22</sup> Além do texto de Vanessa Sonia Santos, outras leituras para essa metodologia foram estudadas: *Pesquisa em educação e bricolagem científica: rigor, multirreferencialidade e interdisciplinaridade* (2016); *Montagem do pensamento e da escrita acadêmica em educação: conversações entre Deleuze e Didi-Huberman* (2019); *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação* (2012); *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades* (2010); *Pesquisa sobre currículos, gêneros e sexualidades* (2018) e *Geografia e o mundo contemporâneo: pensando perguntas significativas* (2012).



urbano e tecnologia. Assim, esta pesquisa se guiou no seguinte questionamento: como a Geografia pode ampliar o conhecimento sobre as mulheres travestis com a intenção de contribuir para a sensibilização e empatia da população da sociedade?

A bricolagem, como uma outra maneira de fazer pesquisa, contribui para o questionamento desta pesquisa, ao tentar construir referenciais alternativos que ajudam a compreender o discurso tradicional, para dar visibilidade às mulheres travestis. Ressalta-se que a busca por outros processos de produção de conhecimento é imprescindível em uma escola com alunos que se manifestam como seres cada vez mais complexos.

Com o mapeamento das imagens, elaborei um arquivo de todas as imagens digitalizadas dos dois livros didáticos, dos três últimos PNLD: 2014, 2017 e 2020. Assim, disponibilizei no site de compartilhamento com os alunos esse arquivo de imagens *Flickr*. Com isso, os alunos estavam prontos para começar a bricolagem. A etapa a seguir era cartografarem as imagens encontradas e, posteriormente, produzir novas perspectivas e conhecimento sobre as imagens de mulheres.

Para alargar o pensamento deles, propus perguntas para pesquisarem na *internet*: como os assassinatos ocorrem no Brasil? Por que essas mulheres ficam sem alternativa para buscar emprego? Como os alunos navegam muito no *Google* notícias e no *Google* imagens, solicitei que fizessem um levantamento do que aparece com a palavra “travesti”. Para qualificar a atividade, compartilhei o texto a seguir, do qual fiz a leitura com eles para auxiliar na atividade:

Em março de 2018 a maior concentração dos assassinatos foram contabilizados na região nordeste, com 59 assassinatos (36,2% dos casos), seguido da Região Sudeste com 45, Sul com 20, Norte com 19 casos e Centro-Oeste com 18 assassinatos. As regiões Sul e Centro Oeste apresentaram aumento em relação a 2017. O Brasil segue como o país que mais mata travestis, mulheres transexuais, homens trans e demais pessoas trans de todo o mundo. Com 47% das mortes notificadas, o Brasil lidera o Ranking mundial de assassinatos de Travestis e Transexuais. De acordo com o Transgender Europe, que monitora os assassinatos de Travestis e Transexuais pelo mundo, entre 01/10/2017 e 30/09/2018, foram assassinadas 167 pessoas Trans no Brasil, seguidos de 71 mortes no México, 28 no EUA e 21 na Colômbia no mesmo período. O Brasil ocupou o primeiro lugar nos três primeiros relatórios, sendo que teve 171 mortes (entre 2016 e 2017) e 136 (entre 2015 e 2016). Na maioria dos países, os dados sobre pessoas trans assassinadas e com diversidade de gêneros não são sistematicamente produzidos e é impossível estimar o número real de casos. Dos 163 assassinatos notificados em 2018, 06 notícias não constam dados sobre o tipo de ferramenta/meio utilizada para cometer o assassinato (Org. Autor).

A partir desse texto, pedi para pesquisarem sobre as mulheres travestis e os motivos dos seus assassinatos. Assim, vou endereçando a atividade para transgredir cada vez mais na problemática de estudo. A interação dos alunos nessa atividade vai sendo mais envolvente.

As leituras das imagens funcionaram como tropas, segundo Wenceslao Machado de Oliveira Jr. (2020). As falas dos alunos foram diversas numa única imagem, as leituras provocaram interrogações e manifestaram suas opiniões.

O trabalho de bricolagem dos alunos também permitiu transgredir a ordem dos conteúdos do livro didático. Tradicionalmente, e infelizmente, muitos professores, por não terem a formação em Geografia, seguem o sumário literalmente, treinando dessa maneira os alunos a seguir essa ordem dada no livro. Isso traz uma grave consequência, não possibilitando abertura para a geografia do dia a dia como também conteúdo. É muito comum na sala de aula o aluno questionar que tal assunto não é geográfico, e isso vem porque não fazem o livro “falar”.

A bricolagem permitiu movimentar, desorganizar, bagunçar a organização das imagens nos livros didáticos e, ao examinar e refletir a nova ordem estabelecida nas imagens, foi possível dismantelar o que se naturaliza no livro didático.

Dos conceitos de Geografia: espaço, região, território, escala e rede, é importante que possibilitem estabelecer leituras de mundo de outras formas. Eles são utilizados para identificar e interpretar dimensões da realidade, portanto são fundamentais na produção do espaço em buscar compreender sobre os elementos do raciocínio geográfico. Pensar pela e com a Geografia requer orientação do pensamento.

A seguir, no subitem *Percurso didático*, apresento as situações que formam um roteiro de aprendizagem para que os alunos possam ser autores das suas aprendizagens. Organizei o processo, desencadeando o percurso didático, fundamentado na habilidade que espero dos alunos participantes.

## 2.2. PERCURSO DIDÁTICO

Neste subitem, apresento o desenvolvimento das quatro aulas aplicadas durante a pesquisa, entre julho e dezembro de 2020, o percurso didático das atividades realizadas com os alunos<sup>23</sup> do qual no Capítulo 4 farei a análise. Início a primeira aula apresentando as imagens da pesquisa, depois começo a falar da dimensão sócio-demográfica dos territórios, transgredindo com as linguagens visuais do livro didático. Magdalena Moreno (2021) me auxilia nesse percurso didático:

Es necesaria superar los planteos cisheteronormativos y binarios y brindar explicaciones a partir de marcos teóricos que reflexionen sobre los procesos socio-espaciales desde la teoría de género, la teoría queer, de la interseccionalidad u de la decolonialidad. Somado a esto, se considera que es necesario que cada docente realce una reflexión sobre sus propias creencias vinculadas a la sexualidad, sobre la educación sexual recibida y sobre los mandatos patriarcales que pueden tener incorporados tal vez, inconscientemente (p.21).

Tal percurso didático aposta neste desafio de superar a projeção cisheteronormativo e binária e “despir do que aprendeu” (KAERCHER, 2007, p.16) para outras leituras de pensar e ver o mundo.

Assim, os conteúdos *população brasileira* (aula 1), *emprego e renda* (aula 2), *qualidade de vida* (aula 3) e *migrações* (aula 4) são transgredidos, falando das mulheres travestis, e são explicados a seguir:

Tonini nos auxilia no trabalho com imagens nos livros didáticos em três principais textos: *Notas sobre imagens para ensinar Geografia* (2019), onde estabelece apontamentos analíticos sobre imagens de identidades posicionadas como Outras; em *Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia* (2003), em que a autora traz como se territorializam as imagens nos ditos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, e, por fim, *Desafios para potencializar o livro didático de geografia* (2017), que traz uma linha de fuga para ensinar e aprender geografia com o livro didático.

### Aula 1 (Atividade 1)

A atividade iniciou com a seguinte pergunta:

---

<sup>23</sup> Uma leitura importante que me auxiliou na avaliação das atividades com os alunos: *Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos* (1995) necessário para avaliar com responsabilidade.

Pronto para se despir do que aprendeu?

Início a aula com a proposta de os alunos entrarem no site *Flickr* para olharem com muita atenção as imagens de população. O objetivo é resgatar o conhecimento prévio que eles possuem a respeito da população brasileira. Para isso, fiz perguntas para auxiliar a reflexão dos alunos, como:

- Quais tipos de mulheres aparecem nas imagens?
- Que ocupações elas estão trabalhando?
- Qual a idade e cor delas?

Reservei um tempo para que os alunos respondessem. Depois convidei-os para agrupar as imagens por setores ocupacionais.

## Aula 2 (Atividade 2)

Nesta atividade chamei atenção aos alunos sobre os números apresentados na Tabela 2. Pedi, então, que identifiquem as faixas etárias com menor e maior salário.

Tabela 2: Rendimento médio mensal por faixa etária, cor/raça e sexo (em reais) – 2016

| Faixa etária (ano) | Negros   |        | Branços  |        |
|--------------------|----------|--------|----------|--------|
|                    | Mulheres | Homens | Mulheres | Homens |
| 14 a 17            | 450      | 530    | 569      | 654    |
| 16 a 24            | 883      | 1001   | 1158     | 1333   |
| 25 a 29            | 1199     | 1393   | 1849     | 2177   |
| 30 a 39            | 1337     | 1673   | 2309     | 2930   |
| 40 a 49            | 1367     | 1822   | 2494     | 3319   |
| 50 a 59            | 1346     | 1765   | 2465     | 3647   |
| 60 ou mais         | 1278     | 1680   | 2382     | 3600   |

Fonte: *Por Dentro da Geografia*, 2020.

Após a leitura, solicitei que observassem a desigualdade de renda, interseccionando raça, classe e gênero.

Também entreguei aos alunos o texto a seguir e pedi que o lessem individualmente.

No Brasil, os negros recebem salários menores que os brancos. O mesmo ocorre com as mulheres, quando comparadas aos homens. Infelizmente, o fim da escravidão, em 1888, ainda não resolveu as desigualdades no Brasil. A diferença social e econômica entre negros e brancos no Brasil ainda é muito grande. Segundo o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em 2016, um negro recebia salário menor que o pago a um branco (*Por Dentro da Geografia*, 2020,p.118).

Com a intenção de qualificar a leitura com mais reflexões dos alunos, entreguei algumas perguntas:

- Quanto recebiam de salário médio, em termos proporcionais, uma mulher negra e uma mulher branca em relação ao salário médio de um homem branco na faixa etária de 25 a 29 anos?
- Identifique o maior salário médio que uma mulher e um homem negro receberam e calcule sua proporção em relação aos salários médios mais baixos de uma mulher e de um homem branco. Por que isso ocorre?

Aproveitei a leitura sobre desigualdade de distribuição de salário para iniciar a reflexão de gênero. Assim, criei o enunciado a seguir:

Em Porto Alegre, os proprietários de uma hamburgueria decidiram não excluir na hora de montar sua equipe. Depois de publicarem anúncio de emprego que deixava clara a intenção de contratar transexuais, os empresários receberam 348 currículos, sendo 29 de homens trans, 41 de mulheres trans e 14 travestis. Dezesesseis funcionários foram contratados. Duas são travestis. Na faixa etária de 25 a 29 anos (Elaborado pelo autor).

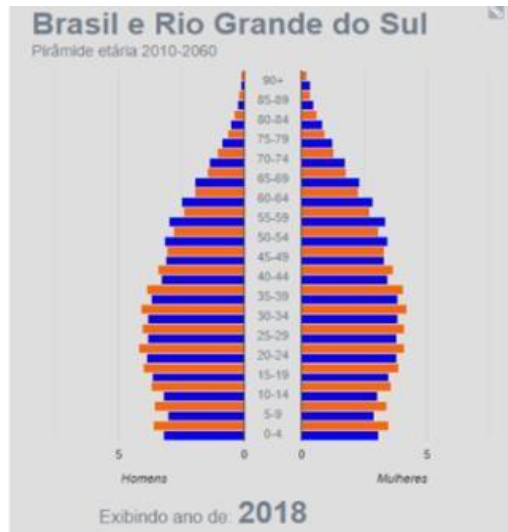
Fiz as perguntas aos alunos referentes ao enunciado acima com referência de valores salariais da Tabela 2:

Qual será o salário das trans? E se fosse negro/negra? Você concorda? Por quê?

Aula 3 (Atividades 3, 4 e 5)

Para iniciar a aula, posicionei os alunos da melhor forma para visualizarem o gráfico e dados trazidos pelas Figuras 1 e 2, as quais apresentam aos alunos uma pirâmide etária.

Figura 1: Gráfico usado na pesquisa



Fonte: IBGE, 2018.

Figura 2: Imagem de resultado de busca usado na pesquisa



Fonte: Dados elaborados pelo autor, 2021.

Com a apresentação da pirâmide, investiguei o que os alunos compreenderam a respeito da representação dos dados e proporcionei tempo para que eles expusessem seus conhecimentos e hipóteses. A pirâmide etária é uma representação gráfica que permite analisar a distribuição da população de acordo com a faixa etária e o gênero. As barras da base da pirâmide representam a população mais jovem, enquanto o topo, a população idosa. A

pirâmide também é dividida verticalmente, onde o lado direito representa a população feminina e o esquerdo, a masculina. Conduzi a discussão perguntando aos alunos:

-Por que é importante conhecer a distribuição da população por faixa etária?

-O que podemos analisar com esses dados?

Retomei as discussões da Aula 2 para relacionar com as melhorias nas condições de vida da população. Então propus assistir ao vídeo *Fakemília tradicional brasileira*, da Nicolle Machado<sup>24</sup>, em forma de poema, para tensionar as dificuldades das mulheres travestis. Depois foi solicitada uma pesquisa sobre as travestis e assim completou-se a aula (pirâmide-qualidade de vida-video-pesquisa).

Para tensionar esse conteúdo, os textos de Foucault *Os anormais* (2001), *Em defesa da sociedade* (1999), *Segurança, Território e População* (2008), *História da sexualidade* (I, II, III e IV) foram centrais. Essas leituras possibilitaram uma ampliação na compreensão da sexualidade, transexualismo e a sociedade e para pensar em outros arranjos dos corpos travestis. Foucault fala de uma sociedade disciplinar no mundo que estrutura todos nós em masculino e feminino e põe na margem outras pessoas que não se enquadram na tal sociedade. Assim, pensar Foucault é pensar no alargamento de direitos das mulheres travestis.

Outros quatro textos que me auxiliaram também: *Sou frida, mas não me khalo: dificuldades vividas por travestis no acesso ao Serviço Único de Saúde* (2019); *Currículo, diferença e pesquisa na educação básica* (2018); *A vontade do saber: a construção da visão sobre a (in)existência das pessoas trans a partir de uma visão foucaultiana* (2019) e *A visibilidade: transgênero no instagram* (2019). Essas leituras buscam refletir sobre as subjetividades para com as mulheres travestis.

#### Aula 4 (Atividade 6)

Nesta aula propus o estudo da migração e auxilei com o texto:

A migração de mulheres de países pobres aos países ricos guarda relação com o desenvolvimento do capitalismo que são o trabalho das mulheres e o empobrecimento dessas mulheres. Hoje em dia tem uma intensificação do trabalho das mulheres e, portanto, os países ricos e países pobres se constata um crescimento da incorporação no mercado de trabalho que por sua vez mostram a discriminação da participação da mulher. No caso dos países pobres, a participação da mulher no trabalho remunerado respondeu aos efeitos do capitalismo e das crises socioeconômicas vividas por seus países. Uma das consequências do empobrecimento da população, principalmente das mulheres, é a dupla jornada de trabalho. Também a população a reduzir os gastos e priorizar os serviços se aprofundou as

<sup>24</sup> Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1KgNzfuk4m6zDrg94WNemZQKW5-sBeNYy/view?usp=sharing> Acesso em: 11 nov. 2021.

famílias chefiadas pelas mulheres onde o número é cada vez maior no mundo e em especial na América Latina (Adaptado, MORENO, p.65, 2021).

Fiz uma leitura coletiva e em seguida solicitei para completar as frases e indicar se estão corretas ou incorretas e justificar.

..... as mulheres sempre fazem parte do movimento migratório.

..... as mulheres que migram aos países desenvolvidos encontram trabalho facilmente bem remunerado e isso lhes permite sair da pobreza.

..... como efeito do capitalismo, as tarefas domésticas se distribuem equitativamente na família.

..... a maioria das moradias na América Latina tem como principal liderança uma mulher.

Em continuidade com o conteúdo de migração, outra atividade foi solicitada, com auxílio do texto a seguir, para refletir sobre condições de vida das mulheres travestis migrantes.

O migrante é a pessoa que se desloca dentro do seu país, indo morar em outro município ou estado. Na década de 1960, os principais deslocamentos populacionais do Brasil eram resultados da concentração de terras associada à períodos de seca. Na década de 1970, aumentaram os fluxos para o Norte e para o Centro-Oeste do Brasil. O deslocamento de travestis para a Europa é motivado em função de que 50% delas deixam o Brasil devido à discriminação, 31% delas não têm oportunidades financeiras no Brasil, e 16% delas falam no desejo de “ser uma europeia” o que ajudaria a superar o preconceito e os problemas financeiros. As restantes 3% estavam vinculadas à perspectiva de ficar distante da família e poder transformar o corpo sem criar conflitos (Adaptado, SILVA, 2013).

Para encerrar a aula, o uso do mapa para discutir a dupla opressão de ser mulher: a identidade de gênero e migrante. Para tal, utilizei o site *Portal de datos mundiales sobre la migración una perspectiva global*:



Figura 3: Mapa on-line usado na pesquisa



Fonte: Migrationdataportal.org, 2021.

Fiz perguntas para auxiliar a reflexão dos alunos, como:

- Em que países se localiza a maior quantidade de mulheres migrantes cis e trans?
- Que porcentagem representam?
- Qual é a relação entre imigração e emigração?
- Em geral, o que leva as pessoas a migrarem?

Com essas quatro aulas, os alunos fizeram leituras de imagens, agruparam e entrevistaram as imagens. Relacionaram com a renda, interseccionando classe, raça, gênero e sexualidades, chegando aos fluxos de migração. Durante as aulas, foram criados momentos de avaliação, como a participação nas discussões propostas e a realização da atividade, finalizando com uma *cartografia das mulheres no plural*.

No capítulo 3, minha escrita concentra-se nos seguintes subitens: traço brevemente alguns aspectos históricos da criação do Programa do Livro Didático para depois iniciar a escrita sobre o potencial uso das imagens para além de um recurso pedagógico. Em seguida, apresento o livro didático invertido.

### 3. TRANSGREDINDO O LIVRO DIDÁTICO

Neste capítulo, busco atender o primeiro objetivo deste estudo: detectar a presença de gênero feminino nos livros didáticos e em seguida o segundo objetivo: produção de práticas educativas para além da dualidade de gênero (masculino e feminino). Assim, com o título desse capítulo, *Transgredindo o livro didático*, inicio o questionamento de tais imagens ali inscritas.

#### 3.1. APRESENTANDO O LIVRO DIDÁTICO

O Programa Nacional do Livro Didático e do Material Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas de livros do Ministério da Educação voltados à distribuição de obras didáticas aos alunos da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se no século XIX. Com a vinda da Família Real e o gradativo aumento do número de escolas, impulsionou-se a produção literária didática, assim expandindo e criando a política nacional para o livro didático e, em 1930, a criação do Instituto Nacional do Livro (INL). Em 1985 foi criado o PNLD, ampliando o acesso aos livros para os anos iniciais, avançando para os anos finais e, na metade dos anos 2000, passa a contemplar o Ensino Médio.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) é responsável em sua operacionalização pela execução final do PNLD, por realizar o processo de escolha, dos livros junto às escolas, compilar resultados das indicações a fim de subsidiar as fases de negociação e aquisição junto às editoras, para posteriormente realizar a compras e a distribuição dos livros.

Também é de responsabilidade do FNDE a disponibilização dos Guias de livros didáticos em seu portal na internet. O primeiro Guia foi publicado em 1997 e enviava o mesmo material impresso às escolas cadastradas no censo escolar. Em 2014, ocorreu a produção de um livro didático em formato digital. O Guia tem sua função inicial orientar a escolha dos livros a serem adotados pelas escolas. No entanto, a escolha se faz, em sua maioria, pelos livros didáticos entregues pelas editoras nas escolas. O alerta do FNDE, de 2020, busca garantir que os docentes possam fazer a escolha sem interferência externa.

Assim se lê:

Art. 8º É vedado às escolas beneficiadas: IV - permitir acesso de representantes aos dispositivos em que é realizado o registro da escolha. Art. 9º É vedado aos representantes com materiais inscritos no Programa: IV - realizar orientação pedagógica e/ou divulgação de materiais do PNLD nas escolas beneficiadas ou nas redes de ensino durante o período de Registro da Escolha (Resolução nº15 de 26 de julho de 2018).

Grande parte dos professores desconhece o processo da escolha e, muito menos, a existência de um Guia para auxiliá-los, ou mesmo a possibilidade de fazer denúncias sobre alguma irregularidade do processo, como ilustra a Figura 4 a seguir.

Figura 4: Possibilidade de fazer denúncias no processo do PNLD



CENTRAIS DE CONTEÚDOS

- Imagens
- Vídeos
- Publicações

- Informe nº 40/2019 - Fique atento ao prazo da escolha
- Informe nº 39/2019 - Começou a escolha do PNLD 2020!
- Informe nº 38/2019 - Nova legislação do PNLD
- Informe nº 37/2019 - Segurança no Processo de Escolha
- Informe nº 36/2019 - Escolha PNLD 2020/Escolas
- Informe nº 35/2019 - Escolha PNLD 2020/Secretarias
- Informe nº 33/2019 - Modelos de Escolha
- Informe nº 32/2019 - Escolha PNLD 2020 – Modelo de Escolha
- Informe nº 30/2019 - Adesão ao PNLD
- Informe nº 29/2019 - Escolha do PNLD 2020 – Anos finais do ensino fundamental

**Outras Informações:**

- Perguntas frequentes - Escolha PNLD 2020
- Passo a passo para consulta das escolhas – Secretaria de Educação e Comitê
- Passo a passo para acessar as obras na Íntegra
- Manual de Cadastro de Diretor PDDE Interativo – Secretarias de Educação
- Manual de cadastro de Secretário de Educação e Equipe Técnica
- Escolas participantes da escolha do PNLD 2020
- Ata da Escolha de Livros Didáticos
- Compromissos da Escola

**Denuncie!**

Dúvidas sobre a Escolha do PNLD 2020: [livrodidatico@fnde.gov.br](mailto:livrodidatico@fnde.gov.br)  
 Fraudes e Violações às Normas de Conduta: [ceac@fnde.gov.br](mailto:ceac@fnde.gov.br)”.

Fonte: [www.fnde.gov.br](http://www.fnde.gov.br), 2020.

Nos Guias sempre constou a resenha de cada Coleção aprovada, a qual descreve minuciosamente suas características. A Figura 5 mostra o acesso aos componentes curriculares no Guia Digital do PNLD 2020, que é o caminho de entrada para a resenha do livro didático, a qual apresenta: Visão Geral, Descrição da Obra, Análise da Obra e Em Sala de Aula. Todos esses itens potencialmente são de suma importância para o professor de Geografia subsidiar sua escolha. O Guia informa também quais são as coleções disponibilizadas para escolha.

Figura 5: Guia de livros didáticos de 2020



Fonte: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2020/inicio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2020/inicio), 2020.

Desde 2002, o Guia de Livros Didáticos PNLD apresenta a ficha de avaliação, à qual são submetidos os livros para sua aprovação. Um dos eixos avaliativos tem como critério questões relativas a imagens, ilustrações, gráficos, mapas, como ilustra a Figura 6.

Figura 6: Modelo de ficha de análise do LD

| CÓDIGOS DE IDENTIFICAÇÃO   |        |  |        |
|----------------------------|--------|--|--------|
| OBRA DIDÁTICA DE GEOGRAFIA |        |  |        |
| TIPO DE COMPOSIÇÃO         | TIPO 1 |  | TIPO 2 |
| PARECERISTA                |        |  |        |
| MENÇÃO FINAL               |        |  |        |

Fonte: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2020/componente-curricular/pnld2020-geografia](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2020/componente-curricular/pnld2020-geografia) 2020

No modelo de ficha avaliativa constam as seguintes questões:

4.3.1. A obra apresenta e utiliza em seus exercícios, atividades, ilustrações e imagens conceitos, informações e procedimentos corretos e atualizados (item 2.1.4a)? ; 4.5.16. No caso de gráficos, tabelas e imagens artísticas, a obra dispõe de títulos, legendas, fontes e datas (item 2.1.7t), e, no caso de mapas e outras representações gráficas do espaço, a obra dispõe de legendas, escala, coordenadas e orientação em conformidade com as convenções cartográficas (item 2.1.7u)?; 5.2.22. A obra respeita a Resolução relativa à pertinência do uso de imagens comerciais nos livros didáticos (Parecer CNE/CEB nº 15/2000) (item 2.1.1v)? (BRASIL, 2020, p.56-57).

Chama atenção a ausência nessa citação sobre uma solicitação de maneira genérica, isto é, a discriminação gerada por uma imagem, mapa ou gráfico é observada apenas no que se fere à legislação, não por uma leitura que pode potencializar o preconceito, como, por exemplo, pouca ou nenhuma imagem sobre determinado gênero. A ficha de avaliação do livro didático também traz perguntas sobre o uso da coerência, correção e adequação das linguagens nos livros didáticos, com a finalidade de aprovação.

Para esta pesquisa, as imagens passam a fazer parte de uma linguagem entendida como produtora de significados. Desse modo, perceber a presença ou a ausência de mulheres travestis nos livros didáticos de Geografia se dá pelas leituras que embasam o meu olhar teórico.

A partir de então, observo que os livros trazem uma visualidade estrondosa e bastante diversificada, ajustam-se aos conteúdos e temas, possuem legendas simples e claras, algumas favorecem a problematização e auxiliam na compreensão do conteúdo. Os mapas, em sua maioria, apresentam escala e legenda adequadas para representar os fenômenos estudados. Todo esse cuidado se dá por ser critério avaliativo para ser aprovado, ou seja, incluído no PNLD. A editora tende a seguir rigorosamente o edital de submissão de aprovação das obras didáticas.

O estudo de Aldo Gonçalves de Oliveira, *O livro didático de geografia como estratégia de governo*, 2019, auxilia nesse entendimento:

Considerando que constituem diferentes campos discursivos no Programa Nacional do Livro Didático: editais, fichas, pareceres, resenhas, guias e obras; sua problematização, em especificidade, permite compreender as linhas de força que os constituem e as relações de poder que os tornam elementos necessários para legitimar os saberes geográficos nesses manuais. Nesse contexto, as legislações, os editais e as portarias se orientam na perspectiva de um discurso institucional do Estado, voltado para editoras, que organizam os livros, e para a equipe avaliadora, que analisa as obras. Os diferentes produtos que são gerados, sintetizam as contradições entre tais agentes. Fichas, pareceres, resenhas e o próprio guia do livro didático compõem essa produtividade que visa regular, legitimar e conduzir os sujeitos envolvidos na política de livros didáticos ( p.14-15).

O autor aponta que todos esses elementos funcionam como dispositivo normativo que vai regular o que pode e não pode estar no livro didático. Ainda, conforme o autor assinala numa leitura foucaultiana, o Guia do livro se materializa como governo, quando o modelo de ficha é o único instrumento avaliativo para sua aprovação, de modo que toda equipe avaliadora dos livros didáticos vai atender tal solicitação para que o livro seja aprovado ou excluído.

Todo esse engessamento também vai gerar um livro didático com as mesmas características, desde a estrutura dos capítulos até suas referências bibliográficas. Ao fazer leituras iniciais dos livros didáticos investigados, chama atenção não terem qualquer recomendação para a orientação de leitura sobre gênero e sexualidade. O livro *Por Dentro da Geografia* traz indicações de livros da Ana Fani Alessandri Carlos, Marcelo Lopes de Souza, Antonio Carlos Robert de Moraes, Maria Encarnação Beltrão Sposito, que são boas indicações sobre o tema territorial. Mas não existe um estudo relacionados à prostituição ou a gays, travestis, imigração ilegal. No livro *Expedições geográficas*, as indicações de leituras se diferenciam:: Alfredo Wagner Berna de Almeida, Maria Geralda de Almeida, Alceu Vicente W. de Carvalho, Cláudio A. G. Egler, Alcino Jr. Izzo, Ruy Moreira, Kátia Annyelly T. Oliveira, Heitor Antonio Paladim Junior, Clézio Santos, Angelo Serpa. No entanto, seguem a mesma lógica de trazer o tema territorial como pauta para escolha das referências bibliográficas.

Ambos os livros investigados com referências distintas tratando o mesmo tema são do PNLD 2014. É interessante que, do ano 2017, nas referências do livro *Expedições geográficas* nota-se a presença de um livro de Ana Fani Alessandri Carlos, *A Cidade* (1994), autora importante e citada pela Joseli Maria Silva,<sup>25</sup> que é destaque nos estudos de geografia de gênero. Outro aspecto interessante é a presença nesse mesmo livro didático do Projeto “Nova cartografia social”, organizado por Alfredo Wagner Berno de Almeida, o que não consta no outro livro investigado. Esse recurso é importante para espacializar os feminicídios, por exemplo, cujos dados são ausentes nos livros.

Percebo maior abordagem na área territorial num que noutro livro, mas a ausência da visibilidade no espaço urbano de outras geografias está em ambos os livros. É possível subverter essa lógica de heteronormatividade nos livros e indicar outras referências. De acordo com a Joseli Maria Silva (2009), a pesquisa sobre gênero e sexualidade cresceu nos últimos anos, mas observo que PNLD não acompanhou essa mudança.

Ainda no que diz respeito às referências bibliográficas, há um descompasso com os conteúdos. No livro *Expedições geográficas* (PNLD2020), foi suprimido o tema das cidades, porém nas referências não foi, permanecem as mesmas dos outros PNLD (2014 e 2017), enquanto no livro *Por Dentro da Geografia* (PNLD2020) está presente este tema de território, mas nenhuma referência bibliográfica para os professores de Geografia. Pergunto-me: não

---

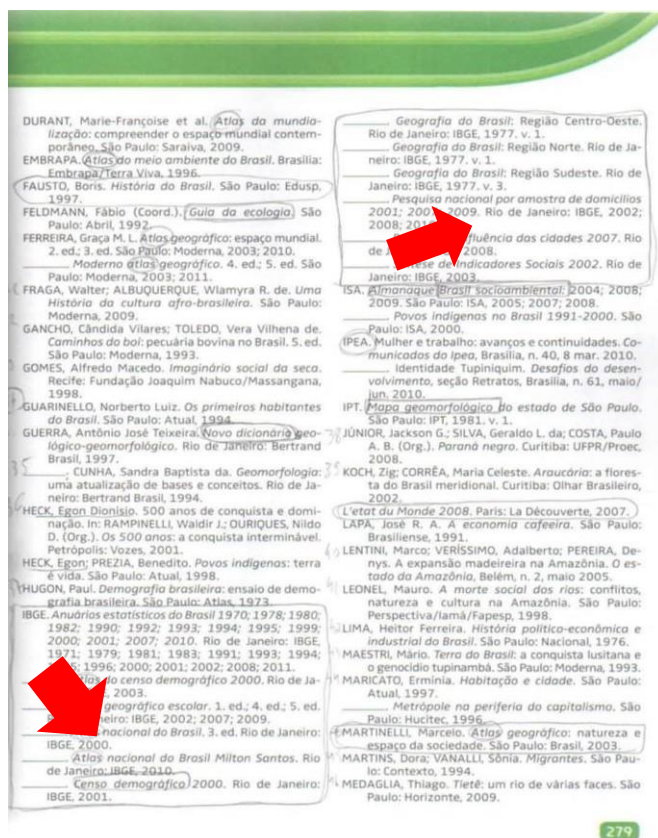
<sup>25</sup> A diferença de gênero é estudada em Geografia de gênero, que tem muitas publicações além das da geógrafa Joseli Silva (Brasil): Maria Dolor (Espanha), Doreen Massey (EUA), Monica Canambara (Argentina), Leticia Garcia (Argentina), Lucia (México), Paula (chile) Elas, há muito tempo, vêm desenvolvendo a geografia de gênero.

existe relação entre temas dos capítulos e referências? Ou foi suprimido por ter “muita coisa escrita”?<sup>26</sup> Assim Aldo Gonçalves de Oliveira nos chama atenção:

A sobreposição e atuação conjunta dessas tecnologias políticas no livro didático possibilitam uma otimização das estratégias de subjetivação a partir da lógica da governamentalidade. Nesse sentido, ele age sobre os sujeitos, individualmente, (alunos, professores e a comunidade escolar de maneira geral) em suas diferentes configurações populacionais (educação infantil, ensino fundamental, Ensino Médio, educação de jovens e adultos, etc.) e ambiental, na bidimensionalidade da página do livro, uma espacialidade de aprendizagem, ao mesmo tempo em que se territorializa nacionalmente para todas as escolas, buscando atingir uma quantidade cada vez maior de sujeitos. Considerando o posicionamento estratégico do livro didático de Geografia como dispositivo de espacialização em atuação na educação pública brasileira e entendendo que ele atua em consonância com uma lógica dominante de subjetivação espacial, considero imprescindível descrevê-lo em suas articulações com diferentes lógicas de governo (2019, p.69).

Essas estratégias de governo apagam as minorias nas páginas dos livros didáticos, como exemplificado nas ausências de mapas, Figura 7, que retrata as populações lésbicas, gays, bissexuais, travestis *queer* e intersexo.

Figura 7: Ausência de referência de mapas LGBTQI



Fonte: PNLD, 2014.

<sup>26</sup> Expressão referente à fala do presidente do Brasil quanto aos livros didáticos, dia 03/01/2020. Disponível: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-que-livros-didaticos-tem-muita-coisa-escrita/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

Existe o Mapa TvT com legislações, práticas legais reais especializadas em representações cartográficas, que poderia aumentar a importância LGBTQI nos livros didáticos de Geografia se fosse incluído nas referências. Esse site mostra países onde as travestis são processadas pelas leis que foram projetadas para outros fins. Também gráficos listam práticas alternativas, como aquisição de redesignação de gênero, por exemplo. Essas “alternativas” existem em países onde não há atendimento médico específico para as travestis<sup>27</sup>.

O tema “transfobia” não consta no livro do PNLD de 2014 nem no 2017, e assim continua em 2020, mas tal palavra está presente no edital:

**PRINCÍPIOS GERAIS** Abordar a temática de gênero, visando à construção de uma sociedade não-sexista, justa e igualitária, inclusive no que diz respeito ao combate à homo e transfobia. (BRASIL, 2017).

Tradicionalmente, os livros didáticos investigados trazem: Atlas Histórico Escolar, Atlas Histórico Básico, Atlas ambiental, Atlas National Geographic, Atlas História do Brasil, Atlas de pressões e ameaças às terras indígenas na Amazônia brasileira, Guia da Ecologia, Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística, anuários estatísticos do Brasil, ISA almanaque socioambiental, IPEA mulher e trabalho: avanços e continuidades, IPT mapa geomorfológico, Atlas geográfico natureza e espaço da sociedade, Ministério do Meio Ambiente, Atlas geográfico mundial, Secretaria Especial de Políticas de promoção da igualdade racial, Secretaria especial de políticas para as mulheres, ÚNICA relatório de sustentabilidade, Atlas do Brasil, disparidades e dinâmicas do território.

Destes elementos geográficos que constituem os livros didáticos de Geografia, onde encontramos dados das mulheres travestis? Elas têm 256 vezes mais chances de serem assassinadas que homens gays. Como combater a homofobia e a transfobia com ausências de tais dados no livro didático? Para exemplificar, Débora Lee traz relato da vivência territorial no artigo *O que mais me marcou na vida é ser barrada e não poder entrar nos lugares: esta é a geografia de uma travesti*:

Hoje as coisas são mais tranquilas. Antigamente era bem difícil, porque os policiais chegavam agredindo. Neste tempo a prostituição era vadiagem. Eles chegavam agredindo, com cachorro pastor alemão, atrás da gente, a gente tinha que correr de uma avenida para outra. Mas as coisas foram melhorando, porque foram também melhorando os direitos humanos. Nesta época não existiam ONGs em Ponta Grossa. Tinha o Reviver, que

<sup>27</sup> O mapa TvT está disponível em: <http://Transrespect.org> do Projeto Trans Murder Monitoring (TMM) da organização Transgender Europe <https://transrespect.org/es/> Acesso em: 11 nov. 2021.



começou com as travestis, mas depois deixou as travestis de lado, aí ficou sem instituição. Depois abriu o Renascer, que aí foi melhorando, falando de direitos humanos, homofobia, preconceito, etc. (SILVA, 2013, p.35).

Mediante o exposto, passo, no próximo subitem, a tensionar as leituras das imagens. Exploro algumas maneiras pelas quais a identidade “travestis” pode ser mediada no livro didático de Geografia, comprometendo-se com esses corpos silenciados.

### 3.2. DESFAZENDO AS IMAGENS

Os livros contam narrativas de populações em diferentes locais do mundo sobre as quais os alunos têm um olhar imaginativo de como se espacializam. Com essa compreensão, desenvolvi com os alunos seus próprios relatos sobre alguns conteúdos e como entendemos o que pode ser viável no uso do livro didático no sentido de organizar o conhecimento produzido.

Diante disso, movimento-me pelas imagens do livro didático abordando questões de gênero e sexualidade relativas às mulheres travestis para estabelecer as análises desta pesquisa. A opção pelas imagens tem como referentes educar os olhares e a possibilidade de potencializar a temática em estudo. Como critério de escolha de material empírico, foram os livros do 7º Ano, anos finais do ensino fundamental, em que se estuda a população brasileira, de duas coleções adotadas pela escola no PNLD.

Esta pesquisa buscou focar na identidade travesti enquanto potencialidade de atitudes ativistas, com a intenção de gerar mais tolerância e aceitação. Movimentar em desfazer as imagens das mulheres trazidas nos livros didáticos a fim de que sejam desenvolvidos valores de respeito e de empatia à identidade de gênero foi uma das possibilidades pensadas para este estudo.

A discriminação social dos diferentes é um elemento presente no discurso social sobre as mulheres e se conecta com os livros didáticos. É uma operação em conjunto, não existe uma discriminação só na sociedade, ela está igualmente no livro didático. Esse processo de discriminação exclui e impacta diretamente a vida destas mulheres, permeando durante toda a

sua vida, seja dentro das próprias famílias, nos estabelecimentos educacionais ou no mercado de trabalho<sup>28</sup>. Com as mulheres travestis, isso é mais intenso, pois enfrentam a transfobia cotidianamente.

Desse modo, percorro as páginas dos livros didáticos *Por Dentro da Geografia e Expedições Geográficas* em busca das imagens de mulheres. Elas aparecem nos espaços rural, urbano ou industrial e trazem ideia que a mulher é do tipo mãe, agricultora, operária, professora, dentista, médica. Todas essas ocupações estão ligadas na maioria das vezes ao cuidado de pessoas.

Nesses livros aparecem mulheres cis, brancas e negras, mas não mulheres trans. Questiono-me: mulheres trans que passam por cirurgia para ficarem mais femininas podem estar ali naquelas páginas do livro? Esse é um tema importante para ser discutido nos currículos escolares. Para Berenice Bento, no livro *A invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*<sup>29</sup>, 2017, o desejo delas é ser livre de discriminação:

No caso de Kátia, as mudanças também foram visíveis. Já no hospital se dizia feliz. Na primeira entrevista depois da cirurgia, ela relata suas sensações antes da cirurgia. Kátia: Eu falei assim: Amanhã você sai daqui (referência ao pênis). Amanhã você não existe mais, esse... uma coisa que eu tinha ali no meio das pernas que chama pênis. Então foi isso que eu pensei: Vai sair daqui seu desgraçado, amanhã você não está aqui. Eu queria mais realmente, ficar livre dele e olhar e ter uma vagina. Era isso que eu queria. E a hora que eu acordei no quarto, que levei a mão lá, percebi que tinha ficado livre. Foi uma felicidade imensa. Eu sabia de todos riscos, mesmo assim eu queria. E se morresse, morreria feliz (p.193).

O desejo das mulheres travestis de realizar a cirurgia para transitar como pessoa do gênero identificado é o que as leva a realizar os ajustes corporais, mas muitas delas se autodeclaram travestis como posicionamento político. É necessário problematizar os limites dos gêneros (masculino e feminino) calcados no referente dos sexos.

Nesse sentido, o olhar atento em cada página do livro didático gera o que Wenceslao Machado de Oliveira Jr. chamou “território de poder nas imagens”:

<sup>28</sup> Noticiado no *Jornal Diplomatique*. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-abandono-de-pessoas-trans-durante-a-pandemia>. Acesso em: 10 mar.2021.

<sup>29</sup> Outra leitura fundamental para tal compreensão da mesma autora *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos* (2017).

Elas nos educam os olhos para ver, uma vez que educar os olhos não somente fazê-los ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas é, sobretudo um pensamento sobre o que é ver, sobre o que são os olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer (2020, p.10).

Gênero, sexo ou modo biológico são construções sociais, isto é, a sociedade organiza um sistema de gêneros, faz uma leitura dos corpos e genitalidade. Desde quando nascemos, cotidianamente atuamos com um determinado gênero. Então, educando-se o olhar das imagens, passa-se a explicar que esse sistema de gênero que provoca as desigualdades e as opressões entre as pessoas não é natural, mas construído socialmente e que pode ser modificado.

Aliás, essa geografia das sexualidades nos permite aprender um conhecimento situado sobre quem está falando? De onde está falando? Que condições tem para ser ouvida? Nesse sentido, objetiva-se mostrar as mulheres travestis e então estudar o que ocorre no espaço, o que é um tema difícil de ser pesquisado, tanto pela escassez de estudos como por ser um tema belicoso no cenário político brasileiro, mas não impossível.

Dialogo com Larissa Corrêa Firmino (2020), ao falar na produção de discursos pelas imagens sobre gênero:

A imagem fotográfica quando mobilizada como representação em livros didáticos de Geografia, atua como um dos dois principais mecanismos de poder na produção de discursos de gênero, pois é designado as relações sociais entre os sexos (SCOTT, 1995) de maneira hierárquica – quanto à frequência, posição e características – e as vinculando a determinados espaços geográficos, que estas imagens atuam discursivamente como verdades que comprovam e ilustram narrativas do real ( p.78).

É muito importante estar atento a tais mecanismos, pelo simples fato de que, quando mostramos uma imagem de travesti aos alunos, eles conseguem identificar se é homem ou mulher, ou seja, para eles foi acionado um mecanismo de poder, de que Firmino (2020) fala. Então, ao colocar as mulheres travestis ali na imagem, na verdade é uma percepção das pessoas cis de quererem nomear, dar nome aos objetos, aos sujeitos, a partir de seu contexto normativo.

Um das atividades realizadas com os alunos teve a intenção de desfazer a imagem trazida nos livros didáticos investigados. Como a identidade travesti é do gênero feminino, qualquer imagem de mulher no livro didático pode ser substituída por mulher travesti. Para o

fim de exemplificar isso, as imagens escolhidas pelos alunos, trazidas pelas Figuras 8, 9 e 10 corroboram com a assertiva.

FIGURA 8: A pergunta do aluno “É UM HOMEM?”



Fonte: *Por Dentro da Geografia*, 2017.

As perguntas que os alunos fizeram geraram outras com minha mediação para pensar os espaços de interdição das mulheres travestis. Na Figura 8, foi uma “sacada” do aluno, pois na imagem fica difícil a identificação do gênero. Isso é importante, uma vez que as imagens apresentadas nos livros didáticos não mostram bem qual o gênero, o que indica a necessidade de dialogar com o texto.

Nessa expectativa, as Figuras 9 e 10 geraram outras leituras.

FIGURA 9: A pergunta do aluno “QUAL A IDENTIDADE DE GÊNERO DA PROFESSORA?”



Fonte: *Expedições Geográficas*, 2020.

FIGURA 10: A pergunta do aluno “NA FOTO TEM JOGADORA TRANS?”



Fonte: *Por Dentro da Geografia*, 2017.

As perguntas, portanto, apontam possibilidades de outras leituras, trazendo a realidade das mulheres travestis. Estes espaços – rural, escolar e esporte – são também lugares das mulheres travestis.

Firmino (2020) em sua tese vai falar: “os discursos produzem verdades que são garantidas por mecanismos de poder que atuam sob o livro didático” (p.78), ou seja, as imagens podem ser vistas como mecanismos estratégicos para naturalizar o discurso.

Assim, ao olhar essas imagens dos livros, percebe-se como seus enunciados davam o indicativo de qual função exercia cada mulher naqueles espaços. Tal fato permite estabelecer inicialmente uma leitura única. À medida que foram tensionadas as imagens através de perguntas, quebrou-se esse mecanismo de poder e se puderam fazer outras leituras do lugar como possibilidade de a mulher travesti também trabalhar nesta função ocupacional trazida nas imagens dos livros didáticos de Geografia.

Com um mínimo olhar interseccional a essas imagens, é possível destacar as categorias analíticas gênero e raça. Solicitei aos alunos que percebessem se mulheres negras ou brancas pobres representadas nestas imagens no urbano, no rural, no esporte podriame facilmente ser substituídas por mulheres travestis negras, conforme mostraram as Figuras.

A notícia trazida no excerto a seguir me auxilia nesse raciocínio:

De 2009 a 2013, a educadora de 35 anos, formada pela Universidade de São Paulo (USP), dava aulas no colégio inicialmente como Luiz Otávio Pereira Coppieters. Em 2014, porém, ela contou aos alunos que o professor Luizão era, "na verdade", Luiza. A transição entre os

gêneros havia se tornado pública em novembro passado, quando ela postou uma foto maquiada no Facebook, o que aguçou a curiosidade dos estudantes<sup>30</sup>

Em espaços como uma escola, elas são mais vulneráveis a violências transfóbicas, mas como mostra neste excerto a seguir, isso não ocorreu:

‘Ela é a melhor professora do colégio. A gente pode falar de tudo. Eu não tive problema nenhum com ela ser transexual. Ela nos dá conselhos sobre a vida e fala coisas que outros professores dizem que não falam por que não é coisa de sala de aula’, diz a aluna Thauany Alves (15 anos). Já o colega Lucas de Oliveira Penteadó (14 anos) disse que estranhou no começo do ano a professora homossexual. “Depois me acostumei. Ela trabalhou isso com a gente. De não termos preconceito”, afirma<sup>31</sup>

Duas histórias diferentes de contar suas sexualidades, mas ambas atuando em espaços iguais: em escolas. Mesmo em meio aos ataques contra a escola, ainda há sinais de respeito às diferenças.

Embora elas sejam tratadas nos serviços públicos com mais dignidade, as mulheres travestis, da letra T de LGBT, sentem corporal, espacial e discursivamente as hostilidades em vários ambientes e em diferentes escalas.

No último subitem deste Capítulo, apresento o *Livro didático invertido*, mostrando a substituição de mulheres cis pelas mulheres trans como possibilidades de tensionar, problematizar e dar visibilidade às mulheres travestis. Dentro da população LGBT, são o grupo mais vulnerável por não conseguirem disfarçar a sua identidade de gênero e utilizar o mecanismo da dissimulação, como faz por exemplo a população de lésbicas e de gays, os quais ainda conseguem se passar, muitas vezes, por pessoas heterossexuais na escola, o que aponta comportamento extremamente homofóbico e transfóbico.

### 3.3. LIVRO DIDÁTICO INVERTIDO

As imagens de gênero feminino encontradas nos dois livros do 7º Ano, aprovados do PNLD 2014, 2017 e 2020, resultam de uma busca em todos os capítulos, em que me

<sup>30</sup> Portal G1 . Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/07/em-video-professora-alega-ter-sido-demitida-de-escola-por-ser-transexual.html> Acesso em: 12 abr. 2021.

<sup>31</sup> Sul21. Disponível: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-noticias-2/2011/10/eu-so-pude-assumir-quando-fui-reconhecida-profissionalmente-diz-professora-transexual/> . Acesso em: 12 abr. 2021.

movimentei pelos mapas, tabelas e imagens de mulheres (Quadro 5). O foco nesse momento foi a linguagem visual presente nesses livros didáticos de Geografia para observar onde as mulheres estão mais presentes.

Quadro 5: Distribuição de mulheres na linguagem visual nos livros didáticos

| TIPO <sup>32</sup> | 2014 | 2017 | 2020 |
|--------------------|------|------|------|
| IMAGENS LD 1       | 45   | 25   | 24   |
| IMAGENS LD 2       | 24   | 12   | 17   |
| MAPA LD 1          | -    | -    | 3    |
| MAPA LD 2          | -    | -    | 1    |
| TABELA LD 1        | -    | -    | 3    |
| TABELA LD 2        | -    | -    | -    |

Fonte: Dados elaborados pelo autor, 2021.

Pelos dados do Quadro 5, observa-se diversidade de tipos de recursos visuais inscritos nos livros didáticos e como seguem religiosamente o edital, ao atender a solicitação do uso da linguagem visual no texto. No entanto, a presença das mulheres na linguagem visual está concentrada nas imagens. Isso foi critério decisivo para a escolha somente da imagem como locus desta pesquisa, mesmo observando que no último PNLD se constata presença de outros tipos de linguagem visual.

A escolha do conteúdo em que as imagens foram trazidas para as práticas educativas deriva de temas como território, territorialidade e desigualdades, que propiciam análises mais profícuas por tratarem de população no Brasil.

O livro didático *Por Dentro da Geografia* apresenta a organização dos conteúdos:

- a) O volume do 7º ano contém 272 páginas e está estruturado em 15 capítulos, agrupados em quatro unidades: Unidade I: O território brasileiro; Unidade II: Geografia da produção no Brasil; Unidade III: O povo brasileiro; e Unidade IV: Desafios ao Brasil no século XXI (BRASIL 2014, p.101, grifo meu).
- b) O Livro do Estudante do 7º ano, com 224 páginas, intitulado Geografia do Brasil apresenta as seguintes unidades: O território brasileiro; A Geografia regional do Brasil; O povo brasileiro; Geografia da produção no Brasil (BRASIL, 2017, p.50, grifo meu).
- c) O LE 7º ano, possui 256 páginas e está organizado em quatro unidades, sendo: Unidade 1 - O território brasileiro, com os seguintes capítulos; Unidade 2 - A sociedade brasileira;

32 LD 1: *Por Dentro da Geografia* e LD 2: *Expedições Geográficas*.

Unidade 3 - Geografia da produção no Brasil e Unidade 4 - A Geografia regional do Brasil. (BRASIL, 2020, p.127, grifo meu).

Chamo atenção à Unidade III: *O povo brasileiro*, 2014 e 2017, ser quase o mesmo título de 2020, apenas foi substituído por *A Sociedade brasileira*.

No livro *Expedições geográficas*, o conteúdo apresenta a seguinte organização:

a) O Livro do Aluno 7º ano possui 280 páginas e está organizado em oito unidades, cada uma contendo quatro percursos: Unidade 1: O território brasileiro; Unidade 2: A população brasileira; Unidade 3: Brasil: da sociedade agrária para a urbano-industrial; Unidade 4: Região Norte; Unidade 5: Região Nordeste; Unidade 6: Região Sudeste; Unidade 7: Região Sul; e Unidade 8: Região Centro-Oeste. (BRASIL, 2014, p.21, grifo meu).

b) O Livro do do Estudante 7º ano possui 280 páginas, com as seguintes unidades: O território brasileiro; A população brasileira; Brasil: da sociedade agrária para o urbano-industrial; Região Norte; Região Nordeste; Região Sudeste; Região Centro-Oeste. (BRASIL, 2017, p.85, grifo meu).

c) O Livro do Estudante do 7º ano apresenta as seguintes unidades: O território brasileiro; A população brasileira; Brasil: industrialização, consumo e o espaço das redes; Região Norte; Região Nordeste; Região Sudeste; Região Sul e Região Centro-Oeste. Alguns temas abordados: localização e formação do território brasileiro, tipos de regionalização, distribuição da população, migrações internas e externas, diversidade cultural, industrialização, redes de transportes e comunicação, características gerais das regiões norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste (BRASIL, 2020, p.95, grifo meu).

Esses livros didáticos, mesmo abordando a mesma temática, estruturam-se assim, principalmente a Unidade 3- *Brasil da sociedade agrária para a urbano-industrial* (2014). No PNLD 2017 também se verificou a mesma unidade *Brasil da sociedade agrária para a urbano-industrial*, mas em 2020 essa unidade foi substituída por *Brasil: industrialização, consumo e o espaço das redes*.

A urbanização, rede urbana e as cidades são temas muito importantes, pois caracterizam o espaço brasileiro marcado pela concentração de riqueza, e as cidades espelham a desigualdade social e a discriminação de corpos como vidas precárias (BUTLER, 2002)<sup>33</sup>. Estranho a substituição, já que *Por Dentro da Geografia* se mantém nas três edições. Eram 13 coleções, apenas *Expedições Geográficas* foi retirado.

Para exemplificar em outro livro do mesmo PNLD 2020 que foi a 2ª opção na minha escola, *Geografia Espaço & Interação*, a temática das cidades não foi retirada. Organizado em 8 unidades, ela está no Capítulo 7 “cidades: dinâmicas e desigualdades” (BRASIL, p.100, 2020). Questiono-me por que foi retirada a temática das cidades no livro *Expedições*

<sup>33</sup> Outro livro fundamental para compreensão de vidas precárias *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003).



*Geográficas?* Seria critério da Base Nacional Comum Curricular? Por que nas coleções se manteve essa temática?

Essa temática é importante e está no livro para ser trabalhado com os alunos. Em recente trabalho, Grazielle Macedo Barreto Sensolo<sup>34</sup> “busca compreender como o trabalho com a cidade facilita a construção do conceito de espaço geográfico e o entendimento do mundo” (2021). Isso reforça a presença desse tema nos livros. Ainda dentro da minha temática de estudo, a discriminação por identidade de gênero costuma ocorrer em cidades pequenas.

Então a configuração desses dois livros é a mesma, mas a escolha dos conteúdos e a disposição dos capítulos dos livros didáticos podem sofrer atualização, o que dificulta o trabalho docente. O livro didático como auxílio ajuda o professor na docência em tempos de muitas demandas no ensino híbrido. No caso dos livros investigados, a ausência de tal unidade prejudica duplamente o professor que deverá buscar em outras fontes, e leva os alunos a não encontrarem o estudo das cidades.

Oliveira Jr. (2020) nos mostra o livro didático quando ele se configura como um contexto aprisionado que chamou de território didático:

Tanto o título do próprio capítulo quanto as legendas e os títulos das imagens, bem como o momento em que elas aparecem no (con)texto daquele capítulo, fazem com que cada imagem tenha seus sentidos contidos, direcionados, capturados para um fim (didático) e por um conteúdo específico (p.11).

Nessa perspectiva, a atividade proposta com os alunos foi de tentar desfazer os sentidos trazidos pelas imagens num primeiro olhar, daí o título desse capítulo *Livro didático invertido*. Para tanto, foi feito o seguinte roteiro: primeiro foi *scannear* todas as imagens escolhidas e disponibilizadas no site *Flicks*. Após os alunos selecionaram as imagens de seus interesses. Eram duas atividades a serem realizadas: uma era fazer perguntas para as imagens e a outra fazer colagens com as imagens para criar outra imagem. O recurso usado foi *Apresentação Google*, na plataforma de ensino da escola. Assim os alunos, por meio de um enunciado das atividades e com o olhar direcionado para outras leituras do espaço (território), foram realizando as atividades propostas.

Dialoguei com Amanda Regina Gonçalves, 2020, para potencializar minhas leituras sobre imagens:

---

<sup>34</sup> Colega de curso de Pós-graduação, Mestrado.

As descobertas geográficas estão no cuidado que olhamos para as transformações nas formas de existência da humanidade e para as formas pelas quais elas são apresentadas, ou seja, para seus enunciados. Olhar com atenção um enunciado visual não é apenas ler a sintaxe de uma imagem, mas sim ocupar-se das múltiplas dimensões de realidade que ela propõe. Todos os enunciados e os fragmentos desses estão imersos em relação de saber e poderá, em tudo aquilo o que está e não está, o mesmo tempo, na imagem (p. 903).

Diante disso, meu olhar atento às imagens das mulheres cis da Figura 11 alarga meu pensamento: poderia esta imagem ser facilmente trocada pela de uma mulher travesti? Se houvesse esta troca, o que poderia alterar no conteúdo do capítulo do livro didático?

FIGURA 11: Imagem de mulher no livro didático



Fonte: ADAS, M.; ADAS, S., PNLD 2020.

Com essas indagações, solicitei aos estudantes uma pesquisa na internet para buscar imagens de mulher travesti. A Figura 12 exemplifica. Observa-se que o contexto em que se encontra é outro, desde o social, econômico, cor da pele e outros. Isso mostra o quanto se distancia a mulher travesti das outras mulheres.

FIGURA 12: Imagem de mulher travesti na *internet*



Fonte: The Intercept Brasil, 2019.

Na leitura dessas imagens, uma traz a participação da mulher no mercado de trabalho em cargo ocupacional de bom salário, a outra traz uma mulher travesti num close que não permite afirmar o que está fazendo. Assim, essa imagem opera como dispositivo normalizador que regula os corpos e coloca as mulheres travestis à margem da sociedade.

Essa atividade mostra a impossibilidade, pela palavra mulher, de nos referirmos ao que estaria na imagem. Tomá-la como desfazimento é admitir que há outros tipos de mulheres. Mesmo que se houvesse um tipo de mulher, todas as imagens seriam idênticas, elas seriam o reflexo da realidade e o que está ali inscrito de maneira idêntica em qualquer outra imagem do mesmo lugar.

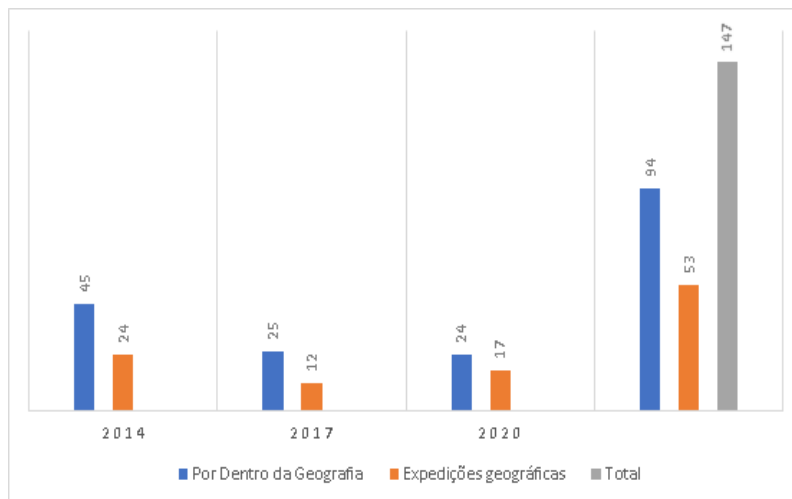
No trabalho *Geografias Queer & Currículo* (2021) Carlos André Gayer Moreira explica:

Prestar atenção às diferenças e ao caráter atitudinal dos conteúdos que se pretende ensinar, ao invés de focar apenas nos caracteres conceituais, procedimentais, técnicos ou factuais isto é imprescindível para pensar em uma educação afetivamente atenta às diferenças e à produção de subjetividades (p.186).

Mais que se preocupar com os conceitos, sem tirar a importância deles, o que se pretende é refletir sobre a presença das mulheres no livro didático para desmontar a imagem e sobrepor outras imagens da internet de mulheres travestis.

Nos livros investigados, encontrei 147 imagens de mulheres de todos os setores ocupacionais, raça, geração, rural, urbano, tecnológico distribuídas nos dois livros dos três PNLDs (Gráfico 2).

Gráfico 2: Distribuição das imagens de mulheres nos livros



Fonte: Dados organizados pelo autor, 2021.

Pelos dados, evidencia-se o fato de diminuição de imagens de mulheres em todos os conteúdos dos livros *Por Dentro da Geografia* (45, 25 e 24), e a lógica segue nos livros *Expedições geográficas* (24, 12 e 17), com apenas um pequeno aumento no PNLD 2020. Em ambos os livros, durante os três PNLDs houve diminuição. Também me chama atenção que a maioria das imagens mostra a população em geral e não as mulheres em particular. O Edital diz que não pode haver preconceito com mulheres de qualquer ordem, então colocando apenas uma imagem já atende tal critério. Ainda isso leva a questionar se as mulheres que vão aparecendo nos livros são do gênero binário e se elas são atendidas no Edital que diz não poder haver discriminação de sexo e de orientação sexual. Não mostrar as pessoas seja por sexo, gênero, raça não seria preconceito? Cada vez mais vemos imagens nos livros sem pessoas, como se o espaço não fosse uma produção social.

O texto de María Magdalena López Ponz me auxilia a entender um currículo que contempla a diversidade heterogênea:

La transversalidad de temática de género podría estar presente en otras estructuras del diseño curricular como los conceptos estructurales y los conceptos, sin embargo, esto no es así. El desarrollo de los conceptos presentes como en las problemáticas territoriales con perspectiva de género genera entre otras cuestiones que el abordaje de los mismos depende

únicamente de la elección y predisposición de los docentes a cargo de la materia (PONZ, 2018, p.621).

Em um país de enorme diversidade social e desigualdade de gênero como o Brasil<sup>35</sup>, a produção de conteúdo para os alunos na escala do cotidiano deles provocaria inquietações sobre outras geografias para uma prática docente nas escolas com significados para além de empatia.

Os dados estatísticos da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA) não são citados nos livros didáticos de Geografia, sendo oficialmente utilizados apenas os dados generificados do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística, IBGE. Dialogo com Diana Lan sobre os dados de gênero nas estatísticas:

Para romper com o modelo binário basta de homens e mulheres, basta de gênero masculino e feminino. Aqui teremos que falar de gêneros, lá a linguagem tem muito a dizer com um posicionamento político para nomear as dissidências sexuais quem não se sente reconhecido, pois o que não é nomeado não existe (tradução do autor)<sup>36</sup>

É necessário falar em gêneros no plural na sociedade, especialmente na escola, onde temos maior parcela da população como alunos em formação, para refletir sobre as dissidências sexuais ausentes nos dados estatísticos que circulam pela escola. Isso possibilita que os dados do Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística (IBGE), majoritariamente usados nos livros didáticos, continuem a referendar a população brasileira a partir de uma escala binária. Para o IBGE, gêneros compreendem as estatísticas sobre a forma como a sociedade cria os diferentes papéis e comportamentos relacionados aos homens e às mulheres.<sup>37</sup> Mas esse órgão governamental não fala que esse termo também se refere a outros grupos de gênero e muda com o tempo. É importante destacar que gênero é relacional na medida que se refere às dissidências sexuais, por isso gêneros no plural.

Nessa perspectiva, os dados do Instituto Brasileiro Geográfico Brasileiro (IBGE) tendem a se concentrar nas mulheres, pois elas, como grupo, têm sido mais afetadas pela desigualdade de gênero. Mas todos os grupos de gênero têm um papel importante a desempenhar e alcançar a igualdade de gênero. As atividades produzidas e trabalhadas com os

35 Segundo a ANTRA, 1,9% da população trans no nosso país (p.18, 2019).

36 Diana Lan é geógrafa Argentina em conferência 23/4/2021 Geografias feministas, para mapear desigualdades, 4º Congresso Internacional sobre Género y Espacio.

37 Definição de gênero para IBGE. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html> . Acesso em: 10 mar. 2021.

alunos são na perspectiva de gênero e não significam uma perspectiva de mulher. Assim, contempla o gênero travesti e sua subjetividade.

Dialogo com Dorren Massey. Ela coloca o gênero como categoria de análise em 1991, numa época em que o ativismo trans surgia para trazer a importância do tema para a sociedade:

Entre outras coisas que influenciam claramente essa experiência, há, por exemplo, a raça e o gênero. O quanto podemos nos deslocar entre países, caminhar à noite pelas ruas ou sair de hotéis em cidades estrangeiras não é apenas influenciado pelo “capital”. Pesquisas mostram de que modo a mobilidade das mulheres, por exemplo, sofre restrições – de inúmeras maneiras diferentes, da violência física ao fato de ser assediada, ou de ser simplesmente obrigada a sentir “fora do lugar” (MASSEY, 2000, p.178).

Dorren Massey traz reflexões da mobilidade das mulheres pelas ruas, a qual está atrelada à questão de gênero e não apenas a sua condição econômica. Mesmo tratando de uma abordagem de gênero no binarismo, permite alargar o pensamento a partir disso. Assim, esta minha pesquisa implica questionar como outras mulheres estariam na mesma situação relatada. E hoje tais situações ainda ocorrem para todos os gêneros de mulheres?

Nessa perspectiva, resgato que a primeira onda feminista, entre o fim do século XIX até meados do século XX, ocorrida nos EUA, tratava de mulher branca e heterossexual, mas atualmente estudos vêm se diversificando ao posicionar a mulher no plural (mulheres). Existem vários tipos de mulheres, sejam brancas, negras, ricas, heterossexuais, lésbicas. No caso desta pesquisa, as travestis. E tudo vai depender da espacialidades em que elas estão inseridas.

Janice Monk (2011) chama atenção sobre a importância do gênero na vida social, os modos como ele é diversamente experienciado e expresso em diversos espaços. Condições materiais, percepções, visões de mundo e identidades refletem os modos como o gênero é experienciado. Os alunos podem ter como entendimento que os diferentes setores de uma cidade têm relações e práticas espaciais ali vivenciadas. Essa maneira de pensar ganha sentido quando orienta práticas cotidianas generificadas. Carlos André Gayer Moreira (2021) vem ao encontro disso nesta perspectiva da espacialidade dos corpos:

(...) normatividades estão expressas também nos lugares, condutores de memórias e afetividades, positivas ou negativas, marcando episódios das vidas e histórias dos sujeitos. E se expressam também em diferentes paisagens (os sujeitos são também parte da paisagem!). As formas de ser, de agir, de vestir, de produzir, de se relacionar, são. Constituintes da paisagens. E são – em conjunto com a classe, a cultura, a etnia, a religião etc – marcadas também por questões de Gênero e Sexualidades (2021, p. 20).

Assim, vemos a possibilidade de trabalhar essas questões na Geografia com muita pertinência. Nós professores temos tal possibilidade. Os conceitos geográficos de território, paisagem, lugar<sup>38</sup> podem e devem ser alargados para essas questões, principalmente com as mulheres travestis.

Transcrevo um trecho da fala que realizei para outra aula síncrona, ocorrida no Google *meet*, para os alunos refletirem sobre condições de vida das mulheres travestis:

Falta de empregos, respeito e agressões constantes... Uma dificuldade de uma travesti é se adaptar com seus colegas de trabalho, eu acho. As travestis e negras sofrem muito preconceito por causa da sua cor ou crença, inclusive discriminação por causa disso; não serem aceitas pelo preconceito, isso diminui suas esperanças de serem aceitas como mulheres. (O autor)

Após essa fala, coloquei o vídeo *Fakemília tradicional brasileira*, sobre a Nicolle Machado, para os alunos assistirem com a finalidade de conhecerem uma mulher travesti que eles nunca viram. Todos ficaram surpresos com ela, um deles se expressou em aula: “eu pegava ela”, próprio da idade onde a roupa sensual mexe com os meninos. Aí é importante a intervenção do professor para trabalhar o respeito com as individualidades, principalmente das mulheres que são assediadas.

A geógrafa Joseli Maria Silva (2013) auxilia a pensar a vivência travesti, explorando as formas como os elementos identitários vão sendo acionados nas diferentes relações marcadas por tempo e espaço e a ressignificar o conceito de espaço como lugar de vivência das mulheres travestis:

A vivência dos travestis pode ser compreendida por uma imaginação geográfica que desafia as ideias hegemônicas e torna visível a resistência daquelas cujas identidades são negadas. Massey et al. (1999) sustentam que as identidades são permanentemente instituídas por meio da construção; desconstrução de espaços. O espaço está em permanente processo de produção, e isso traz um importante caráter de abertura para uma imaginação geográfica que possa conceber o espaço enquanto praticado e relacional. Nessa linha de raciocínio, Rose (1999) constrói a possibilidade de pensar o espaço como a articulação de discursos, fantasias e corporeidades o que o torna complexo, contraditório e instável. (p.249).

A autora, trazendo outros referenciais teóricos pouco conhecidos na academia brasileira como Doreen Massey e Gillian Rose, mostra que o espaço geográfico não é fixo, ele é um fazer cotidiano, principalmente Gillian Rose, referendando Judith Butler, de que as práticas espaciais constituem identidades de gênero:

---

<sup>38</sup> Dois textos que auxiliam a ressignificar esses conceitos geográficos *pensar pela Geografia: ensino e relevância social* (2019) e *Geografia: conceitos e temas* (2000).

Para Rose (1999) o espaço relacional não se institui por meio da relação de pessoas preexistentes ou essencializadas de performáticas de Judith Butler segundo a qual o gênero é o fazer eterno, enquanto prática repetitiva, sendo assim, performático. As práticas constituem as identidades de gênero e, sendo assim, são elas que constroem a ideia de que gênero supostamente. É portanto o gênero que não existe em si mas em uma representação que ganha concretude nas práticas cotidianas construindo a falsa noção de estabilidade. Assim Rose (1999) argumenta que o espaço é também um fazer; ele não é preexistente ao fazer, sendo esse processo de eterno fazer espacial fruto da articulação de performances relacionais (p. 250).

Então o espaço enquanto praticado e relacional permite compreender a história de Nicolle Machado, autora da composição da poesia *Fakemília tradicional brasileira* que usei na aula com os alunos. Eles também percebem esse espaço praticado e relacional que transcende a ordem binária de gênero quando fazem perguntas relativas às imagens ou a dados de gráficos e tabelas.

Então Nicolle Machado, uma mulher travesti negra, 20 anos, que viveu em Ourinhos, município de São Paulo, deixou de estudar há mais de 4 anos em função de sua identidade de gênero e a necessidade de trabalhar. Mas quando tentou voltar, foi impedida pelo diretor, o qual disse que ela precisaria se vestir como homem para entrar na escola. Para complicar, o preconceito colaborou para a jovem não voltar a estudar e não conseguir um emprego<sup>39</sup>. No vídeo ela chama atenção:

Eu já estou cansada, viver numa sociedade demente que nos inferioriza e nem nos reconhece como gente, negam cidadania e vivemos assim independente, vivendo uma vida limitada, um fetiche na madrugada e na luz do dia uma demoniada ignorada pelo sistema e pela sociedade discriminada, abandonada pela família, vivendo nas esquinas totalmente desorientada (transcrição do autor).

Então o pertencimento de lugar e de aceitação são fundamentais para conviver nos espaços de tolerâncias, pois diferentes gêneros se fazem presentes no espaço, e todos somos produtores dele. Pauta das ativistas para ter o nome social é uma agenda importante que garante a permanência na escola ou no atendimento nos postos de saúde e hospitais para não sofrer tão perversamente discriminação e preconceito.

No capítulo 4 apresento as atividades transgressoras para além da hetero da percepção heteronormativa de gênero.

---

<sup>39</sup> Portal G1. Disponível: <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2015/04/transsexual-volta-estudar-depois-da-lei-do-nome-social-na-escola.html>. Acesso em: 12 abr. 2021.



#### 4. COMEÇAR A TRANSGREDIR

Ao propor explorar as imagens do livro didático,<sup>40</sup> tive a intenção de criar dialogicamente conteúdos geográficos para além da percepção heteronormativa de gênero, assim atendendo ao terceiro objetivo.

Dialógo com Débora Schardosin Ferreira sobre os mapas:

A dupla de Geógrafos Girardi e Soares (2015) esclarecem que a filosofia da diferença possui termos como território, terra, latitude, longitude, mapa e cartografia que também são comuns na Geografia, no entanto, com concepções distintas. A cartografia abordada comumente pela Geografia origina-se a partir da produção europeia com as grandes navegações e nascimento do Estado moderno. Já a cartografia presente nos escritos de Gilles Deleuze e de Félix Guattari manifesta-se como agrupamentos de linhas aleatórias com um movimento concomitante entre corpos quaisquer. Isso considera, por exemplo, no espaço a abertura para as diferentes manifestações que o configuram e estão em constante mudança. Logo, como esta pesquisa visou uma abertura para a experiência em conjunto naquele lugar escola, não era possível cartografar de forma estanque, como os mapas se apresentam (FERREIRA, 2019, p.33).

Os mapas que fiz com os alunos exemplificam as territorialidades criadas com as imagens e emergem de forma corporificada e contingentes de narrativas.<sup>41</sup> Dessa maneira, usei as situações vividas pelas mulheres travestis, como a violência contra seus corpos, a informalidade e o preconceito: os assassinatos, empregos e migração. A aula para apresentação da atividade consistiu na quinta aula, como encerramento das tarefas anteriores (agrupar, entrevistar e elaborar legendas) com as imagens disponibilizadas no site *Flickr*. A cada atividade respondida foi atribuída uma chave de conceito: ótimo, muito bom, bom, regular e insuficiente para avaliação das falas dos alunos a partir das atividades.

A avaliação dessas atividades não tem certo ou errado, a intenção é um momento que estimule o raciocínio geográfico, ou seja, as formas de pensar com reflexão dos alunos na vida cotidiana.

No Quadro 6 organizei de maneira sistemática as atividades durante o trabalho, como apresentei no capítulo 2 no subitem 2.2.

---

<sup>40</sup> A aula prática consistiu na quinta aula como encerramento das tarefas anteriores (agrupar, entrevistar e elaborar legendas) com as imagens disponibilizadas no site *Flickr*, disponível em 13/07/2020 <https://www.flickr.com/photos/189187961@N02/> Primeiro houve uma atividade síncrona (07/08/2020) pelo *Google meet* depois esta aula prática como assíncrona (03/09/2020).

<sup>41</sup> Além do texto de Débora Schardosin Ferreira, outras leituras foram estudadas: *Cartografias sociais em diferentes contextos de aprendizagens* (2020); e *Mapas desejanter: uma agenda para a cartografia geográfica* (2021).

Quadro 6: Conteúdos desenvolvidos nas atividades

| ATIVIDADES NAS AULAS                   | PERCURSO DIDÁTICO |
|--|-------------------|
| IMAGENS DE MULHERES                    | Percurso 01       |
| DESIGUALDADE DE RENDA                  | Percurso 02       |
| PIRÂMIDE ETÁRIA                        | Percurso 03       |
| QUALIDADE DE VIDA                      | Percurso 04       |
| VÍDEO FAKEMÍLIA TRADICIONAL BRASILEIRA | Percurso 05       |
| IMIGRAÇÃO E EMIGRAÇÃO                  | Percurso 06       |
| SUB-REGIÕES DO NORDESTE                | Percurso 07       |

Fonte: Dados elaborados pelo autor, 2021.

A partir dos livros didáticos, esses temas foram problematizados e articulados com a temática, culminando com a *Cartografia das mulheres no plural*, com a ideia de trabalhar a não binaridade da sociedade, onde as imagens são postas em mosaicos como uma forma de melhor identificar e desmontá-las pra substituir por mulheres travestis.

Comecei a análise dessas atividades, iniciando com a taxa de mortalidade. Primeiro os alunos pesquisaram os assassinatos das mulheres travestis no Brasil procurando as motivações que provocaram essa transfobia.

O estranhamento foi interessante de ser observado:

Sabe aquela atividade para pesquisar a palavra travesti, então a primeira coisa que apareceu: (travesti video x video); kkkkkkkkkk; eu não tô nem zoando; é sobre a dificuldade da população em encontrar um espaço no mercado de trabalho fazendo elas recorrerem à prostituição para se sustentar, porque 90% das empresas recusam transsexuais dizendo que o currículo foi preenchido (Org. autor).

Esses dois alunos conversam sobre a pesquisa sobre as travestis em interação no grupo da turma. O primeiro mostra o interesse pelo tema e o segundo apresenta uma manifestação transfóbica (kkkkkk), que foi logo em seguida combatido “eu não tô nem zoando, é sobre dificuldade”, refletindo sobre a existência dos corpos dissidentes. Isso é positivo de colocar no grupo, o que chamou atenção da atividade, mas é grave a forma como foi “zoado” sobre um assunto sério. Tal fato mostra, então, como nós professores temos que estar preparados para fazer uma interferência e levar essa questão para sala de aula falando da transfobia a fim de amenizar a intolerância.

Renata Carvalho nos auxilia neste entendimento:

Transfobia recreativa é quando utilizamos do humor como ferramenta de perpetuação e disseminação intencional de estereótipos negativos, de modo a satirizar, depreciar e/ ou ridicularizar travestis e demais pessoas trans, a partir de suas subjetividades, corpos, vivências, experiências e/ou identidades. Trata-se de um mecanismo de opressão que, através de uma narrativa aparentemente inofensiva, aliada ao mito da liberdade de expressão sem responsabilidade pelo que se fala, encobre a hostilidade e o preconceito com que o humor vem reproduzindo conteúdos transfóbicos (2021, p. 102).

A transfobia recreativa deve ser combatida e um simples “kkkk” pode marcar o processo de subjetividade da pessoa, pois estereótipos transfóbicos estão na mente delas, influenciando a percepção de uma pessoa travesti sobre si mesma. Segundo a ANTRA (p.38, 2021), 75% da população não se relaciona com uma pessoa trans, o que contribui para que a imagem das mulheres travestis sejam tratadas com um simples riso numa conversa entre alunos sobre a pesquisa.

A Figura 12 ilustra as conversas entre os alunos sobre a atividade proposta.

FIGURA 12: Pesquisar sobre as travestis.



Fonte: Dados elaborados pelo autor, 2020.

Os resultados obtidos dessa atividade foram:

Porque as pessoas acham que sua sexualidade afeta no trabalho (Vini, 15 anos).

A travestilidade refere as pessoas travestis (Orlando, 13 anos).

Os assassinatos no Brasil que ocorrem são muito violentos, elas ficam sem alternativas porque elas têm medo dos assaltos acontecerem com elas (Fernando, 13 anos).

Os assassinatos mais comuns no Brasil são de traições de vinganças de prostituições e entre outros, porque as mulheres são muito desvalorizadas nos cargos (Flávio, 13 anos).

Os assassinatos ocorrem no Brasil de forma agressiva, as mulheres ficam sem alternativa de emprego porque fica mais perigoso (Ulisses, 13 anos).

As respostas são sensíveis à temática proposta, e percebe-se que a maioria da participação nessas atividades foram de meninos, no total 12 meninos e 1 menina, a qual respondeu:

As mulheres ficam sem alternativa, pois geralmente o mercado de trabalho, com sua transfobia disfarçada, recusa a maior parte dos travestis e transexuais no mercado de trabalho, fazendo assim que fiquem sem opção pra se sustentar e recorrendo à prostituição (Denise, 13 anos).

Para o ensino remoto, essa participação é significativa, mas numa aula presencial a participação seria maior. Em aula presencial costumamos distribuir um cartão branco, onde eles colocam as suas respostas e depois cada um pega e faz a leitura e ouvem o comentário dos colegas (KAERCHER, 2018). Com essas respostas, observo que os alunos estão abertos para a discussão da temática. Vini e Orlando não apontaram o que motiva os assassinatos de mulheres travestis, mas positivamente falaram sobre a aceitação desses corpos no mercado de trabalho. Por outro lado, Flávio e Ulisses apontaram o dedo na ferida “traições”, “vingança”, “prostituição” como causa dos assassinatos que coloca o Brasil como país que mais mata os corpos travestis. Já Ulisses aponta que esses assassinatos ocorrem de “forma mais agressiva e brutal”. Aqui vemos que os alunos ampliaram a noção de ser mulher, que os crimes de feminicídio não são apenas contra mulheres cis, mas são comuns com mulheres trans, o que sinaliza a necessidade de criação de políticas públicas, como a delegacia especializada para

lésbicas, gays, bissexuais e travestis (LGBT) para atender a população afim, com registros e, portanto, combate à transfobia.

Depois de sensibilizar os alunos com os crimes de transfobia, outro item do livro didático – desigualdades na renda – foi estudado. Foram disponibilizados dados com uma questão que comentei no Capítulo 2, onde expliquei as aulas no subitem 2.2 *Percurso didático*:

Em Porto Alegre, os proprietários de uma hamburgueria decidiram não excluir na hora de montar sua equipe. Depois de publicarem anúncio de emprego que deixava clara a intenção de contratar transexuais, os empresários receberam 348 currículos, sendo 29 de homens. 41 de mulheres trans e 14 travestis. Dezesesseis funcionários foram contratados. Duas são travestis, na faixa etária de 25 a 29 anos. De acordo com a tabela, quanto recebem de salário médio? E se fosse negro/negra? Você concorda?

Com esta questão, tive a intenção de tentar um olhar para as configurações espaciais da sociedade. De acordo com Milton Santos (2012): a forma, função, processo estrutura da paisagem na compreensão na leitura na organização da estrutura sexo e gênero na sociedade e portanto a relação de poder entre gênero.

Assim possibilito-se que os alunos atentassem para além da hegemonia do modelo binário: o masculino e o feminino:

Travesti- 1849 TN- 1199 não concordo, não sou a favor de preconceitos (Carolina,13).

Eles iriam receber 1393 ou 1199. Eu acho que o salário não deveria se basear no sexo das pessoas (Eduardo, 13).

Esses 7 trans de homens ganharam R\$2177; esses 7 trans de mulher ganharam R\$1849; esses dois travestis ganharam R\$2177. Se eles fossem negros, ganhariam: os 7 trans de homens, R\$1393; os 7 trans de mulher, R\$1199 e esses dois travestis, R\$1393. Eu não concordo com isso, eu acho errado (Fernando, 13).

Receberam bastante, sim. Se fosse negra\negro não mudaria nada, na minha opinião (Flávio, 13).

Eu acho que o salário médio de transexual é de 918. Se fosse negro, o salário iria cair mais ainda , eu não acho certo isso (Gilmar,13).

1849 reais. Se fossem negros, seria 1199, e eu não concordo com pessoas ganharem mais só pela cor da pele (Jonas, 12).

O salário seria 3048 (Hérus, 13).

1849 e 2177. Se fosse negros, 1199 e 1393 (Luis, 14).

Provavelmente as travestis receberiam de salário médio o mesmo salário que o das mulheres, ou até menos por conta do preconceito no mercado de trabalho. Se fosse negro/ negra seria o mesmo que o das mulheres negras( 1199 reais) ou menos, pelos

mesmos motivos: preconceito no mercado de trabalho. Eu não concordo, acho que deveria existir mais igualdade nos salários, já que provavelmente todas as pessoas se dedicam e se esforçam em seus trabalhos, logo isso é injustiça contra os negros/ negras e LGBTQs (Marcelo,12).

Os homens trans recebem R\$2177, já as mulheres trans recebem R\$1849, os travestis podem ser e se ver como homem ou mulher (não especificado), logo podem receber um dos dois salários acima. Se fossem negros, seria notada uma diminuição do salário, sendo o dos homens trans R\$1393 e das mulheres trans R\$1199 travestis (Nelson, 13).

Não concordo, pois acho que o salário de ambos devia ser medido por cargo e não por raça e/ou gênero (Orlando, 13).

Por abordar interseccionalidades, gênero e sexualidades, Gilmar apontou os corpos travestis “de transexual” e também a raça “se fosse negro”; já Marcelo, mais articulado, aponta para “travestis” e “receberiam de salário médio o mesmo que o das mulheres”. Aqui ele compreende o que é ser mulher e pondera “até menos por conta do preconceito”. Entendemos isso como transfobia. Hérus e Luís não desenvolveram a mesma articulação, apontando apenas a diferença salarial: “se fosse negro” receberia menos.

Em outra atividade que transgredimos e já trabalhando a divisão regional do Brasil, propus no percurso 07 sobre a localização de três pesquisadores na subregião do Nordeste, que se trocasse o gênero “três pesquisadoras mulheres travestis”, em que relacionei a renda das pessoas trans e a precarização do trabalho. Isso seria num segundo momento da aula síncrona no *Google meet*, mas não aconteceu em função dos estudos de recuperação e da busca ativa<sup>41</sup>.

#### **SUB-REGIÃO DO NORDESTE**

4. Uma geógrafa, um biólogo e uma historiadora partiram juntos, de Vitória da Conquista com destino a Fortaleza, para uma expedição científica de 30 dias pela Região Nordeste, mas, após alguns dias, cada um seguiu um roteiro diferente. Observe abaixo a localização dos pesquisadores no décimo quinto dia da expedição e as principais cidades visitadas ao final, representadas pelas letras de A a G. Depois, responda à questão. Sabe-se que A é a capital mais populosa da Região Nordeste e uma das três metrópoles dessa região. No décimo quinto dia da viagem, outra metrópole foi visitada. Quais são essas cidades e que pesquisador(a) visitou uma delas nesse dia? (Expedições Geográficas, 2020)

---

<sup>41</sup> Tive que fazer o encerramento das aulas para fazer o diagnóstico de quantos alunos acessaram a plataforma nas aulas assíncronas e síncronas, para buscar os alunos que não tinham acesso e oportunizar-lhes exame final no mês de janeiro de 2020.

Figura 14: Três pesquisadoras mulheres travestis.



Fonte: Expedições Geográficas, 2020.

No primeiro momento, os alunos tinham que apontar que o ponto A no mapa corresponde a Salvador e o ponto E a Recife, onde estava a historiadora. A geógrafa se encontrava no sertão e o biólogo no Agreste. Kael, (14), Fernando (11), Flávio (13), Hérus (13), Eduardo (13), Denise (13) foram direto na resposta, mas Ana (13), Júlio (13), Ulisses (13), Luís (14), Jonas (12) descreveram o espaço do nordeste citando as cidades Senhor do Bonfim, Juazeiro, Caruaru, Campina Grande, Feira de Santana, Petrolina, Juazeiro do Norte, citando também vales. Isso seria levado para, em segundo momento, falar da migração de pessoas trans. A concentração de assassinatos é justamente ali, com 36,2% (Apêndice B) e a idade para outra cidade. Nas metrópoles elas encontram acolhimento e proteção em relação às cidades pequenas.

Além de sensibilizar quanto aos assassinatos e à informalidade do trabalho, propus outra questão: dificuldade de acesso a ferramentas básicas, descrédito, questionamentos inesgotáveis. As trajetórias das mulheres negras travestis no empreendedorismo são ainda cheias de desafios impostos pelo machismo, pela transfobia e pelo racismo. Elas, porém, lutam para tocar os seus negócios, 6% delas estão em atividades informais sem vínculo empregatício e apenas 4% em empregos formais com fluxo de carreira. Pedi que descrevessem as dificuldades enfrentadas pelas mulheres travestis em profissões comuns.

Para isso usei uma ferramenta do *Google apresentações*, permitindo a gamificação, uma espécie de perguntas e respostas em que eles tinham que ler os enunciados e perguntas e assistir ao vídeo, no qual Nicolle Machado fala, em forma poética, de como elas são vistas

pela sociedade.. Aqui intencionei a visibilidade dos corpos travestis no espaço geográfico, desfazendo as imagens no livro didático de Geografia como outra maneira de ser no mundo. Nas falas dos alunos em aula síncrona e nessa atividade assíncrona por escrito responderam as perguntas.

As dificuldades das travestis em empregos comuns são os preconceitos em transfobia, homofobia etc.no mercado de trabalho (Eduardo, 13).

Falava de apoio de família e amigos, falava de empregos, constantes agressões físicas e verbais, entre outros (Fernando, 13).

Falava de empregos, respeito e agressões constantes (Ana, 13).

Uma dificuldade de uma travesti é se adaptar com seus colegas de trabalho, eu acho (Ulisses, 13).

As travestis e negras sofrem muito preconceito por causa da sua cor ou crença inclusive discriminação por causa disso (Carolina, 13).

Serem aceitas pelo preconceito, isso diminui suas esperanças de serem aceitas como mulheres (Dale, 15).

Em uma matéria da rede globo uma das travesti fala que usa o banheiro unissex para se sentir a vontade (Bruno, 13).

A)Seguindo a lógica, travestis são mulheres, logo receberiam o mesmo salário que mulheres. O salário de uma travesti negra é de 1199. B)O salário médio de uma travesti branca é de 1849. C) isso ocorre graças ao preconceito e homofobia no mercado de trabalho, provavelmente por patrões brancos e héteros. (Flávio, 13)

Eu acho que todos merecem respeito atenção, todos merecem ser tratados todos da mesma forma o governo tinha que apoiar e ajudar todos e os protege-los (Josh, 13).

O vídeo mostrando uma travesti mexeu com os alunos, e eles se manifestaram nessa aula síncrona. Foi, segundo eles, a melhor aula. Eduardo apontou as dificuldades e a discriminação. Ulisses foi ao encontro do colega. Carolina apontou a interseccionalidade: “as travestis e negras”. Bruno lembrou uma matéria na TV “uma das travestis usa o banheiro unissex”. Flávio falou da hierarquia desigual nos salários, mostrando, portanto, que é possível debater essa temática em sala de aula.

Assim iniciei as transgressões nas imagens nos livros didáticos escolhidos. Primeiro utilizei as imagens escolhidas pelos alunos, a identificação dos setores industriais entre 1995-2015 em uma cartografia das mulheres no plural e na sequência questionamento de uma mulher pilotando o avião. Assim abordamos o sistema binário presente, ou seja, masculino e feminino, para então falar das mulheres travestis.



Nas Figuras 15, 16 e 17 iniciei a leitura das imagens pelos alunos. Assim mostrei onde elas são inseridas e que isso se configura como um contexto fortemente aprisionador e também que cada uma tenha seus sentidos contidos, direcionados, capturados para um fim e por um conteúdo específico. São elas:

Na Figura 15 as imagens foram escolhidas sem minha interferência, um olhar de cada um produziu essa diversidade.

Figura 15: Uma cartografia das mulheres no plural 1



Fonte: Dados elaborados pelo autor, 2021<sup>42</sup>.

A escolha das imagens pelos alunos passa por muitas espacialidades, mostrando a mulher cis na horta urbana, no campo, na manifestação política, na aldeia indígena, no esporte, na academia, na indústria, no voto, no turismo, no governo. Todas essas imagens podem ser trocadas facilmente de mulher cis para mulher travesti, assim invertendo a ordem da categoria mulher, transgredindo a normalidade e dando espaço a esses corpos dissidentes.

Nas Figuras 16 e 17, imagens escolhidas pelos alunos, separei por ocupação, para uma discussão do papel das mulheres no mercado de trabalho. A primeira (Figura 15) mostra mulheres nos setores econômicos primário e secundário.

<sup>42</sup> Organizei as colagens das turmas realizadas na Apresentação *Google* num mosaico com a intenção de demonstrativo das imagens escolhidas pelos alunos.

Figura 16: Uma cartografia das mulheres no plural 2



Fonte: Dados elaborados pelo autor, 2020.

A Figura 17 mostra apenas o setor industrial, onde a mão de obra masculina tem maior presença; ainda há uma resistência à mão de obra feminina em relação a determinados cargos e trabalhos. Imagine-se o que sobra para as mulheres travestis.

Figura 17: Uma cartografia das mulheres no plural 3



Fonte: Dados elaborados pelo autor, 2020.

Essas imagens todas, mostrando a mulher no setor industrial, em que os alunos tinham que fazer a identificação com a ocupação: 1.alimentos e bebidas, 2.calçadista, 3.elétrico e comunicação, 4.produção de vacina, 5.laboratório de genética animal, e 6.madeira e imobiliária. Em seguida a transgressão dessas imagens: as mulheres travestis aparecem ali para Denise “uma minoria quase invisível”, para Eduardo “todas tem mulheres, já a quatro não dá pra definir”. Aqui não conseguiu ver um corpo travesti, mas na imagem 4 ficou

indeciso se é homem ou mulher. Essa indecisão são imposições criadas por pessoas cis para definir o que são mulheres travestis, mas o aluno pondera “mas todos os postos de trabalho são facilmente (preenchida a vaga de emprego), podendo serem feitos por ambos os sexos. Já Fabiana “existem estereótipos que excluem as travestis”.

As reflexões dos alunos dessas imagens são transcritas a seguir:

(...) é importante lutarmos pelas mulheres transsexuais no mercado de trabalho, pois são constantemente discriminadas, principalmente na área agrícola em que não é comum se ver trans trabalhando. Acho que devia se dar mais espaço para ELAS nessa área, pois como a porcentagem de mulheres trabalhando como agricultoras está aumentando, a expectativa é que fique cada vez melhor. “Por todas as mulheres, tanto na agricultura, quanto em onde elas quiserem estar” (Denise, 13 anos, figura 16).

É importante as mulheres trabalharem para poderem combater o machismo contra a sociedade e a mesma coisa com a transfobia (Vini, 15 anos, figura 16).

Estas mulheres trabalham em uma fábrica de ovos de Páscoa, elas estão montando e embalando os ovos de Páscoa para depois serem vendidos (Ana, 13 anos, figura 15).

Como as mulheres estão ocupando seus espaços (Flávio, 13 anos, figura 16).

Na minha opinião, a importância da mulher no trabalho e pensar em ideias diferentes (Ulisses figura 16).

É tão importante falar sobre esse assunto, para tocar de certa forma as pessoas, principalmente os homens, para que assim não haja mais preconceito com as mulheres no mercado de trabalho, já que elas têm as mesmas capacidades que um homem tem para trabalhar em qualquer serviço (Eduardo, 13 anos, figura 16).

As leituras dessas imagens funcionaram como tropas (OLIVEIRA JR, 2020, p.7), o que gerou ampla leitura, consequentemente acionando outras e outras imagens. Denise, na leitura no mosaico “porcentagem de mulheres está aumentando”, Vini fala no “machismo contra a sociedade e é a mesma coisa com a transfobia”, também ele fala mais direcionado à linha de produção de ovos de Páscoa. Na maioria das falas foram mencionadas mulheres cis, mas as mulheres travestis foram lembradas “devia se dar maior espaço para ELAS”, como também a transfobia.

Por fim trabalhei a migração. Então propus a interpretação da estrutura, dinâmica e distribuição da população, identificando contrastes territoriais. Iniciei sobre a mobilidade entre as cidades, depois abordei as migrações internas e externas, principalmente feminização das migrações.

Esse tema, importante hoje em dia para a escola, é uma porta de entrada para a inserção dos imigrantes na nova sociedade. Também importa, como explica Curci (2019):

Pelas escolas serem portas de entrada fundamentais na nova sociedade na qual o imigrante se insere, a educação é uma importante dimensão dos processos migratórios. Ao envolver desde contextos mais burocrático como a questão da documentação, até situações de convívio como as dificuldades de comunicação e preconceito, a inserção dos imigrantes é ainda um desafio tanto para aqueles que chegam quanto para aqueles que os recebem (p.88).

A autora destaca a importância da escola para os imigrantes, porém eles têm dificuldade de acesso à instituição de ensino. O mesmo se dá com a permanência das travestis na escola. 57,1%<sup>43</sup> das mulheres não têm ensino fundamental completo e dentre os principais motivos estão o trabalho e o preconceito. Com o objetivo de trazer o debate sobre o tema para a sala de aula *on-line*, os alunos grafaram a espacialidade do imigrante em diferentes escalas. A narrativa foi coletiva:

#### A CONDIÇÃO DE POBREZA DOS PAÍSES

O feminismo busca a igualdade nas relações sociais, e a igualdade de gênero é uma ação de todos contra a dominação. Coreia do Sul: A taxa de pobreza das famílias onde chefes tens 35 anos aumentou (12%) principalmente entre as pessoas com mais de 65 anos. Paradoxo: a Coreia é a 13ª maior economia do mundo, atrás dos EUA, China, Japão, Alemanha, Índia, RU, França, Itália, Canadá, Rússia e Espanha. Irlanda: esse país aprovou a lei de reconhecimento de gêneros. Em 2019 a população da ilha era 4 milhões, e as mulheres ficam à frente dos homens em 45 mil, sendo eles 2 milhões. As mulheres ficam por baixo no mercado de trabalho, elas também são discriminadas (33%). Os homens ganham mais 700 euros contra 500 euros para elas. Na EU, a mulher é a única fonte de renda (15%) na família. Canadá: 8% da população está na linha da pobreza. A feminização da pobreza são as mulheres imigrantes e mulheres nativas, 26% delas são mães solteiras. Dubai: há feminização da pobreza. Mulheres e homens trans são negados, seja dentro das próprias famílias, na escola, no trabalho. EAU subiu pra 23 posições no índice de desigualdade de gênero em 2019, ele é o 26º no mundo. Alemanha: são 2 milhões de pessoas na pobreza na faixa de 65 anos. A pobreza ameaça mais as mulheres. Em 2007, 7 milhões delas contra 6 milhões de homens. A população trans sente pessoalmente discriminação ou assédio. Há desigualdade de gênero, ainda há muito a fazer para diminuir isso. Só podemos alcançar igual participação das mulheres se os homens se envolverem mais nas tarefas domésticas, no apoio, no cuidado e também na educação dos filhos. Itália: a pobreza atinge 700 mil menores de idade e são homens e mulheres e estão com alimentação comprometida, mulheres mães ganham 800 euros. Egito: as mulheres representam metade da população e cerca um terço são chefes de família, porém 40% são analfabetas e 16% têm emprego, já o caso das mulheres trans egípcias é mais desolador<sup>44</sup> (Org. autor, 2020).

<sup>43</sup> Dado da Associação de Travestis e Transexuais no Rio Grande do Sul, 2007.

<sup>44</sup> Os alunos Suzana (13), Fernando (13), Ana (13), Julio (13), Hérus (13), Carolina (13), Eduardo (13), Luís (14).

Os alunos apresentaram suas pesquisas sobre a dificuldade das mulheres travestis em outros países. Essas dificuldades foram encontradas em Coreia do Sul, Irlanda, Canadá, Egito. Esse texto coletivo mostra o potencial dos alunos. Houve nesta atividade uma parceria com a professora de Projeto de Vida interdisciplinamente com a Geografia. Eles tinham que escolher *uma viagem dos seus sonhos* e nas aulas falamos do fluxos de migração de mulheres travestis a partir dos países que os alunos desejavam conhecer.

O resultado foi esse panorama geopolítico do espaço mundial. Fernando (13), Ana (13), Júlio (13), Héris (13), Eduardo (13), por exemplo, trouxeram a situação da Coreia do Sul, da Irlanda, da Canadá, dos Emirados Árabes Unidos, da Alemanha, da Itália, e do Egito. Todos esses países mostrando empoderamento de mulheres Cis/Trans, reconhecimento de gênero, a feminilização da pobreza.

## **5. CONSIDERAÇÕES (QUASE FINAIS): AS SILENCIADAS FAZEM AQUI O SEU LUGAR**

Iniciei o trabalho falando sobre o percurso da minha vida, desde minha infância, passando pela graduação em Geografia até este momento de pós-graduando-professor. Comentei quando das primeiras leituras neste campo epistemológico Geografias Feministas e o quanto dar conta das exigências, necessidades e inquietudes de uma problemática desafiadora se faz urgente. A promessa de trabalhar gêneros no plural, rompendo a binaridade da sociedade, foi difícil, em função do panorama político em que nosso país se encontra e de uma BNCC normativa.

Este estudo buscou focar na identidade travesti a partir dos livros didáticos de Geografia e mostrou o quanto elas são negadas diante de tantas diversidades dos materiais didáticos.

A identidade travesti só existe no Brasil, não tem tradução fora daqui e é usada na luta por direitos da população. Há séculos, pessoas transgridem as normas de corpo e comportamento nos mais diferentes locais. O momento em que aparecem os termos cis e trans, em que as pessoas se identificam com o sexo e o desejo de modificar seus corpos, a violência transfóbica finca no sexismo, e aquelas pessoas que afrontam a normatividade têm que “voltar para o armário”, negando sua existência, para não serem agredidas.

Sobre a metodologia adotada para a realização do trabalho com os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, optou-se pela bricolagem pensando de que forma as travestis são percebidas pelos alunos na apresentação das atividades elaboradas. Nesse contexto, os livros ressaltaram marcadores de gênero, no caso o feminino, de forma a desmontar, bagunçar as imagens, visibilizando as mulheres travestis, e contribuiu para o questionamento dos conteúdos nos livros didáticos.

Cabe pontuar algumas reflexões que faço ao chegar no final desta pesquisa, mas são muito mais interrogações que foram surgidas no decorrer e que não foram possíveis de investigar. Dos motivos que me movimentaram nesta temática – que vão desde o brincar de casinha na infância à atual docência, com os alunos questionando a minha sexualidade – me aproximei das questões de gênero e sexualidade.

A primeira, preocupado com a atuação solitária do professor em sala de aula, argumentei sobre a importância de buscar formas de educar os olhares nas imagens do livro didático de Geografia, chamando atenção dos silenciados: as travestis. O papel do professor é

instigar, inquietar e desnaturalizar, pensar em outras possíveis realidades. É preciso mobilizar esses imaginários, pois distanciam do sentimento de hostilidade e se aproximam do sentimento da sensibilidade e principalmente da empatia.

A segunda reflexão refere-se ao gênero enquanto categoria de análise na Geografia, o que exige sensibilidade de compreensão. As travestis são pessoas com histórias, sonhos e vidas implicadas na circulação dos espaços da cidade. Com tantas barreiras impostas e um discurso transfóbico que se prolifera na sociedade e é silenciado nos livros didáticos de Geografia, é preciso mais e mais estudos direcionados para qualificar a educação dos alunos.

A terceira é ser travesti no Brasil. Busquei conhecer essas pessoas para poder desenvolver a escrita. Isso reforça a importância de se discutir a temática no ensino de Geografia. A diversidade impulsiona a repensar esse grupo na sala de aula. Nesse sentido, as atividades surgiram como uma forma de aproximar os alunos para que ampliassem o conhecimento sobre a Geografia do Brasil. Com essa abordagem, refletimos, eu e os alunos, o que é ser mulher e o que é ser homem nas imagens e seus sentidos ali inscritos.

A quarta foi que, com o ensino remoto, houve adaptações no fazer didático. A Geografia passou a ser não mais na escola, mas nas casas dos alunos e muitas vezes com as câmeras fechadas. Argumentei que o acesso à *internet* com equipamento adequado dobrou o trabalho, tendo que preparar aulas *on-line* e presenciais.

A quinta reflexão é que o uso das imagens em processo de desmonte problematiza a travestilidade com a intenção de mostrar outras mulheres. Argumentei nesse trabalho que o livro didático deve ser questionador e que isso não se refere a perguntar sobre conteúdos, mas tratar o conteúdo como proposição para entender o mundo e, portanto, outras realidades negadas. Olhar essas imagens produziu uma problemática: é possível se pensar as travestis nestes mesmos espaços? Elas também ocupam espaços de cuidado e poucas delas em profissões de destaque: estudante, faxineira, cabeleireira, funcionária pública, secretária, doméstica, engenheira, professora. Elas transitam nesses espaços, mas modificam seus corpos para ficarem mais femininas.

Isso fica evidente quando os alunos responderam tais atividades sobre a procura de emprego:

Provavelmente as travestis receberiam de salário médio o mesmo salário que o das mulheres, ou até menos por conta do preconceito no mercado de trabalho. Se fosse negro/ negra seria o mesmo que o das mulheres negras( 1199 reais) ou menos, pelos mesmos motivos: preconceito no mercado de trabalho. Eu não concordo, acho que deveria existir mais igualdade nos salários, já que provavelmente todas as pessoas se

dedicam e se esforçam em seus trabalhos, logo, isso é injustiça contra os negros/negras e LGBTs (Marcelo, 13 anos).

Para o aluno não é possível, mas ele pondera “provavelmente” que podemos pensar as travestis em outros espaços sem a prostituição. Ainda reforça a discriminação salarial. Assim, nesse relato estão presentes conflitos e barreiras que as mulheres travestis têm que superar para serem aceitas ou, no mínimo, respeitadas.

Por essas reflexões, o livro didático tem sido significativo para as escolas por abordar questões diversas, ampliando possibilidades, mas ainda existem a muitos desafios em relação à produção e avaliação na temática da diversidade de gêneros.

De todas as imagens vistas, não observo presença das mulheres travestis. O lugar delas no livro didático de Geografia é necessário, deveria estar presente. Na sociedade percebemos a presença desses corpos transgressores, seja no setor ocupacional, nos entretenimentos, nas escolas, na família, entre tantos outros locais da sociedade. Essa ausência nos livros didáticos gera tensões territoriais, principalmente nas cidades onde se tem uma maior população e visibilidade das mulheres travestis .

Mesmo com o livro didático, muitos conteúdos trabalhados em sala de aula transbordam seus limites para outros locais, entre eles: na televisão, *na internet*, nos *outdoors*, nos games etc. No entanto, há ausência de conteúdos relativos às mulheres travestis, inclusive no acesso de dados estatísticos sobre a população brasileira trazida pela pirâmide populacional, como ilustrado nesta pesquisa.



## REFERÊNCIAS

- ADAS, Melhem; ADAS Sergio. *Expedições Geográficas. 7ºAno*. São Paulo: Moderna, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Expedições Geográficas. 7ºAno*. São Paulo: Moderna, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Expedições Geográficas. 7ºAno*. São Paulo: Moderna, 2018.
- AGAINST ME. GRACE, Laura Jane. *Transgender Dysphoria Blues*. Flórida, Total Treble, 2014. Faixa 1. CD.
- ASSASSINATOS 2020. *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2018*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.
- BENTO, Berenice. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: ADUFBA, 2017.
- \_\_\_\_\_. *A reinvenção do corpo*. Sexualidade e gênero na experiência transexual. Salvador: Devires, 2017.
- BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim (org.). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2018*. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2019.
- BERRY, Kathleen. *Estruturas da bricolagem e da complexidade*. KINCHELOE, Joe L.; BERRY, kathleen S. J. *Pesquisa em Educação – conceituando a bricolagem*. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/310052218/EVERALDO-estruturas-Da-Bricolagem-e-Da-Complexidade>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- BRASIL. *Edital FNDE 2014*. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/3963-pnld-2014-anos-finais-do-ensino-fundamenta> Acesso em: 10 jan. 2020.
- \_\_\_\_\_. *Edital FNDE 2017*. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/6228-edital-pnld-2017>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- \_\_\_\_\_. *Edital FNDE 2020*. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/11555-edital-pnld-2020>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *PNLD 2014: geografia-Guia de livros didáticos-Ensino Fundamental anos finais*; Ministério da Educação-Secretaria de Educação Básica-SEB-Fundo de Desenvolvimento de Educação. Brasília, DF: Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica, 2013.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *PNLD 2017: geografia-Guia de livros didáticos-Ensino Fundamental anos finais*; Ministério da Educação-Secretaria de Educação Básica-SEB-Fundo

de Desenvolvimento de Educação. Brasília, DF: Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica, 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *PNLD 2020: geografia-Guia de livros didáticos-Ensino Fundamental anos finais*. Ministério da Educação-Secretaria de Educação Básica-SEB-Fundo de Desenvolvimento de Educação. Brasília, DF: Ministério de Educação. Secretaria de Educação Básica, 2019.

Butler, Judith *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

*Bolsonaro diz que livros didáticos tem "muita coisas escritas"*. Exame. Publicação 13/01/2020. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-diz-que-livros-didaticos-tem-muita-coisa-escrita/>. Acesso em: 12 abri. 2021.

BOLETIM DA ANTRA. *ASSASSINATOS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS BRASILEIRAS EM 2020*, Nº 05/2020 - 01 de janeiro a 31 de outubro de 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Pensar pela Geografia: ensino e relevância social*. Goiânia: Alfa Comunicações, 2019.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CARVALHO, Matheus dos Santos (e outros). Sou Frida, mas não me kaho: dificuldades vividas por travestis no acesso ao Serviço Único de Saúde. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, IV, Recife, *Anais [...]*, 2019.

CARVALHO, Renata. *Transfobia recreativa e o corpo risível*. Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2018. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

CHAVES, Ernani. Foucault e a questão gay. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FOUCAULT: Teoria Queer, feminismos e decolonialidades*. II. Bélem, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HBOC-aCph5o>. Acesso em: 12 abri. 2021.

COSTA, Gilcilene Dias da; MIRANDA, José Valdinei Albuquerque; SILVA, Josenilda Maria Maués da; RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas (org.) *.Currículo, diferença e pesquisa na educação básica*. Curitiba: CRV, 2018.

COSTA, Diego da. *Internet patrocinada está disponível para alunos e professores da rede estadual*. Seduc.RS. Publicação 27/08/2020. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/internet-patrocinada-esta-disponivel-para-alunos-e-professores-da-rede-estadual>. Acesso em: 12 abri. 2021.

CURCI, Natalia Benatti Zardo de. *Possibilidades geográficas entre migrações, migrantes e escolas*. *In: WYPYCZYNSKI, Rosa Elisabete Miltz; PREVE, Ana Maria Hoepers; CHAVES, Ana Paula Nunes; FIRMINO, Larissa Corrêa (org.). Educação Geográfica em Movimento*. Alfa & Comunicação: Goiânia, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Didi-Huberman e a escrita: ensaiar o ver entre a imagem e o conceito. *Revista Letrônica*, Porto Alegre, v. 12, n.3, 2019.

Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/3350>  
1. Acesso em: 10 dez. 2020.

ENGLER, Verónica. *Entrevista com Georges Didi-Huberman*. As imagens não são apenas coisas para representar. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/568830-as-imagens-nao-sao- apenas-coisas-para-representar-entrevista-com-georges-didi-huberman>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ESCOUTO, Cláudia Maliszewski. *A Geografia já saiu do armário?* Diálogos sobre Gênero, sexualidades e escola. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

*Exposição Madalena Schwartz: as metamorfoses*. Live (1h30). Canal YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9uZhF4nv8u8>. Acesso em: 12 abri. 2021.

FACCO, Lúcia. A escola como questionadora de um currículo homofóbico. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. *Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

FAKEMÍLIA TRADICIONAL BRASILEIRA. Video (3 min). Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1KgNzfuk4m6zDrg94WNemZQKW5-sBeNYy/view?usp=sharing> acesso em 2021.

FERREIRA, Débora Schardosin. *Cine-Geografar a escola: um currículo geográfico a partir do lugar*. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

FIRMINO, Larissa Corrêa. *Fotoatlas: uma cartografia de gênero em imagens de livros didáticos de geografia*. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. Tradução Maria Emantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Segurança. Território e População: curso no College de France (1977-1978)*. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Os anormais: curso no College de France (1974-1975)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; J.A. Guilhom Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque; Rio de Janeiro. Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro. Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 4: As confissões da carne*. Tradução Isabel Castro Silva, Rio de Janeiro: Gallemand, 2018.

GIRARDI, Gisele. Cartografias Sociais em diferentes contextos de aprendizagem. *In: COLÓQUIO CARTOGRAFIAS PARA CRIANÇAS E ESCOLARES*, XI, Mesa 1. *Anais [...]*, Pelotas, 2020, Pelotas, RS, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mhrr5yNTxhY>. Acesso em: 10 mar. 2021. Giro das 11.Brasil.2021.TV247.Exibido pelo Canal do YouTube.

\_\_\_\_\_. Mapas desejanter: uma agenda para a cartografia geográfica. *Pro-posições*, Campinas, v. 2, n. 3, 2009.

GONÇALVES, Amanda Regina. Desfazimento de caligramas do espaço: sobre imagens, geografias e coisas ditas. CAZETTA, Valéria; OLIVEIRA Jr., Wenceslao M. de. *Grafias do espaço: imagens da educação geográfica contemporânea*. São Paulo: Alínea, 2020.

HUTTA, Jan Simon; BALZER, Carsten. *Identidades e cidadania em construção: historização do “T” nas políticas de antiviolência LGBT no Brasil*. Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Descrição. Gênero, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html> Acesso em 2021.

KULICK, Dom. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Tradução Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LAN, Diana. *Geografias feministas, para mapear desigualdades*. Congresso Internacional sobre género y espacio. IV.2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/CIGEINT/videos/5448736195197725>. Acesso em: 12 abri. 2021.

LIMEIRA, Wendel; ANNE, Nunes. *O abandono de pessoas trans durante a pandemia*. LeMonde Diplomatique Brasil. Publicação 22/05/2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-abandono-de-pessoas-trans-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 12 abri. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias de gênero e sexualidade. *In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. MASSEY, Dorren. *O sentido global de lugar*. ARANTES, Antonio A.(org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

KAERCHER, Nestor André. *Práticas geográficas para lerpensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo*. Artmed: Porto Alegre, 2007.

MARCONI, Renata. *Transexual volta a estudar depois da lei do nome social na escola*. G1. Publicação 10/04/2015. Disponível em <http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2015/04/transexual-volta-estudar-depois-da-lei-do-nome-social-na-escola.html> acesso em 2021.

MELLO, Tyrone Andrade de. *Gênero no livro didático de geografia no ensino médio*. Trabalho de Conclusão (Graduação em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

\_\_\_\_\_. Uma questão de gênero - onde as imagens territorializam. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA, I. SEMINÁRIO ENSINAR GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE, IV, Anais [...]*, Maceió, 2018.

\_\_\_\_\_. Imagens de gênero: narrativas reflexivas com jovens da escola estadual. *In: SALÃO DE ENSINO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, XV, Anais [...]*, 2019.

\_\_\_\_\_. Foro 26 el coronavirus una experiencia. Disponível em: <http://geoforoforo2.blogspot.com/2020/03/foro-26-el-coronavirus-una-experiencia.html#comment-form> publicado, 2020. Acesso em: 12 abri. 2021.

\_\_\_\_\_. Gênero e Sexualidade: Onde estão no livro didático de Geografia? *In: Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2019, São Paulo. XIII, Anais [...]*, São Paulo: ANPEGE, 2019.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucey Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizontes: Mazza, 2012.

MONK, Janice. *Colocando gênero na geografia: política e prioridade. Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

MOREIRA, Carlos André Gayer. *Geografias queer & currículo*. Por Uma Educação Geográfica Fora do Armário! Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

MORENO, Magdalena; MASTROLORENZO, Cecilia. *Geografía y Educación Sexual Integral*. Aportes para la enseñanza de los espacios contemporâneos. Buenos Aires: Milena Caserola, 2021.

NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfin; AQUINO, Tathiane Araújo; CABRAL, Euclides Afonso. *Dossiê: A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans*. Urbelândia, 2017.

OLIVEIRA JR., Sara Wagner Pimenta Gonçalves; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. *Revista Estudos feministas*. Florianópolis.v.28 n.3, 2020.

OLIVEIRA JR., Wenscelao Machado de. Tropas de imagens partilham o (não) saber geográfico: territórios contestados de poder. *Punto Sur*. Revista de Geografia de la UBA, Buenos Aires, n.2, 2020, jan-jun. Disponível em <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/RPS/article/view/8085>. Acesso em: 10 dez. 2020.

OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. *O livro didático de geografia como estratégia de governamento*. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

OLIVEIRA JR, Sara Wagner York. Mesa *Transexualidade e Foucault*. In: Colóquio Internacional Foucault, II, Universidade Estadual do Pará nov-dez/2020. Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCXxMQeQ-HR76oH0KqYr8-Vw/videos>. Acesso em: 12 abri. 2020.

PASINI, Elisiane (org.). *Educando para a diversidade*. Porto Alegre: Nuances, 2007.

PARAISO, Marlucy Alves (org.). *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades*. Curitiba: CRV, 2010.

\_\_\_\_\_; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. *Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Belo Horizontes: Mazza, 2018.

PONZ, María Magdalena López. El curricular em la enseñanza de una geografía con perspectiva de género. In: MIKKELSEN, Claudia; PICOLE, Natasha. *Geografías del presente para construir el mañana: miradas geográficas que contrinuyen a leer el presente*. Buenos Aires: Tandil, 2018.

PRECIADO. Paul B. *Testo yonqui: sexo, drogas y biopolítica*. Barcelona: Anagrama, 2008.

RAMOS, Gleys Ialles. O lugar político das mulheres: feminismos, possibilidades e contribuições da geografia. *Revista da Anpege*, São Paulo. v.17, n.32, 2021.

REIS, Gabriel. *Buxexa faz comentário transfóbico em live e acaba desligado do Fluxo*. The Enemy. Brasil. Disponível em <https://www.theenemy.com.br/esports/buxexa-faz-comentario-transfobico-em-live-e-acaba-desligado-do-fluxo>. Acesso em: 12 abri. 2021.

RIBEIRO, Vagner Costa. *Por Dentro da Geografia*. 7º Ano. São Paulo: Saraiva, 2012.

\_\_\_\_\_. *Por Dentro da Geografia*. 7º Ano. São Paulo: Saraiva, 2015.

\_\_\_\_\_. *Por Dentro da Geografia*. 7º Ano. São Paulo: Saraiva, 2018.

RODRIGUES, Elisandro; SCHULER, Betina. Montagem do pensamento e da escrita acadêmica em educação: conversações entre Deleuze e Didi-Huberman. *Revista Educação Temática Digital*, Campinas, v. 21, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8650463>. Acesso em: 10 dez. 2020.

RODRIGUES, Cicera Sineide; THERRIEN, Jacques; FALCÃO, Giovana Maria Belém; GRANGEIRO, Manuela Fonseca. Pesquisa em educação e bricolagem científica: rigor, multirreferencialidade e interdisciplinaridade. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, n. 162, 2016. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/3720> Acesso em: 10 dez. 2019.

SANTOS, Vanessa Sonia. Bricolagem metodológica na compreensão de performances interativas no espaço público. *Revista Aspás*, vol. 7, n.2, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/136813>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: USP, 2012.

SAN'TANNA Ilza Martins. *Por que avaliar? Como avaliar? – critérios e instrumentos*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SEFFNER, Fernando. Sempre atrás de um buraco tem um olho! Racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na Educação Básica. *Práxis Educativa*, v.15, 2020.

SENSOLO, Grazielle Macedo Barreto; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. A cidade e suas representações: compreender provisoriamente o espaço urbano. In: TONINI, Ivaine M. et. al (orgs.). *Movimentos para ensinar Geografia - revoluções*. Goiânia: Alfa Comunicação, 2021.

SENNA, Ariane Moreira de. A vontade do saber: a construção da visão sobre a (in)existência das pessoas trans a partir de uma visão foucaultiana. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, IV. *Anais [...]*, Recife, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma construção à teoria do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SILVA, Lucíola Carla Correia de. *A visibilidade: transgênero no Instagram*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, IV, *Anais [...]*, Recife, 2019.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; CHIMIN, Alides Baptista Junior. *Espaço, gênero e feminilidades: Ibero-americanos*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

\_\_\_\_\_, ORNAT, Márcio José; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; CHIMIN, Alides Baptista Junior; Przybysz, Juliana. *O corpo como elemento das geografias feministas e Queer: um desafio para a análise no Brasil*. Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.

\_\_\_\_\_. Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição. In: SILVA, Joseli Maria. *Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica*. In: SILVA, Joseli Maria. *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

\_\_\_\_\_. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: SILVA, Joseli Maria. *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

\_\_\_\_\_. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli Maria. *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVEIRA, María Laura. Geografia e o mundo contemporâneo: pensando perguntas significativas. *Boletim Campeiro*, v. 2, n. 2, Campinas, 2012.

SILVA, Suzana Maria Veleda de. A perspectiva feminista na geografia brasileira. *In: Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SUL21. “*Só pude assumir quando fui reconhecida profissionalmente*” diz professora transexual. Publicação 28/11/2011. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-geral-noticias-2/2011/10/eu-so-pude-assumir-quando-fui-reconhecida-profissionalmente-diz-professora-transexual/>. Acesso em: 12 abri. 2021.  
TransMissão. Brasil.2021.Temporada exibida pelo Canal Brasil.

TONINI, Ivaine Maria. *Identidades Capturadas: Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia*. 2002. 139f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

\_\_\_\_\_. Notas sobre imagens para ensinar Geografia. *Revista Brasileira de Educação Geográfica*, Campinas, v. 3, n. 6, p. 177-191, jul./dez., 2013. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/165> Acesso em: 10 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia. *Revista Mercator*, Fortaleza, ano 2, n. 4, 2003.

\_\_\_\_\_. GOULART, Ligia Beatriz. *Desafios para potencializar o livro didático de geografia*.

\_\_\_\_\_. *O livro didático de geografia e os desafios da docência para aprendizagem*. Porto Alegre: Sulina, 2017.

TOMAZ, Kleber. *Em video professora alega ter sido demitida de escola por ser transexual*. G1. Publicação 24/07/2015. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/07/em-video-professora-alega-ter-sido-demitida-de-escola-por-ser-transexual.html>. Acesso em: 12 abri. 2021.

TRANSRESPECT.ORG. Projeto Trans Murder Monitoring (TMM). Organização Transgender Europe. Disponível em <https://transrespect.org/es/> acesso em 2021.



## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### PILOTA DE AVIÃO

#### Diferenças segundo o sexo

Nas últimas décadas a mulher aumentou sua participação na força de trabalho. Se em 1970 o contingente feminino na População Economicamente Ativa (PEA) era de 18,5%, em 2017 ela atingia 43,5%, de acordo com dados do IBGE. Apesar disso, as mulheres brasileiras ganham menos que os homens, ainda que desenvolvam a mesma função. A tabela 2 ao lado ilustra essa situação.

De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), em 2017 a maior parte das mulheres que trabalhava atuava no setor informal, que não registra o trabalhador. Assim, elas ficam sem garantias sociais e trabalhistas, como aposentadoria e férias remuneradas. E a maioria, apesar de trabalhar fora de casa, continua cuidando das tarefas domésticas.

Existem áreas com maior presença feminina no mercado de trabalho, como educação (professoras de crianças e jovens), saúde (enfermeiras, cuidadoras de idosos), serviços administrativos (secretárias, recepcionistas) e serviços domésticos (faxineiras). Porém, esse cenário vem se alterando há algum tempo, com a diversificação das ocupações femininas. Muitas mulheres estão superando barreiras e ocupando postos de trabalho em áreas que costumam ser ocupadas pelos homens, como engenharia e construção civil. Há pilotas de avião, presidentes de banco e de grandes empresas, militares, mecânicas de automóvel, atletas, condutoras de ônibus e caminhões, entre outras funções (figura 14). Mas é o setor de serviços – transportes, comunicações, comércio, instituições financeiras, administrações públicas, etc. – o que mais emprega mulheres.

Apesar disso, as mulheres ainda enfrentam desafios por terem que desenvolver a chamada dupla ou, em alguns casos, tripla jornada de trabalho. A dupla jornada ocorre porque apesar de trabalhar fora, em geral ela ainda cuida da limpeza da casa e de roupas, por exemplo. E se torna tripla quando, além disso, cuida dos filhos.

| Escolaridade           | Homens | Mulheres |
|------------------------|--------|----------|
| Analfabeto             | 1319   | 1161     |
| Fundamental incompleto | 1765   | 1235     |
| Fundamental completo   | 1871   | 1320     |
| Médio incompleto       | 1691   | 1269     |
| Médio completo         | 2216   | 1599     |
| Superior incompleto    | 3257   | 2250     |
| Superior completo      | 7325   | 4581     |
| Total                  | 2864   | 2389     |

Fonte: elaborado com base em Dieese. Disponível em: <[www.dieese.org.br](http://www.dieese.org.br)>. Acesso em: dez. 2017.



Sgt. Vainim/Força Aérea Brasileira

**Figura 14.** Pilota de avião, da Força Aérea Brasileira (FAB), 2016.



#### Criola

<[www.criola.org.br](http://www.criola.org.br)>  
Organização da Sociedade Civil que trabalha para promover os direitos das mulheres negras. O site traz publicações, vídeos e biografias de personalidades negras na história.

## APÊNDICE B

## ASSASSINATOS DE PESSOAS TRANS

Observe os elementos essenciais que permitem a leitura correta das informações apresentadas. Nesse gráfico o eixo vertical mostra a incidência dos assassinatos.

No eixo horizontal, mostra os casos por regiões do Brasil de acordo com a divisão proposta pelo IBGE.

Indique as regiões que registram a menor e a maior taxa de assassinatos e qual é a situação da região onde está o estado onde você vive?

Quais as razões levam as regiões brasileiras a apresentar diferentes taxas de assassinatos?





FOTOS DA CAPA. NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfin; AQUINO, Tathiane Araújo; e CABRAL, Euclides Afonso. *Dossiê: A Geografia dos Corpos das Pessoas Trans*. Brasil, 2017.

#### DA ESQUERDA À DIREITA:

1. Start inicial para a execução do projeto no Fórum Social 2016 em Porto Alegre. Da esquerda para a direita: a secretária de comunicação Sayonara Nogueira, a presidente Tathiane Araújo e a vice-presidente Marcelly Malta da Rede Trans Brasil.
2. Marcelly Malta e Sissy Kelly durante o II Workshop Regional da Rede Trans Brasil. Etapa Sudeste, em Uberlândia(MG), outubro de 2016. Imagem: Neto Lucon
3. Kayla Lucas, São Paulo (SP), e Isadora Melina, Americana (SP).
4. Bia, Tupaciguara (MG) e Milena, Itapecuru (MA).
5. Larissa, morta a tiros na sarjeta em bairro de SP.
6. Brenda Alberlock, Salvador (BA) e Taciane Pires, Teresina (PI).
7. M. M., de 16 anos, encontrada morta com golpes de caibro em Sinop(MT) no dia 20/03/2016.

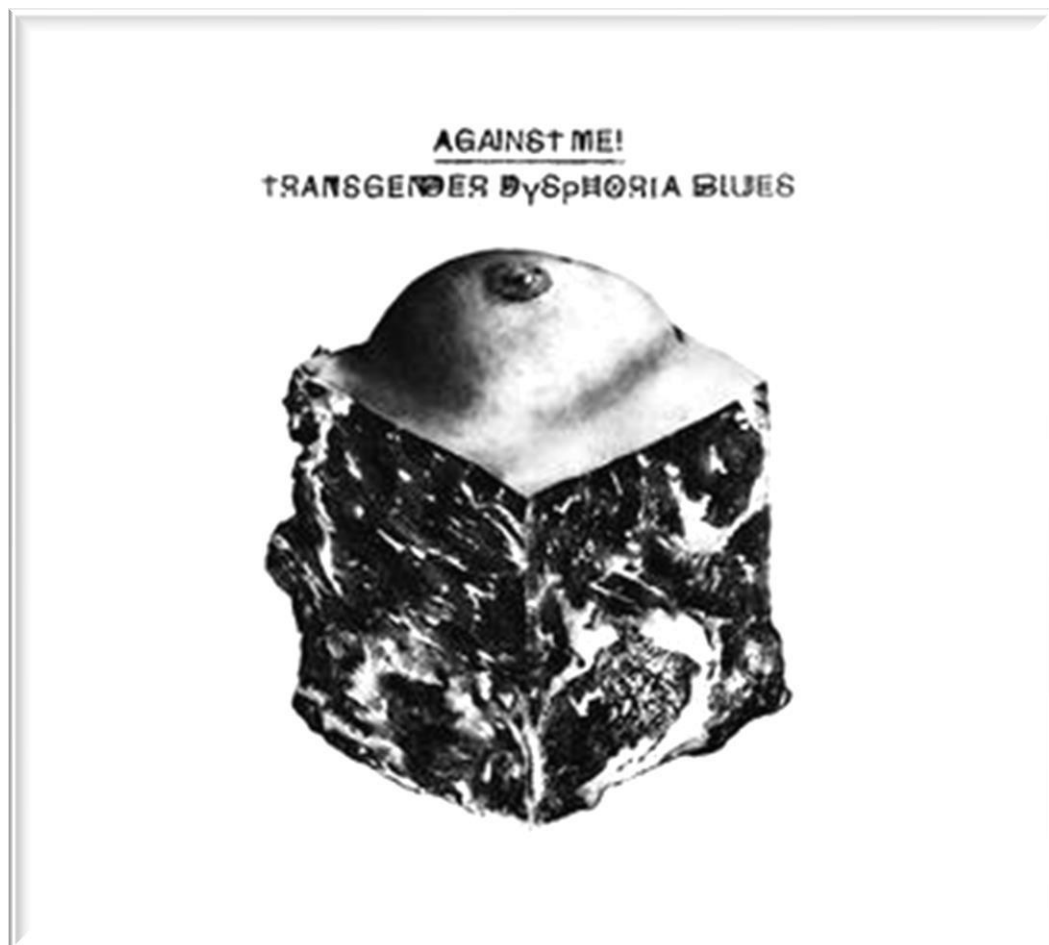


FOTO DO DISCO DEDICATÓRIA. AGAINST ME. GRACE, Laura Jane. *Transgender Dysphoria Blues*. Flórida, Total Treble, 2014. Faixa 1. CD.

INTEGRANTES:

LAURA JANE GRACE: VOCALISTA, GUITARRISTA  
JAMES BOWMAN: GUITARRISTA  
ATOM WILARD: BATERISTA  
INGE JOHANSON: BAIXISTA